

NÚMEROS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	Capítulo 35
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	Capítulo 36

INTRODUÇÃO

Título e Campo de Ação. Entre os títulos antigos dados a este livro inclui-se o que se usa nas Bíblias hebraicas atuais, *bemidbar*, que significa "no deserto". Foi extraído de uma palavra destacada na primeira linha, e é bastante descritivo do conteúdo total. O título em português tem sua origem na Versão Septuaginta (LXX), de onde através da Vulgata, obtivemos o nosso título Números. Só alguns poucos capítulos (1-4; 26) se relacionam com números (recenseamento), enquanto o todo do livro trata das leis, regulamentos e experiências de Israel no deserto. Não devemos, contudo, diminuir o significado dos dois recenseamentos, um feito no Sinai em preparação para o deserto, e o outro feito perto do Jordão, quase quarenta anos depois, em preparação para a entrada na terra prometida. Poderia-se dizer que estes dois recenseamentos dividem o livro em suas duas partes lógicas. Assim, os capítulos 1-21 começam com o recenseamento e cobrem os anos passados no deserto, enquanto os capítulos 26-36 começam com o recenseamento da nova geração e falam dos meses antes da entrada em Canaã. A história de Balaão, que separa

os dois grupos de capítulos, forma um ponto alto literário, sobre o qual comentaremos mais tarde.

Números não deve ser estudado independentemente de Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Por exemplo, Êxodo 19:1 fala da chegada de Israel no deserto de Sinai no terceiro mês depois que os hebreus deixaram a terra do Egito. Do terceiro ao décimo segundo mês eles receberam o Decálogo, instruções para a construção do Tabernáculo, e orientação quanto aos muitos detalhes do sistema sacrificial apresentado em Levítico. Em Números, o povo de Israel aprende como funciona um acampamento. Organiza-se sua economia civil, religiosa e militar, antecipando sua viagem, cultos e conquistas corpo nação.

Leis e instruções suplementares quanto aos muitos detalhes legais e cerimoniais de Êxodo e Levítico estão disseminados através de todo o livro. A data mais precoce apresentada em Números encontra-se em 9:1, onde somos informados de que no primeiro mês do segundo ano, o povo recebeu regulamentos quanto à guarda da primeira Páscoa comemorativa. Números 1:1, 2 fala-nos que Israel, quando se encontrava no Sinai, fez um recenseamento no segundo ano, e recebeu instruções adicionais, principalmente cerimoniais (capítulos 5-10), partindo de Sinai no vigésimo dia do segundo mês, começando o segundo ano depois do Êxodo (10:11). Números, então, apresenta a história dos movimentos de Israel desde os últimos dezenove dias no Sinai (1:1; 10:11) até que o povo chegou aos Campos de Moabe, a leste do Jordão, no quadragésimo ano (Nm. 22:1; 26:3; 33:50).

A seqüência dos acontecimentos no livro de Números segue assim: Do Sinai, Israel viajou para o norte até o Deserto de Pará. Ali os espiões que trouxeram o "mau relatório" instigaram uma rebelião, e o povo por isso recusou-se a entrar na terra. Por causa de tola presunção sofreram derrota pelas mãos dos pagãos, e foram levados de volta a peregrinar no deserto mais trinta e oito anos. No final deste período, viajaram até as planícies de Moabe, a leste do Jordão, venceram e ocuparam toda a Transjordânia que fica ao norte do rio Amom. Ali caíram em pecado

com as mulheres moabitas e midianitas e adoraram seus deuses. Israel, em sua nova geração, foi novamente contada, e sob as ordens de Deus destruiu os midianitas que tanto mal lhe fizera. Gade e Rúben e a meia tribo de Manassés receberam a posse das terras ao leste do Jordão, e Moisés designou Josué como seu sucessor. Dos capítulos 20 até o capítulo 36, o livro trata de acontecimentos do quadragésimo ano (36:13). Por causa de suas muitas leis e regulamentos esta parte tem muito em comum com o livro de Deuteronômio.

Data e Autoria. G.B. Gray apresenta a opinião de um grupo de críticos quando diz, referindo-se a Números: "Muito do que aqui se relacionou com o tempo de Moisés pode ser provado anti-histórico . . ." (ICC, pág. xiii). Ele admite, contudo, que alguns assuntos apresentados "não são incompatíveis com quaisquer fatos e condições históricas conhecidas". Tentando estabelecer a responsabilidade do Livro de Números sem admitir sua autoria mosaica, muitos mestres têm proposto que se compõe de diversos documentos. A maior parte desses livros os mestres designam pelo título de Documentos "P" (P de Priestly – Sacerdotais), os quais declaram terem sido escritos não antes do que o sexto ou quinto século A.C., principalmente por sacerdotes do período pós-exílico. Aceitam que parte de Números deve-se a "J" e "E", dois documentos não mais antigos que do nono ou oitavo séculos A.C. Mesmo estes documentos mais antigos, dizem eles, estão tão distantes de Moisés, e suas tradições são tão confusas que pouco nos falam sobre o período mosaico.

Tal ponto de vista deixa-nos com um livro escrito durante um período de tempo que cobre meio milênio ou mais, compilado por muitos e diferentes autores, editores e redatores. Números, dizem tais críticos, "peca por falta de unidade de expressão religiosa", e é "impossível resumir as idéias fundamentais, ou destacar o valor religioso do livro, pois estas são diferentes e esparsas" (*ibid.*, pág. xlvii). Os argumentos básicos apresentados por Gray e outros sustentando esta hipótese documentaria sobre a origem do Pentateuco, já não se considera

mais válida pelos melhores mestres. E.E. Flack, em *Interpretation* (1959, XIII. pág. 6) diz, "A tendência no pensamento atual é reconhecer o material precoce do Pentateuco buscando uma solução mais satisfatória ao problema da estrutura literária do que a teoria documentada fornece". (Veja também B.D. Eerdmans, *Oudtestamentische Studien*, Deel VI, 1949). C.H. Gordon em seu "Homer and the Bible" (*Hebrew Union College Annual*, Vol. XXVI, 1955) observa que "textos recentemente descobertos provam que grande parte do material atribuído a 'P' é muito precoce, pré-mosaico até ". Gordon aqui acusa os advogados do ponto de vista documentário de apresentarem datas hipotéticas ao estrato (documentos) hipotético para chamá-lo de crítica "histórica".

Contudo, tendências recentes entre os mestres não resultaram de alguma aceitação generalizada das reivindicações apresentadas no livro (oitenta ou mais vezes) de que "o Senhor falou a Moisés" ou de que "Moisés escreveu as suas saídas . . ." (33:2). Pode-se perguntar se fraudes sagradas não inseriram as palavras, "O Senhor falou a Moisés", para conceder à sua obra literária uma nota de autoridade. W.F. Albright, o célebre arqueólogo, destacou que a fraude sagrada e a pseudoepigrafia não eram comuns no Oriente pré-helênico.

Realmente, os descobrimentos da arqueologia moderna forçaram alguns mestres a mudarem de atitude quanto à origem de grande parte do material de Números. Muitos arqueólogos modernos competentes chegam a depender de referências geográficas do Pentateuco para orientá-los em seu trabalho. Há pouco tempo, em 1959, Nelson Glueck, após muitos anos de frutíferos descobrimentos nas terras bíblicas, falando da espantosa memória histórica" da Bíblia, disse, "pode-se declarar categoricamente que nenhuma descoberta arqueológica jamais entrou em controvérsia com uma referência bíblica" (*Rivers in the Desert*, pág. 31).

O Livro de Números, ao lado de outros livros do Pentateuco, há muito tem apresentado difíceis problemas para os mestres. Mas muitos dos problemas foram resolvidos à luz de recentes descobertas de dados

adicionais. Como bom exemplo veja os comentários feitos a Números 34:15. Os críticos se achegam às Escrituras de maneira negativa e destrutiva muitas vezes, pois começam a excluir o sobrenatural. Devemos nos aproximar do texto de Números com uma atitude positiva e com fé na validade do sobrenatural. Podemos criticar o texto e estarmos alertas às dificuldades que há nele, sem fecharmos nossas mentes ao seu verdadeiro significado. Em assuntos que envolvem o sobrenatural, devemos procurar o significado mais claro, que seja consistente com um método histórico-gramático de interpretação. Quando a Bíblia proclama que houve intervenção sobrenatural, devemos aceitar a declaração dentro de suas próprias razões. Onde a Bíblia não o declara, não devemos procurar nada sobrenatural no texto; pois interposição do sobrenatural costuma ser a exceção e não a regra. Daí, o que alguém pensa sobre a origem de Números depende de que pressuposição filosófica ele aceita. Se a sua filosofia básica é naturalista, concluirá que esse livro sobrenaturalista é fraudulento e fantasista. Mas se alguém crê que o Ser Supremo pode intervir no curso dos acontecimentos humanos, não achará difícil encarar o livramento de Israel no Egito como sobrenatural.

Temos de reconhecer, contudo, que havia uma economia do sobrenatural. Moisés não vivia fazendo milagres, nem Deus ditou cada palavra do texto inspirado. O profeta sem dúvida fez uso de numerosos escribas (cons. Nm. 11:16, 25) o que explica o uso da terceira pessoa) Deus revelara diretamente a Moisés algumas partes do livro, incluindo as provisões para o estabelecimento na terra e os detalhes do procedimento cerimonial. Mas por outro lado, Moisés e seus escribas provavelmente tinham acesso a documentos e conheciam muitas tradições orais. O Espírito de Deus guardava-os dos erros de fato, doutrina ou julgamento. A narrativa de Balaão e Balaque (Nm. 22-24) é a única passagem no livro que não se atribui expressamente a Moisés e na qual Moisés não é mencionado.

ESBOÇO

Primeira Parte: Israel no Deserto. 1:1 – 21:35.

I. Primeiro recenseamento no Deserto do Sinai. 1:1 - 4:49.

A. Recenseamento dos soldados de Israel. 1:1-54.

B. Disposição do acampamento. 2:1-34.

C. Função sacerdotal dos filhos de Arão. 3:1-4.

D. Obrigações e recenseamento dos levitas. 3:5-39.

E. Recenseamento dos primogênitos do sexo masculino. 3:40-51.

F. Recenseamento da força do trabalho levita e suas obrigações. 4: 1-49.

II. Primeira lista sacerdotal. 5:1 – 10:10.

A. Separação dos imundos. 5:1-4.

B. Compensação por ofensas e honorários sacerdotais. 5:5-10.

C. Julgamento por ciúmes. 5:11-31.

D. Lei do nazireado. 6:1-21.

E. A bênção dos sacerdotes. 6:22-27.

F. Ofertas dos príncipes tribais. 7:1-89.

G. O candelabro de ouro. 8:1-4.

H. Consagração dos levitas e sua aposentadoria. 8:5-26.

I. Primeira Páscoa comemorativa e a primeira Páscoa suplementar. 9: 1-14.

J. A nuvem sobre o Tabernáculo. 9:15-23.

K. As duas trombetas de prata. 10:1-10.

III. Do Deserto do Sinai ao Deserto de Parã. 10:11 – 14:45
(cons. 10:12; 13:26).

A. Partida do Sinai. 10:11-36.

1. Ordem de marcha. 10:11-28.

2. Hobabe convidado para servir de guia. 10:29-32.

3. A arca da aliança. 10:33-36.

B. Taberá e Quibrote-Hataavá. 11:1-35.

1. Taberá. 11:1-3.

-
2. O maná é fornecido. 11:4 -9.
 3. Os setenta anciãos de Moisés na função de oficiais. 11:10-30.
 4. Castigo por meio de codornizes em Quibrote-Hataavá. 11:31-35.
- C. Rebelião de Miriã e Arão. 12:1-16.
- D. A história dos espias. 13:1 – 14:45.
1. Os espias, sua missão e seu relatório. 13:1-33.
 2. O povo fica desanimado e rebela-se. 14:1-10.
 3. A intercessão de Moisés. 14: 11-39.
 4. Fútil tentativa de invasão em Hormá. 14: 40-45.
- IV. Segunda lista sacerdotal. 15:1 – 19:22.
- A. Detalhes cerimoniais. 15:1-41.
1. Quantidade de ofertas de manjares e libações. 15 -16.
 2. Ofertas de bolo das primícias. 15:17-21.
 3. Ofertas pelos pecados de ignorância. 15:22-31 .
 4. Castigo da violação do sábado. 15:32-36.
 5. Borlas. 15:37-41.
- B. A rebelião de Coré, Datã e Abirão. 16:1-35.
- C. Incidentes da vingança do sacerdócio araônico. 16:36 – 17:13.
- D. Deveres e rendimentos dos sacerdotes e levitas. 18:1-32.
- E. A água da purificação para aqueles que estavam contaminados pelos mortos. 19: 1-22.
- V. Do Deserto de Zim às estepes de Moabe. 20:1 – 22:1.
- A. O Deserto de Zim. 20:1-21.
1. O pecado de Moisés (perto de Cades). 20:1-13.
 2. Pedido para atravessar Edom. 20:14-21.
- B. A região do Monte Hor. 20:22 - 21:3.
1. Morte de Arão. 20:22-29.
 2. Arade, o cananeu, derrotado em Hormá. 21:1-3.
- C. A viagem às estepes de Moabe. 21:4 - 22:1.
1. Rebelião na viagem à volta de Edom. 21:4 -9.
 2. Lugares atravessados na marcha partindo de Arabá. 21:10-20.
 3. Derrota dos amorreus. 21:21-32.

4. Derrota de Ogue, rei de Basã. 21:33-35.
5. Chegada às planícies de Moabe. 22: 1.

Segunda Parte: Intriga estrangeira contra Israel. 22:2 – 25:18.

- I. Fracasso de Balaque de afastar o Senhor de Israel. 22:2 – 24:25.
 - A. Balaão é convocado por Balaque. 22:2-40.
 - B. Os oráculos de Balaão. 22:41 – 24:25.
- II. O sucesso de Balaque de afastar Israel do Senhor. 25:1-18.
 - A. O pecado de Baal-Peor. 25:1-5.
 - B. O zelo de Finéias. 25:6-18.

Terceira Parte: Preparativos para a entrada na terra. 26:1 – 36:13.

- I. Segundo recenseamento, nas Planícies de Moabe. 26:1-65.
- II. A lei da herança. 27:1-11.
- III. Indicação do sucessor de Moisés. 27:12-23.
- IV. Terceira lista sacerdotal. 28:1 - 29:40.
 - A. Introdução. 28:1, 2.
 - B. Ofertas diárias. 28:3-8.
 - C. Ofertas sabáticas. 28:9, 10.
 - D. Ofertas mensais. 28:11-15.
 - E. Ofertas anuais. 28:16 - 29:40.
 1. Festa dos Pães Asmos. 28:16-25.
 2. Festa das Semanas. 28:26-31.
 3. Festa das Trombetas. 29:1-6.
 4. Dia da Expição. 29:7-11.
 5. Festa dos Tabernáculos. 29:12-40.
- V. A validade dos votos das mulheres. 30:1-16.
- VI. Guerra com Midiã. 31:1-54.
 - A. Destruição de Midiã. 31:1-18.
 - B. Purificação dos guerreiros. 31:19-24.
 - C. Divisão dos despojos de guerra. 31:25-54.
- VII. Estabelecimento de duas tribos e meia na Transjordânia. 32:1-42.

- A. A resposta de Moisés ao pedido de Gade e Rúben. 32:1-33.
 - B. Cidades reconstruídas por Rúben e Gade. 32:34-38.
 - C. Gileade tomada pelos manassitas. 32:39-42.
- VIII. A rota do Egito ao Jordão. 33:1-49.
- IX. Orientação para o estabelecimento em Canaã. 33:50 - 35:34.
- A. Expulsão dos habitantes, estabelecimento das fronteiras, divisão da terra. 33:50 - 34:29.
 - B. Cidades dos levitas e cidades de refúgio. 35:1-34.
- X. Casamento de herdeiras. 36:1-13.

COMENTÁRIO

Primeira Parte. Israel no Deserto. 1:1 – 22:1.

I. Primeiro Recenseamento, no Deserto de Sinai. 1:1 - 4:49.

O cenário é o Sinai, uns dez meses depois que Israel chegou ali (Êx. 19:1). Faltavam apenas dezenove dias para a nuvem se levantar de sobre o Tabernáculo e Israel começar a viagem para a Terra Prometida (Nm. 10:11). Considerando que o povo teria de enfrentar um deserto estéril e resistência inimiga rija, havia necessidade de um acampamento bem organizado.

Números 1

A. Recenseamento dos Soldados de Israel. 1:1-54.

1. Falou o Senhor a Moisés. Esta fórmula foi usada mais de oitenta vezes no Livro de Números. Se esta obra não fosse de Moisés, seria necessário aceitar que o escritor destas palavras foi um impostor. **No segundo ano . . . segundo mês.** Exatamente um mês depois que o Tabernáculo foi levantado (Êx. 40:1,17). Números 7:1 e 9:1, 15 referem-se ao primeiro dia do primeiro mês, antedatando este versículo inicial de um mês. Os sacerdotes e o Tabernáculo foram consagrados nesse mês

(Êx. 40; Lv. 8); os príncipes trouxeram suas ofertas nesse mês (Núm. 7); e comemorou-se então a primeira Páscoa. (9: 1-14).

2. Levantai o censo de toda a congregação. O Tabernáculo, recém-terminado, tomou-se o centro do acampamento. O exército tinha de ser organizado e todo o acampamento arrumado e disposto como uma organização religioso-civil e militar; por isso a necessidade básica de um **recenseamento**. A palavra *ro'sh*, censo, comumente significando "cabeça", foi traduzida para número em I Cr. 12:23. Do mesmo modo cabeça refere-se à contagem propriamente dita dos indivíduos ou cabeças (*gulgelot*, "crânio").

3. Da idade de vinte anos para cima, todos os capazes de sair à guerra. Esta terminologia, usada quatro vezes através de todo o capítulo, torna claro que o recenseamento tinha propósito militar. Os levitas não militares tiveram um recenseamento separado (1:47-49; 3:14-51).

5. Estes . . . são os nomes dos homens. Tentativas de provar que a lista (vs. 5-15) "não é histórica" não têm o apoio dos dados concretos. O uso abundante do nome divino El (Eliabe, Pagiél, etc.) não indica de modo nenhum uma autoria posterior (ICC, *Numbers*, págs. 6, 7), pois o nome é livremente usado em nomes pessoais nos textos ugaríticos de cerca de 1400 A.C. Também o composto *Shaddeiy* (como em *Zurisadai*, v. 6) aparece em um nome pessoal de uma estatueta dos fins do século quatorze (Wm. F. Albright, *The Biblical Period*, pág. 7).

18. Declararam a descendência deles. Para a mente semítica, conhecer a genealogia de alguém é mais importante do que saber a data do seu nascimento ou sua idade. Por isso temos as longas genealogias da Bíblia, que foram usadas, finalmente, para traçar a descendência do Messias através de Abraão, Judá e Davi, de acordo com as promessas de Deus.

19 Assim os contou. Este verbo *peiqad* tem um amplo significado. Aqui significa "passar em revista", ou "fazer a chamada" e, neste sentido, "numerar". As muito repetidas frases, as suas gerações, pelas suas

famílias, segundo a casa de seus pós (v. 20) indicam o que nós queremos dizer quando falamos em "famílias" "afãs" e "tribos".

46. Seiscentos e três mil quinhentos, e cinqüenta. Este número se refere apenas ao exército, pois eram duas as condições governando a numeração – os homens incluídos deviam ter acima de vinte anos e deviam estar aptos para a guerra. Calculou-se que de dois a três milhões de pessoas – incluindo os levitas, pessoas idosas, crianças e mulheres – compunham o acampamento. Mestres incapazes de aceitarem o elemento sobrenatural na operação de Deus com o Seu antigo povo declaram que cinco mil soldados seria um número mais razoável de se esperar, e explicam este número como um recenseamento posterior colocado em lugar errado. Há quem diga que foi o recenseamento de Davi em II Sm. 24. Mas lá o número dos soldados só de Judá é de 500.000 (II Sm. 24:9), enquanto aqui Judá tinha só 74.000. Em II Sm. 24 o termo para soldado é *'ish hayl*, "homem de pujança"; em Números é *kol yose' seibei'*, "todo aquele que sai com o exército".

George E. Mendenhall, em um estudo desafiador (JBL, Março, 1958), considera o registro do recenseamento em Números como listas autênticas, mal-interpretadas pelas gerações subseqüentes. Ele destaca que essas listas aparecem geralmente nas mais antigas civilizações. No mundo semítico, foram descobertas listas de recenseamento de Mari, Ugarit e Alalake, variando em datas desde o Período Patriarcal até pouco tempo antes de Moisés. A palavra *'elep*, geralmente significando mil, é considerada por Mendenhall como unidade tribal, provavelmente não militar e incluindo bem menos de mil homens. Por exemplo, quando o hebraico declara 46.500 homens para Rúben, poderia significar quarenta e seis unidades tribais, mas apenas quinhentos soldados. Assim, seriam 558 unidades tribais e 5.550 soldados.

A dificuldade neste ponto de vista é que Nm. 2:32 dá um total que dá a entender que *'elep* significa "um mil". Mas Mendenhall crê que os sacerdotes pós-exílicos que organizaram o livro de Números forçaram o significado da palavra para "mil", não conhecendo o seu significado

anterior. Mendenhall comenta corretamente, em conexão com Jz. 6:15, que Gideão considerava seus mil (*'elep*) como fracos (isto é, não uma força completa), uma característica de muitas unidades militares. Mas, então ele se vê forçado a considerar Êx. 18:25 como versículo espúrio, porque diz: "Escolheu Moisés homens capazes . . . e os constituiu . . . chefes de mil (*'alapim*), chefes de cem, chefes de cinquenta, e chefes de dez". O autor crê que as provas indicam que o termo *'elep* designava uma unidade militar (Nm. 1:16; 31:5, 14), mas finalmente passou também a significar uma unidade tribal de número indeterminado (1 Sm. 23:23; Mq. 5:2). Para que dois a três milhões de pessoas fossem sustentadas no deserto seria imprescindível que houvesse intervenção sobrenatural. O propósito do Livro de Números é contar-nos que isto foi o que aconteceu.

Números 2

B. Disposição do Acampamento. 2:1-34.

A ordem da marcha e a disposição do acampamento à volta do Tabernáculo foram especificadas neste capítulo.

2. Os filhos de Israel se acamparão, junto ao seu estandarte ("bandeira"). Eram quatro essas bandeiras, indicando os quatro acampamentos à volta do Tabernáculo (vs. 3, 10, 18, 25). Havia também outras bandeiras indicando famílias, chamadas aqui de **insígnias da casa de seus pais. Ao redor . . . se acamparão.** Só os levitas e os sacerdotes se acampavam ao lado do Tabernáculo. "O estranho que se aproximar morrerá" (3: 10, 38). O Tabernáculo tinha de ser mantido puro de contaminações cerimoniais associadas com o viver quotidiano do povo.

17. Então partirá a tenda da congregação. Metade das tribos marchavam diante dela e metade atrás; e quando acampavam, o Tabernáculo, com seus sacerdotes e levitas, ficava no meio. Quando os sacerdotes e os levitas avançavam, todos seguiam o exemplo e esperava-se que estivessem **cada um no seu lugar**, literalmente, *a postos*, segundo sua bandeira.

34. Assim fizeram os filhos de Israel; conforme a tudo o que o Senhor ordenara. O povo obedeceu a tudo o que Deus ordenou, um contraste marcante com a freqüente desobediência registrada neste livro.

Números 3

C. A Função Sacerdotal dos Filhos de Arão. 3:1-4.

1. São estas, pois, as gerações. Esta expressão idiomática hebraica foi usada em Gn. 2:4 para introduzir a narrativa da criação. Este é um versículo de transição e pode ser traduzido: "E esta é a história de Moisés e Arão quando Deus falou a Moisés no Monte Sinai".

3. Consagrados. A figura de linguagem hebraica traduzida literalmente para "encher a mão de alguém", usa-se para expressar consagração em um ofício sagrado. A idéia básica não é chamada para o ofício mas a inauguração ou realização do ofício por alguém que foi consagrado.

4. Oficiaram . . . diante de Arão. Exercendo suas obrigações sacerdotais antes que seu pai lhes ensinasse como agradecer a Deus na miríade de detalhes cerimoniais que exigiam tempo e prática cuidadosa.

D. Obrigações e Recenseamento dos Levitas. 3:5-39.

Considerando que todos os primogênitos de Israel foram salvos do anjo da morte no Egito, Deus os declarou consagrados para o serviço do Tabernáculo. Subseqüentemente, contudo, Ele providenciou que os levitas servissem em Seu lugar. Os ramos levíticos de Gerson, Coate e Merari, com obrigações específicas no Tabernáculo, acampavam junto aos seus três lados. Moisés, Arão e os filhos de Arão acampavam no lado oriental do Tabernáculo, na frente do santuário. Quando se descobriu que havia 273 primogênitos do sexo masculino excedendo os levitas que deviam tomar seus lugares, os excedentes foram resgatados do serviço com o pagamento de cinco siclos de prata por indivíduo como resgate.

9. Darás .. . são dados. O termo *netunim*, "dados" foi repetido a bem da ênfase; por isso a tradução **darão . . . são dados**. A mesma raiz foi usada mais tarde para descrever os escravos estrangeiros dados aos levitas, que executariam as obrigações mais desprezíveis do templo (servos do templo, I Cr. 9:2).

12. Eis que tenho eu tomado os levitas do mão dos filhos de Israel. Um grupo separado, dedicado para servir a Deus através das ocupações no santo Tabernáculo, do qual outros estavam proibidos de se aproximarem, sob pena de morte (1:53; 2:2; 3:10). **Em lugar de todo primogênito** (cons. v. 41). A preposição *tahat*, **em lugar de**, tem sido usada muitas vezes no V.T, para expressar "substituição" (Gn. 22:13). A idéia de "expição substitutiva" era uma verdade há muito conhecida dos israelitas e Deus a usou para prepará-los e a outros para o grande Primogênito entre muitos irmãos, o Senhor Jesus Cristo (Mc. 10:45).

13. É meu. O destaque aqui é a posse dos primogênitos pelo Senhor que os redimiui. Ele se repete mais duas vezes, no versículo 41 e no versículo 45. O Senhor diria, "Eles me pertencem".

25. Os filhos de Gérson terão a seu cargo na tenda da congregação o Tabernáculo. *O Tabernáculo de um determinado tempo e lugar ('ohel mo'ed)* foi reservado como designação para todo o complexo onde só Deus habitava e se encontrava com o Seu povo. Os filhos de Gérson estavam encarregados do *'ohel*, a tenda, que eram as cortinas propriamente ditas que formavam o cercado.

28. Oito mil e seiscentos. Quando somamos os totais das três famílias dos levitas surge uma discrepância. Temos aqui trezentos mais do que os 22.000 dados no versículo 39. Provavelmente algum escriba, por engano, omitiu uma letra em lugar de escrever três (*sh-1-sh*) centos, escreveu seis (*sh-sh*) centos.

38. Tendo a seu cargo os ritos do santuário, para cumprirem seus deveres prescritos, em prol dos filhos de Israel. Antes, *cuidando do funcionamento* (*mishmeret*) *do santuário para salvaguardar* (*mishmeret*; I Sm. 22:23) *os filhos de Israel*.

E. Recenseamento dos Primogênitos do Sexo Masculino. 3:40-51.

41. E os animais dos levitas, em lugar de todo primogênito entre os animais dos filhos de Israel. Os primogênitos dentre o gado de Israel foram salvos durante a Páscoa no Egito (Êx. 12:19, 32); por isso, agora os primogênitos dentre o gado foram dedicados ao Senhor. O resgate do gado (Êx. 34; 20) e a atribuição da responsabilidade moral ao gado (Êx. 21:28, 29) não é coisa desconhecida na Bíblia. Em Jonas 3:7, 8; 4:11, registrou-se que Deus poupou o gado junto com os habitantes de Nínive que se arrependeram (cons. Os. 5:6). Entre alguns povos semitas da antiguidade (Ugarit), os animais domésticos eram incluídos no recenseamento como membros da comunidade. Embora os hebreus partilhassem dessa peculiaridade cultural, sua lei se opunha fortemente à conduta ímpia que resultava dessa familiaridade entre os animais e os pagãos (Lv. 15:23, 24). No Código Legal dos heteus a bestialidade era permitida com certos animais.

47. O siclo do santuário. O siclo não era uma moeda mas uma medida de peso. A necessidade de padrões ou medidas oficiais de peso reflete-se aqui. Tais pesos padrões traziam uma inscrição oficial. Em uma sociedade teocrática o santuário fornecia o padrão (cf. Gn. 23:16).

49. O dinheiro do resgate. Aqui e no versículo 48, **dinheiro** traduzindo *keseq*, "prata", não é uma tradução clara. Uma vez que a cunhagem de moeda só se inventou no sexto século A.C., a prata constituía uma antiga medida de valor; por isso foi usada para expressar o ensinamento do Velho Testamento sobre a expiação. Havia a prata da expiação (*keseq hakkippurim*), como em Êx. 30:16, e prata de resgate (*keseq happidyom*), como neste versículo. A maior das medidas de valor é a própria vida; por isso a oferta do sangue, não da prata, foi a lição mais marcante da dívida espiritual do homem para com Deus (Lv. 17:11).

Números 4

F. Recenseamento da Força do Trabalho dos Levitas e Suas obrigações. 4:1-49.

Sob pena de morte, ninguém a não ser Arão e seus filhos tinham permissão de ver ou tocar os utensílios sagrados dentro do santuário (vs. 15, 19, 20). Instruções para o devido manejo dessas coisas santíssimas e para sua cobertura (v. 4) são explicadas aqui. A família de Moisés e Arão (26:58, 59), os coatitas, estava encarregada do seu transporte, sob a direção de Eleazar, filho de Arão (v.16). As demais famílias levíticas receberam o trabalho menos honroso de carregar as cortinas (gersonitas) e os varais e colunas (meraritas). Este trabalho estava sob a supervisão sacerdotal de Itamar, outro filho de Arão. Os levitas de trinta a cinquenta anos de idade, que constituíam a força do trabalho (v.3), foram contados e achou-se um total de 8.580.

4. As coisas santíssimas (*qodesh haqqeideishim*). A frase foi usada para descrever o Santíssimo Lugar (Êx. 26:34) por trás do "véu da separação" (*peiroket hammeiseik*), mas também tem sido usado com referência às coisas de todo o santuário.

5. Arão e seus filhos . . . tirarão o véu de cobrir. Este é o "véu da separação" entre as duas partes do Tabernáculo – o Santo Lugar e o Lugar Santíssimo, onde se mantinha a arca da aliança (Êx. 26: 31, 34).

6. E, por cima, lhe porão uma cobertura de peles de animais marinhos. A ASV usa *peles de focas*, seguindo a raiz árabe semelhante ao hebraico *tahash*. Uma raiz egípcia cognata dá a idéia de que isto se refere a um processo de curtimento e não a peles de determinados animais. Para proteção das intempéries, essas cobertas costumavam ser usadas sobre todas as coisas. Contudo, deve-se notar que a arca tinha de ser coberta com um pano **todo azul** ("violeta") **por cima das peles**, e não *sob* como no caso das outras coisas sagradas (vs. 7-10). Desse modo a arca se destacava no meio do desfile (cons. 10:33). **E lhe meterão os**

varais. Lateralmente, *seus seguradores* (*baddeiyw*). Ficaria melhor, "colocação suas alças", ou "varais".

7. A mesa da proposição. A *mesa da Presença*, isto é, a presença do Senhor. **E as galhetas.** Estas *qesot hanneisek* eram recipientes usados no sacrifício, dos quais se entornava o líquido das libações. **O pão contínuo.** Também chamado de *o pão da Presença* ("pão da proposição"; Êx. 25:30), uma vez que ficava continuamente exposto diante do Senhor sobre a mesa.

8. Um pano de carmesim. O termo *tola 'at sheini* indica o inseto ou gorgulho do qual essa tintura era extraída. Outra tintura, como no **pano azul** (*tekelet*, "violeta"; v. 9) era extraída de uma espécie de molusco que era encontrado nas praias ao redor da península do Sinai. A tinturaria era prática conhecida dos cananeus no século dezesseis A.C. (W.F. Albright, *Archaeology of Palestine*, pág. 96).

20. Não entrarão . . . para ver . . . para que não morram. No versículo 15 os carregadores levitas foram advertidos a não tocarem em coisa alguma sagrada sob pena de morte. Nos versículos 17-20 o Senhor torna a advertir que os coatitas seriam eliminados "do meio dos levitas" se fossem descuidados no manejo das coisas santíssimas. Caso se atrevessem a olhar por um momento que fosse (*kebala' – o tempo que se leva para engolir*), morreriam.

23. Para algum encargo. A raiz hebraica *seihei'* geralmente se reserva para uso militar, como em 1:3, 30. Deus geralmente é chamado de Senhor de Sabaoth ("exércitos"). Este exército religioso (veja também 1:3) faz-nos lembrar o trabalho espiritual da Igreja Militante.

37, 45, 49. Segundo o mandado do Senhor por Moisés. A palavra **mandado** literalmente é boca (*peh*). Este e o uso da palavra mão (*yad*) ajudam-nos a penetrar no espírito da lição. A boca revela a sede da autoridade e a mão o meio de se exercer a autoridade. Portanto, as leis foram dados de acordo com a boca de Deus e a mão de Moisés. Com autoridade delegada (v. 27) Itamar recebeu a responsabilidade de administrar (sob a sua mão, vs. 28, 33) o serviço dos filhos de Gérson e

Merari. Novamente nos lembramos de que a expressão idiomática hebraica para "consagrar" é *encher a mão de alguém* (3:3).

II. Primeira Lista Sacerdotal. 5:1 – 10:10.

Leis sobre a guarda da Páscoa foram datadas de um mês antes de Nm. 1 (veja 9:1). Isto se entende quando percebemos que embora fosse observada uma ordem cronológica global, o material foi arrumado e reunido por todos. Racionalmente podemos supor que a obra original estava contida em rolos de pergaminho ou papiro. Tivemos um rolo com o recenseamento e agora nos voltamos para um rolo no qual estão reunidos detalhes cerimoniais adicionais e outros detalhes hieráticos.

Números 5

A. Separação dos Imundos. 5:1-4.

2. Lancem para fora do arraial todo leproso, todo o que padece fluxo, e todo imundo por ter tocado em algum morto. De acordo com a orientação aqui apresentada, estes três tipos de pessoas imundas deviam ser postas fora do acampamento. Mas nas três passagens que tratam com mais detalhes das diversas profanações (Lev. 13; 15; Núm. 19) só os leprosos tinham de ser expulsos do acampamento (Lev. 13:46). De acordo com Levítico 13, uma pessoa não era expulsa do acampamento até que se comprovasse que tinha um caso verdadeiro e permanente de lepra. Quanto ao "que padece de fluxo", Nm. 5:2 pode igualmente estar se referindo a um fluxo permanente e crônico, exigindo expulsão do acampamento, enquanto Lv. 15 trata apenas de fluxo temporário. A terceira expressão idiomática refere-se a "alguém que se tornou imundo por causa de uma pessoa" (*nepesh*), que é geralmente a expressão para contaminação por causa de um defunto (Nm. 9:10; 19:11). Este tipo de imundícia não exigia normalmente expulsão do acampamento. Mas, de acordo com 19:20, se o imundo deixasse de se purificar devidamente, devia ser desligado da congregação. Resumindo,

os três tipos de imundície aqui mencionados referem-se a casos extremos nos quais a expulsão do acampamento era o único caminho de se preservar a pureza cerimonial da congregação.

B. Compensação por Ofensas e Honorários Sacerdotais. 5:5-10.

7. Pela culpa, fará plena restituição. O hebraico *'eisheim*, aqui culpa, é a palavra chave desta passagem. O termo é a expressão de uma ofensa pela qual se podia fazer restituição. Estes pecados são contra homens, em contraste com pecados cometidos contra Deus somente, por isso a E.R.A. que diz **pecados em que caem os homens** (Nm. 5:6) deveria ser *pecados contra o homem*. Este pecado, como aquele examinado em Lv. 5:16, exigia restituição integral, mais um quinto do valor da coisa restituída.

8. Carneiro expiatório. O meio pelo qual a culpa do homem era expiada ("purificada") e conseqüentemente a ira de Deus contra o pecador aplacada ("tornada favorável"). Em Lv. 5:16 este carneiro foi chamado de "o carneiro da oferta pela culpa", que destaca a ofensa cometida pelo homem ("culpa"); enquanto aqui em Números "carneiro expiatório" destaca a alheação divina.

10. Será deste. Se a pessoa a ser compensada já tiver falecido e não tiver nenhum parente-remidor (*go'el*) para receber a sua recompensa, então esta reverteria para o sacerdote. Os versículos 9 e 10 tornam claro que cada sacerdote era o único possuidor do que recebesse deste modo (Lv. 10:12-15).

C. Um Julgamento por Ciúme. 5:11-31.

Quando o marido suspeitasse que sua mulher era infiel (não havendo testemunha) e ela sustentasse ser inocente, devia ser levada à presença do sacerdote e colocada diante do Senhor, o único que poderia determinar sua inocência ou culpa. O sacerdote devia mandar que jurasse sua inocência e submetendo-a a uma penosa experiência – beber a água amarga da maldição misturada com o pó do chão do Tabernáculo. Sua

culpa seria determinada por meio de certos efeitos que se manifestariam em seu corpo. Se não existissem efeitos indicadores, era inocente e podia retornar a seu mando e dar à luz filhos. Um exemplo notável de julgamento de uma esposa suspeita está registrado no Código de Hamurabi (pars. 131, 132. ANET, pág. 171).

Não devemos imaginar, como certos mestres "liberais", que este costume entre os hebreus retrocede ao mais remoto período de sua história (ICC, pág. 46) como se isto fosse um remanescente dos seus primórdios pagãos. Nem precisamos ir ao outro extremo ignorando o fato que ao lado de algumas leis bíblicas encontramos paralelos na jurisprudência de certos povos semitas da antiguidade (ANET, págs. 163-188). Tal como Deus escolheu a prática da circuncisão, já muito disseminada entre os povos pagãos (cananeus e egípcios, por exemplo), como ordenança para o seu povo, assim o fato da Torá ser divinamente inspirada não precisa excluir o conhecimento que Moisés tinha dos seus tempos.

Na realidade, até os julgamentos pagãos deste tipo tinham a sua validade psicológica, e o princípio neles latente ainda hoje é usado na detecção moderna dos crimes (o detentor de mentiras, por exemplo). Enquanto os resultados do julgamento dos pagãos só eram parcialmente válidos, não poderia técnica semelhante ser empregada com resultados perfeitamente válidos sob a soberana providência do Senhor? "Esta lei determinava não um julgamento cujos efeitos fossem incertos como os julgamentos de outras nações, mas um juízo divino, do qual a culpada não podia escapar, pois era apontada pelo Deus vivo" (KD, *in loco*). Deveria se acrescentar que nada havia de peculiar no pó para produzir qualquer resultado. Intervenção sobrenatural tinha de ocorrer em qualquer dos casos.

12. Se a mulher de alguém se desviar e lhe for infiel. As leis bíblicas expressam séria condenação para o adultério, em contraste com a atitude frouxa dos vizinhos de Israel e suas práticas imorais (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 111-119). Por estranha que esta lei

nos possa parecer, ajudava a criar um alto nível de pureza conjugal em Israel (Lv. 20:10).

15. Efa de farinha de cevada. . . não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso. Só aqui se ordena cevada para uma oferta de manjares. Geralmente exigia-se flor de farinha (*solet*) junto com azeite e incenso. O motivo da diferença parece ser que a costumeira oferta de manjares, ao contrário desta, era uma oferta de alegria, geralmente das primícias. A única outra oferta de farinha seca era a oferta pelo pecado do homem pobre (Lv. 5:11). Em ambos os casos a farinha de cevada seca fala de uma circunstância de pecado e humilhação. **Oferta memorativa**, que traz a iniquidade à memória. O termo memória (*zikkeiron*) explica o propósito de todo este procedimento fora do comum. Não era para fazer Deus se lembrar (ICC, pág. 51), mas para revelar ("tornar conhecido") se havia ou não fundamento neste ciúme.

17. Água santa num vaso de barro. De barro para que pudesse ser quebrado depois da cerimônia (Lv. 6:28). Água da bacia era santa; mas uma vez que tudo no Tabernáculo era santo, a água impressionava muito mais pela adição do pó sagrado.

18. Apresentará a mulher perante o Senhor. Só o Senhor podia resolver este mistério. Repetição do versículo 16 a bem da ênfase. **Soltará a cabeleira dela.** A palavra *peira'* significa "desamarra o cabelo" e não descobrir a cabeça. Como alguém sob suspeita, ficava privada deste sinal de dignidade; seu cabelo era solto.

23. O sacerdote escreverá estas condições num livro. Esta confirmação eventual do uso de pena ou pincel e tinta enquadra-se bem com um povo que viveu durante gerações no Egito, onde o pincel do escriba já estava em uso constante desde há muito tempo no terceiro milênio A.C. **Apagará.** Com referência ao significado desse apagamento da maldição, veja o comentário ao versículo 24.

24. E fará que a mulher beba. Este versículo antecipa o momento em que a mulher deveria beber depois do sacerdote receber a oferta (v. 26), mas isto porque o ato de beber tinha de estar intimamente associado

com o importante detalhe do "apagamento", no versículo 23. Por meio desse ato as palavras da maldição eram simbolicamente transferidas para água amarga.

27. O seu ventre se inchará, e a sua coxa descairá. Ou, *seu corpo inchará, e sua coxa se enfraquecerá* (ASV). Embora a tradução da ASV seja preferível á da E.R.A., permanece ainda a dúvida quanto ao seu significado. É óbvio que o inchaço do corpo pode se referir à gravidez. O ICC sugere que a coxa enfraquecida significa parto prematuro (pág. 48). A mesma raiz *nepel*, "queda", traduz-se por *nascimento prematuro* em Jó 3:16; Sl. 58:8, 9; Ec. 6:3. Coxa ou quadril (*yeirek*) usa-se do mesmo modo como a sede do poder da procriação, em Gn. 46:26 (e em outras passagens). Aqueles que saíram da sua coxa" (ou "quadris"). Por isso sua coxa descairá poderia significar "ela dará à luz". Que *neipal* "cair", pode significar "nascer" está claro por causa do seu uso em Is. 26:18. Poderíamos traduzir esta frase assim: "Seu corpo inchará e ela dará à luz (ou terá um aborto) e esta mulher se tornará uma maldição no meio do seu povo".

A mulher culpada, então, não deveria morrer, o que seria injusto, uma vez que o homem culpado permanecia livre. Contudo, filhos ilegítimos não tinham permissão de se tornarem um peso para o acampamento por causa da intervenção sobrenatural de Deus em exemplos como este (cons. Dt. 23:2). Não há evidências de que esta lei vigorasse em qualquer outra ocasião fora do período da liderança de Moisés.

Números 6

D. A Lei do Nazireado. 6:1-21.

Deus desejava que o Seu povo se tornasse um "reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx. 19:6). O nazireado era um passo que qualquer israelita, homem ou mulher, podia dar na consecução deste ideal. Tal pessoa colocava-se na condição de uma vida consagrada a Deus e livre

de contaminação. O sumo sacerdote, é claro, também era separado e purificado (Lv. 21:0, 12). Mas esta condição de vida baseava-se no seu ofício hereditário. O voto do nazireado era tomado geralmente de livre e espontânea vontade, e só por um certo período de tempo. O termo *neizir* significa "separar", e neste contexto sempre significa separar para o Senhor. Aqui estão representadas duas fases distintas desta consagração. A primeira foi introduzida em Nm. 6:3, onde o devoto é instruído a separar-se através de certa prática de auto-renúncia. A segunda fase, prescrita em 6:13-21, é chamada apropriadamente de "a lei do nazireado". Esta fase, a ser realizada no final do período da separação, exigia uma elaborada série de ofertas.

Um nazireu devia se abster não só de bebidas intoxicantes, mas também de qualquer coisa que fosse produto da videira (v. 4). Oséias 3:1 informa-nos que bolos de uvas-passa eram uma característica de vida luxuosa. 1 Samuel 25:18, 36 fala da abundância de passas na casa de Nabal, um homem rico e sensual. No espírito de auto-negação, a vida luxuosa devia ser desprezada por um nazireu. A consagração de um nazireu, contudo, devia ser melhor simbolizada pelo uso do cabelo comprido (Nm. 6:5). O cabelo de Sansão era um símbolo de força e virilidade dedicadas a Deus; mas quando o homem forte desprezou esta dedicação, perdeu o dom da graça. Embora tal força não fosse garantida a todos os nazireus, de todos se exigia, como de Sansão, que tudo dedicassem ao Senhor. Isto se prova pela orientação dada aos nazireus para fazerem grandes ofertas (v. 21).

Por causa do cabelo (*nezer*, "coroa") consagrado do nazireu é que ele devia evitar a contaminação através dos mortos. Se ele se contaminasse, teria de rapar o cabelo contaminado e recomençar o seu voto de novo (v. 12). Assim como o cordeiro ou cabrito da oferta tinha de ser puro, a "oferta do cabelo" também tinha de ser pura, pois o cabelo do nazireu era uma oferta queimada diante do Senhor. O cabelo representa a própria vida, pois só um homem vivo produz cabelo. Ele o oferecia, portanto, em lugar do seu próprio corpo, como um sinal de que

ele mesmo era um "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus". Entende-se porque Paulo (Atos 18:18; 21:24) e Tiago, o ancião de Jerusalém (Eusébio, *Ecclesiastical History* ii. 23), fizeram voto de nazireado, vendo nele o profundo significado espiritual da antiga lei do nazireado.

A segunda fase da lei do nazireado começava no fim dos "dias do seu nazireado" (Nm. 6:13). Devia fazer uma oferta pelo pecado por causa de todos os seus pecados ignorados, depois uma oferta queimada e uma oferta pacífica simbolizando a submissão e a adoração. No auge destas cerimônias o devoto devia ter sua cabeça rapada, e o cabelo consagrado era colocado sobre brasas em baixo da oferta pacífica (vs. 18-20).

2. Fizer voto especial, o voto de nazireu. O primeiro verbo aqui (*peilei'*) significa "fazer uma coisa extraordinária ou maravilhosa" (cons. a mesma raiz em um dos epítetos do Messias em Is. 9:6). Aqui e em outras passagens (Lv. 22:21; 27:2; Nm. 15:3,8) foi usado para expressar a dificuldade de se fazer um voto solene. A tradução da E.R.A., **voto especial**, é uma tentativa de mostrar esta diferença. Permitia-se também que o devoto fizesse uma oferta voluntária, além deste mínimo exigido (v. 21)

7. O nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça. *Nezer* indica não simples "consagração" mas consagração relacionada com a "cabeça", quer fosse uma coroa consagrada (Êx. 29:6; Zc. 6:11) ou o cabelo ungido do sumo sacerdote (Lv. 21:12), ou, como aqui, o "cabelo consagrado" do nazireu (cons. Nm. 6:19, onde encontramos as palavras "a cabeleira de"). Em lugar de o nazireado do seu Deus, leia-se "o cabelo consagrado do (pertencente ao seu Deus (ainda) está sobre a sua cabeça",

13. Será trazido à porta. Não há motivo para um nazireu "ser trazido". A construção gramática do hebraico aqui é a costumeira; mas considerando que este verbo não tem forma reflexiva, a cláusula poderia ser assim "ele mesmo se trará".

21. Afora o que as suas posses lhe permitirem; isto é, as ofertas especiais que um nazireu devia ofertar em aditamento ao que estava

especificado nesta lei. Embora isto se refira ao que um homem poderia acrescentar à sua oferta a mesma terminologia foi usada com referência à contribuição do homem pobre que não tinha posses para adquirir a oferta prescrita (Lv. 5:11). **Segundo o voto que fizer, assim fará.** Isto é, de acordo com o que ele prometeu, devia fazer. Algumas vezes outra pessoa pagava pelo voto de um nazireu, como parece ser o caso em Atos 21:24.

E. A Bênção Sacerdotal. 6:22,27.

Esta é uma bênção linda, no excelente estilo poético semita e cheio de uma mensagem muito necessária àqueles que enfrentavam incertezas e as forças hostis co vida do deserto. Fala da bondade de Deus no cuidado e na proteção do Seu povo. Quando um indivíduo ou uma nação se tornam o objeto do favor divino o infortúnio, a fome, o perigo ou a espada só servem para provar o quanto o Senhor ama seus filhos e como é capaz de libertá-los.

23. Assim abençoareis os filhos de Israel: dir-lhes-eis. A gramática desta sentença tem sido discutida. Contudo, o famoso gramático, Gesenius, afirma que a forma em questão ocorre "especialmente em livros posteriores do Velho Testamento" (*Lexicon*, par. 113). Sabemos agora que textos ugaríticos (c. 1400 A.C.) confirmam a construção como a expressão idiomática antiga e freqüente.

24. O Senhor te abençoe e te guarde. De um lado Deus providencia tudo o que é bom para os seus escolhidos: por outro lado, Ele sustenta, guarda e protege do inimigo que poderia privá-los do bem.

25. Faça resplandecer o seu rosto. Uma expressão hebraica típica. Quando a face de um homem resplandece (Pv. 16:15), está cheio de felicidade; mas quando o seu rosto está cheio de sombras, é evidente que o mal e o desespero se apossaram de sua ajuda (Joel 2:6).

26. E te dê a paz. *Sheilom* ("paz") é uma palavra de largo alcance, incluindo conceitos de inteireza, segurança, saúde, tranqüilidade, satisfação, amizade e paz com Deus e os homens.

Números 7

F. Ofertas dos Príncipes Tribais. 7:1-89.

Depois que todo o Tabernáculo (*'ohel mo'ed*) foi levantado, ungido e santificado (veja Êx. 40:17), os príncipes (cons. Nm. 1:5-16) trouxeram as ofertas necessárias para o transporte do Tabernáculo. Apresentaram seis carros e doze bois aos filhos de Gérson (4:24-26) e Merari (4:31, 32). (Uma vez que os filhos de Coate estavam proibidos de carregar as coisas santíssimas em carros, eles as levavam por meio de varais sobre os seus ombros.) Além disso, em doze dias diferentes, os príncipes traziam, cada um no seu dia, provisões de ofertas idênticas para a dedicação do altar (vs. 11, 88). O último versículo deste capítulo revela que Deus comunicou-se com Moisés por meio de uma voz que saía do propiciatório, entre os querubins (cons. Êx. 25:22).

1. No dia em que Moisés acabou de levantar. Não foi um dia específico. O significado é simplesmente que depois que Moisés terminou o levantamento e a unção, etc., os príncipes fizeram suas ofertas (veja v. 88).

3. Seis carros cobertos. A palavra hebraica rara usada aqui para **carros** é cognata do *subbu* acadiano, significando "uma carreta ou liteira". A palavra por si mesma não especifica se os carros eram cobertos ou abertos.

10. Para a consagração do altar. Críticos têm insistido em aplicar esta frase ao período dos Macabeus, durante o qual a Festa da Dedicção teve origem. Eles proclamam que *hanukka* ("dedicação") é uma palavra posterior. Mas eles admitem (ICC, pág. 76) que a raiz desta palavra é antiga, conforme se verifica do seu uso na palavra Enoque (*hanok*; Gn. 4:17; 25:4; 46:9) e na palavra usada em relação aos experimentados homens de Abraão (*hanik*; Gn. 14:14). Embora a palavra seja rara, a Bíblia ilustra que era largamente usada. O Rei Davi organizou um *hanukka* para o seu palácio, de acordo com o título do Salmo 30. Salomão, semelhantemente, dedicou o altar do Templo (II Cr. 7:9).

Neemias dedicou o muro de Jerusalém (Ne. 12:27). E Judas Macabeu rededicou o Templo depois de sua profanação (I Mc. 4:51). Em todos os casos foi usada a mesma palavra hebraica. É provável que Judas Macabeu conhecesse a antiga tradição do *hanukka*, pois a sua festa não foi um dia de inovação.

12. Naassom. . . pela tribo de Judá. A ordem na qual os príncipes vieram, diferente de Números 1, foi de acordo com a linha de marcha (cap. 2).

14. Um recipiente de dez siclos de ouro. Um pires de ouro (não uma colher) cheio de incenso encaixa-se bem com a descrição do altar do incenso em Êx. 30:1-10 (cons. Ap. 8:3, 4).

88. Depois que foi ungido. Uma frase semelhante a esta em 7:10, 84 – "no dia em que foi ungido" – evidentemente não faz referência a um dia particular (7:11, mas é simplesmente uma cláusula temporal. Este versículo (88) torna claro que a dedicação do altar aconteceu algum tempo depois da unção registrada em Lv. 8:11.

89. Ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório. Moisés recebeu revelação divina quando falava com Deus. Um emprego raro de uma raiz hebraica aqui, dá ao verbo "falar" um significado correspondente de "conversar" (KB, pág. 200). O mesmo emprego foi feito para mostrar que Ezequiel estava conversando com Deus (Ez. 2:1; 43:6; cons. II Sm. 14:13). Em MI. 3:16 usou-se um verbo relacionado deste modo para dizer que "falavam um com o outro". Assim, quando Moisés entrou . . . para falar com (Deus), então ouviu uma voz conversando com ele de cima do propiciatório".

Números 8

G. O Candelabro de Ouro. 8: 1-4.

Os detalhes sobre o candelabro foram apresentados em outras passagens: em Êx. 25:31,40, onde foi planejado; em Êx. 37:17,24, onde foi feito; em Êx. 40:24, 25, quando foi ornado; e em Lv. 24: 2, onde se

fala do azeite caro que devia ser usado nele. Aqui em Nm. 8, vemo-lo em uso, derramando sua sagrada luz cerimonial diante do Senhor continuamente (cons. Jo. 8:12).

2. As lâmpadas . . . as sete. Joseph P. Free, em suas escavações em Dotã, encontrou em uma camada primitiva um candeeiro de cerâmica com sete bicos, que tende a refutar a noção nutrida por alguns mestres de que tal candeeiro era desconhecido no tempo de Moisés.

3. Colocou as lâmpadas para que alumiassem defronte do candelabro. Não é necessário acrescentar as palavras "para que alumiassem" Traduza 8:2,3 assim: "Quando colocares as lâmpadas defronte do candelabro, as sete lâmpadas alumiarão . . . E Arão fez assim; colocou as lâmpadas defronte do candelabro . . .".

H. Consagração dos Levitas e Sua Aposentadoria. 8:5-26.

Os levitas deviam lavar suas vestes e barbear sua pele, serem aspergidos com água santa, trazer ofertas apropriadas e reunir-se diante do Tabernáculo, junto com toda a congregação. Nessa ocasião Arão oferecia os levitas como sacrifícios vivos (ofertas movidas) em lugar dos primogênitos, os quais o Senhor, por ocasião da Páscoa no Egito, comprara para o seu serviço. Por isso os levitas deviam ser "oferecidos", inteiramente dedicados ao serviço do santuário. Sua posição específica, na vizinhança imediata do Tabernáculo e à sua volta, servia para evitar a violação dos recintos sa, grados pelos israelitas seculares (v. 19). Aos cinquenta anos de idade os levitas se retiravam do serviço manual, que era sua principal ocupação. Mas continuavam ministrando dentro de sua capacidade, talvez como instrutores dos jovens e em outras obrigações menos cansativas

7. Esparge sobre eles a água da expiação. Esta é a chamada *água do pecado* (*me hattei't*). A oferta pelo pecado era oferecida por causa do pecado; esta água eia para a purificação do pecado. Talvez está água possa ser identificada com a "água da separação" que se fazia com as cinzas de uma novilha vermelha também chamada *hattei't*, "pelo pecado"

(Nm. 19). **E sobre todo o seu corpo farão passar a navalha.** Uma vez que a língua hebraica tem uma outra palavra para "rapar completamente" (6:9, 18), alguns comentadores acham que isto significa apenas "aparar o cabelo" (KD, pág. 47). Mas é ordem era: "Passar uma navalha por todo o corpo". Certamente isto significava que eles deviam remover todo o cabelo (cerimonialmente contaminado), tal como a lavagem das roupas removia a imundícia destas e o aspergir da "água do pecado" servia para purificação dos seus corpos. Esta limpeza cerimonial não apenas era uma sombra da purificação espiritual da Igreja feita por Cristo (Ef. 5:25, 26), mas também envolvia o elemento essencial da obediência à Palavra de Deus, através da qual Cristo realizaria a purificação.

10. Os filhos de Israel porão as mãos sobre eles. Isto era, sem dúvida, feito de alguma maneira representativa, embora seja possível que cada primogênito realmente impusesse suas mãos sobre um dos levitas. Por meio deste ato a verdade era representada objetivamente, quando estes levitas passavam a ser os substitutos dos primogênitos no serviço do santuário. A igreja primitiva continuou essa conhecida prática da imposição de mãos (Atos 6:6; I Tm. 4:14).

11. Arão apresentará os levitas como oferta movida. Como os milhares de levitas poderiam ser movidos como oferta movida, apenas percebemos no versículo 13. Este tecnicismo, entretanto, é muito menos importante do que o significado da oferta. Alguns acham que a palavra pode ter perdido seu significado original, de modo que agora significava apenas oferecer (Êx. 35:22). Parece mais provável que o termo tivesse um significado especializado, fosse ou não fosse o processo da movimentação executado sempre. Era um "rito no qual originalmente o sacerdote levantava a sua parte da oferta e a movimentava, isto é, levava até o altar e trazia de volta, como sinal de apresentação a Deus e o seu retorno da parte de Deus ao sacerdote (BDB, pág. 632). Assim a cerimônia demonstrava que os levitas pertenciam ao Senhor, mas eram devolvidos a Arão para servirem como sacrifícios vivos no Tabernáculo.

12. Os levitas porão as mãos sobre a cabeça dos novilhos. Novamente o princípio da substituição é a lição ensinada. Com a substituição de uma vítima inocente, fazia-se a expiação (reparação) pelos ("em favor dos") levitas.

14. E separarás os levitas. . . os levitas serão meus. Deus exige separação do limpo e do imundo, do Seu povo e dos pagãos com suas práticas. Aqui está uma verdade que se encontra na trama e na urdidura dos ensinamentos do Velho e do Novo Testamento, mas geralmente negligenciada pela igreja. Deus é santo, e o Seu povo tem de ser santo, pois Lhe pertence: portanto Ele faz uma divisão entre Ele e os outros (Lv. 20:26). Assim Cristo veio para convocar os homens à santidade, fazendo conseqüentemente uma distinção entre as pessoas, de modo que os inimigos de um homem podem ser aqueles que são de sua própria casa (Mt. 10:34-46).

19. E os levitas . . . entreguei-os. Observe a seqüência. "Tomei os levitas" (v. 18); "Entreguei-os". A própria seqüência cumpre o propósito do *tenupa*, "oferta movida". Deus tomou e devolveu a Arão aqueles sacrifícios vivos como "ofertas". A igreja igualmente fala daqueles a quem Deus "deu" a ela (cons. Ef. 4:11, 12), não como sacerdotes mas como seus ministros, porque deles é a "obra de servir, na edificação do corpo de Cristo". **Para fazerem o serviço dos filhos de Israel. . . para fazerem expiação . . . para que não haja praga.** Só havia um Servo por excelência que "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc. 10:45). Estes servos, como ele, eram substitutos, tomando o lugar dos filhos de Israel, fazendo expiação com o seu serviço, providenciando o resgate que lhes trazia o livramento da ira de Deus.

21. Os levitas se purificaram. Como a "água da expiação" (v. 7) e a oferta pelo pecado tinham a intenção de remover o pecado, este verbo da mesma raiz *hatei'* significa des-pecar alguém, ou melhor, "fazer as coisas necessárias para a purificação cerimonial".

24. Da idade de vinte e cinco anos para cima. Isto não concorda com 4:35 (e outros versículos), onde a idade é de trinta anos. Tal diferença óbvia não parece ser um erro de texto. A obra exata desta "luta", na qual erros de mãos destreinadas resultaram em morte (II Sm. 6:6,7), talvez exigisse um aprendizado de cinco anos.

Números 9

I. Primeira Páscoa Comemorativa e Primeira Páscoa Suplementar. 9:1-14.

A Páscoa original foi comemorada quando Israel saiu do Egito, no primeiro mês, no mês quando a cevada (*'eibib*) acabava de amadurecer. Agora o povo celebrava a primeira Páscoa (*pesah*) em comemoração a este acontecimento, começando com o décimo quarto dia do primeiro mês do segundo ano. O propósito desta seção não é falar da Páscoa, mas falar de uma provisão feita por aqueles que não foram capazes de comemorar a Páscoa. Por isso esta seção foi inserida aqui, pois a guarda desta Páscoa suplementar começou no décimo quarto dia do segundo mês, um mês e meio depois da data inicial do livro. Israelitas fiéis que tinha se isolado devido à contaminação por causa de um morto ou que estivessem de viagem durante a comemoração regular da Páscoa, pediram a Moisés que tivessem permissão de fazer esta oferta ao Senhor.

Moisés foi instruído pelo Senhor a que desse essa permissão com a condição de que todos os que fossem comemorar a Páscoa com atraso de um mês, tivessem motivos legítimos. Deus ainda advertiu severamente que qualquer uru que negligenciasse a guarda da Páscoa no devido tempo seria eliminado do meio do povo. No segundo dia desta segunda Páscoa a nuvem começou a levantar-se de cima do Tabernáculo e o povo começou a se preparar para a viagem (10:11).

1. No mês primeiro (Êx. 12:2; 13:4; Dt. 16:1). Este mês, o tempo em que a cevada (*'eibib*) acabava de amadurecer, era na primavera, tempo em que a Páscoa sempre foi comemorada. Depois do Exílio (587

A.C.) os israelitas gradualmente adotaram o calendário da Babilônia e o tem usado desde então *Ro'sh Hasheina* (o atual "Ano Novo" dos judeus) comemora-se no outono, segundo a contagem babilônica. Embora este fato histórico não seja conclusivo ajuda a refutar a teoria de que a maior parte do livro de Números foi escrito por sacerdotes pós-exílicos.

Os livros pós-exílicos da Bíblia, tais como Esdras, Neemias e Ester, mostram conhecimento do calendário babilônico. Antes desse período, os hebreus numeravam seus meses, e não lhes davam nomes, e também usavam termos relacionados com a agricultura como *'eibib*, mas não terminologia cultural (cons. Gezer Calendar, BASOR 92; veja também comentário sobre Nm. 32).

2. A seu tempo. Esta é a mesma palavra que foi usada em relação ao Tabernáculo quando foi chamada de "tenda da congregação", significando o lugar onde o povo se congregava segundo as instruções de Deus no devido tempo. Era à volta desta lei ritual do Tabernáculo que o povo de Israel vivia a sua vida religiosa. Quebrar estas leis dos tempos e lugares determinados era negar o Senhor e desacatar Sua mensagem revelada.

3. Ao crepúsculo. Literalmente, *entre as duas tardes*. Assim como o termo "dual" da palavra "esplendor" (*seihar*) se refere ao ponto alto do sol que nós chamamos de meio-dia, o termo dual da palavra "tarde" (*'ereb*) se refere àquela meia luz que chamamos de crepúsculo. Provérbios 7:9 equipara este período com o crepúsculo em contraste com o meio da noite.

6. O cadáver de um homem. Uma interessantíssima expressão hebraica, porque a palavra geralmente traduzida para "alma" pela E.R.A., tem desta vez o significado de "cadáver". A palavra *nepesh* é mais freqüentemente usado em conjunto com as funções animais do corpo, as paixões e os apetites, mais do que em referência à existência imaterial. Em Gênesis, os animais (2:19), tal como os homens (2:7), são chamados de *nepesh haya*, "criaturas viventes (seres, vidas)". E em Dt. 12:23, 24 *nepesh* é o principio da vida que está no sangue (cons. também

Pv. 12:10, Êx. 21:23). A palavra geralmente representa o "ego" ou a "pessoa" e geralmente está associada com o corpo. Isto é verdade quanto ao SI. 16:10, onde a ressurreição – não a imortalidade espiritual – é o que está se considerando (cons. Atos 2: 27-31). À luz disto não é difícil compreender como *nepesh 'eideim*, "o ser humano", veio a significar "cadáver".

12. Não quebrarão osso algum. Entre as leis da Páscoa inclui-se este detalhe mais ou menos pequeno, que também foi ordenado em Êx. 14:46. A insignificância desta regra, que não está mencionada em nenhuma outra passagem do V.T., reforça o seu cumprimento como prova de que o Cristo do Calvário era verdadeiramente o Cordeiro Pascal de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo. 19:36).

13. Tal homem levará sobre si o seu pecado. Se ele trouxesse a oferta ao Senhor, aquele cordeiro levaria o seu pecado; mas se ele negligenciasse esta oferta, ele mesmo levaria o seu pecado. O que se tem em vista aqui é a expiação substitutiva, pois o substituto indicado por Deus devia levar o pecado do homem, se este homem quisesse permanecer como objeto do favor divino.

14. Se um estrangeiro . . . celebrar a páscoa. Sempre se faria provisão pelos convertidos (prosélitos), mas todos eles tinham primeiro de se tornarem israelitas por meio da ordenança da circuncisão (Êx. 12:48, 49).

1. A Nuvem sobre o Tabernáculo. 9:15-23.

A presença da nuvem não era experiência nova para os israelitas (Êx. 13:21, 22). Agora que o Tabernáculo estava de pé, a nuvem tomou sua posição em cima dele. Através dos movimentos da nuvem o povo se lembrava de que devia partir novamente (Nm. 10:11, 12). (Os tradutores da LXX tropeçaram aqui na redundância e deixaram de fora algumas frases. O estilo repetitivo não é mero maneirismo literário, mas um meio de se enfatizar a importância da orientação divina. Para os israelitas o movimento da nuvem era o mandamento do Senhor. Por ela deviam

viajar e por ela deviam acampar. Quer ela repousasse apenas uma noite, ou dois dias, um mês ou muito tempo, eles só deviam repousar ou caminhar com ela, em indiscutível obediência a Deus. Dentro de um tempo muito curto, falharam nisso miseravelmente.

16. Assim era de continuo: a nuvem o cobria. Isto é o começo de uma narrativa de acontecimentos passados ou instrução (v. 17) sobre como os israelitas deviam agir no futuro? Considerando que em hebraico o tempo dos versos é geralmente obscuro, basta dizer que os verbos nesta passagem descrevem uma situação contínua.

20. Às vezes a nuvem ficava poucos dias sobre o tabernáculo. Segundo a interpretação acima, podemos traduzir este versículo assim: "E às vezes a nuvem ficava apenas alguns dias sobre o Tabernáculo; de acordo com a palavra do Senhor eles acampavam e então de acordo com a palavra do Senhor eles viajavam".

22. Ou um ano. A E.R.C. geralmente traduz a palavra hebraica "dias" por "um ano". Gênesis 24:55 mostra que esta palavra significa um certo número de dias, possivelmente dez; mas geralmente significa mais de um mês.

Números 10

K. As Duas Trombetas de Prata. 10:1-10.

A Experiência anterior de Israel com trombetas está registrada em Êx. 19:16-20. Ali, palavras de origem cananita e fenícia, ambas falam do som da trombeta feita de chifre de carneiro que acompanhava os terríveis trovões e relâmpagos sobre o Monte Sinai. Agora se trata de uma trombeta inteiramente diferente. Estes *hasosrot* eram clarins de prata, descritos em fontes extrabíblicas como tubos longos e finos com abertura larga. Dessa ocasião em diante, os hebreus usaram este instrumento particular como "estatuto perpétuo", apenas para propósitos sagrados (por exemplo, Nm. 31: 6; II Reis 12:13 ; Ed. 3:10).

Deus também ordenou uma variedade de convocações. Duas trombetas deviam tocar juntas para reunir todo o povo à porta do

Tabernáculo, e uma trombeta devia tocar só para os príncipes. As Escrituras fazem distinção entre o simples toque de reunir para o povo e o toque de alarme como sinal para se levantar o acampamento. Os sacerdotes deviam ir à frente de Israel nas batalhas tocando o alarme, para que o povo fosse lembrado diante do Senhor seu Deus. Deviam também, daquele dia em diante, tocá-lo nas reuniões festivas, nas luas novas, nas ofertas queimadas e nas ofertas pacíficas. O apóstolo Paulo sem dúvida tinha em mente o uso desses instrumentos quando usou a metáfora referindo-se à trombeta em I Co. 14:8.

9. E perante o Senhor vosso Deus haverá lembrança de vós. O Senhor precisa ser lembrado para salvar o Seu povo? A resposta é Sim e Não. Israel não O considerava uma divindade limitada, cujo interesse estivesse desviado para outras coisas, ou como um deus que fosse dormir e que tivesse de ser despertado com o toque das trombetas. Críticos que defendem este ponto de vista apelam para Sl. 44:22-24, e citam as palavras, "Desperta! Por que dormes, Senhor?" Mas um exame acurado deste Salmo mostra que é uma queixa diante de Deus, o qual conhece os "segredos dos corações" e que castiga Seu povo. Seu povo se encontra em dificuldades e parece que Ele nada faz; daí o sentimento de depressão que se expressa em linguagem hiperbólica. Uma narrativa relativa ao uso das trombetas em momentos de desespero, encontra-se em II Cr. 13:12-15. Na batalha o povo "clamou ao Senhor e os sacerdotes fizeram soar as trombetas". Realmente, as trombetas como "estatuto perpétuo" simbolizavam a dependência de Deus. Do mesmo modo a oração, como expressão mais articulada de dependência, lembra Deus de abençoar o Seu povo.

III. Do Deserto do Sinai ao Deserto de Parã. 10:11 – 14:45.

Começando pelo vigésimo dia do segundo mês do segundo ano, as tribos partiram do Sinai na ordem indicada nos capítulos anteriores, e sob a orientação da nuvem seguiram para o Deserto de Parã. O tempo que se passou não ficou declarado, mas sabemos que os acontecimentos

cobriram pelo menos alguns meses (quarenta dias para os espiões e diversas semanas ou meses para os capítulos 10-12). Sua rota os levou pelo caminho de Taberá (11:3) e Quibrote-Ataavá (11:35) até Cades (13:26).

A. Partida do Sinai. 10:11-36.

A ordem da marcha (vs. 11-28), um convite feito a Hobabe (vs. 29-32) e a importância da arca (vs. 33-36) constituem os diversos assuntos relacionados com a partida de Israel do Sinai.

12. Puseram-se em marcha. No hebraico seria *levantaram acampamento segundo suas paradas* (estágios). Seguiram o procedimento descrito no capítulo 2. E a nuvem repousou no deserto de Parã. O versículo é uma declaração resumida antecipando a sua chegada em Parã (cons. v. 33 - "a arca... ia adiante deles caminho de três dias", etc.).

17. Os filhos de Gérson e ... Merari partiram, levando o tabernáculo. Uma pequena mudança de 2:17, onde se dizia que os levitas viajavam no meio da hoste, seguindo as tribos conduzidas por Rúben. O versículo 21 esclarece este ponto informando-nos que os coaitas, levando as coisas santas, viajaram no seu lugar costumeiro; enquanto "os filhos" de Merari e Gérson avançaram para armar o tabernáculo, preparando-o para a chegada das coisas santas (10:21b). Devemos nos lembrar que havia mulheres, crianças e aqueles acima de cinquenta anos nos acampamentos dos levitas, além daqueles que realmente levavam as cargas. Parece mais provável que apenas os carregadores é que são mencionados no verso 17.

21. Levando as coisas santas. Os coaitas não levavam o santuário mas as coisas santas usadas nele. O uso de *miqdeish* ("santuário") não é impróprio, pois Números 18:29b indica que a palavra pode significar uma parte sagrada além de um lugar sagrado, embora este último seja o significado costumeiro. **Até que estes chegassem.** Veja comentário do versículo 17.

25. A retaguarda de todos os arraiais. A retaguarda, ou *recolhedor* (mais achegado ao hebraico, *meassep*) é uma palavra de significado meigo. Aplica-se a um homem que recolhe as ovelhas perdidas do seu vizinho e as leva para casa a fim de cuidar delas; do mesmo modo o Senhor nos recolhe quando a nessa mãe ou nosso pai nos abandona (SI. 27:10). Ou quando o mal oprime com o cativo, o Deus de Israel não vai apenas diante do Seu povo, mas também Se torna o "Recolhedor" dos que ficaram para trás (Is. 52:11).

29. Hobabe, filho de Reuel, o midianita. Os parentes da esposa de Moisés são chamados de midianitas em Êx. 2:16; 3:1; 18:1, mas de queneus em Jz. 1:16; 4:11. Ambos são povos nômades que vivem interligados. O termo queneu se refere a ferreiros ambulantes, especialmente artífices do vale rico de cobre em Arabá. Sua presença entre o povo de Israel encaixa-se bem na narrativa da feitura da serpente de bronze (Nm. 21:8, 9) e a obra executada no Tabernáculo. Os casamentos e a antiga associação dessas duas tribos permite que Hobabe, o cunhado de Moisés, fosse chamado de midianita e também queneu. Os próprios queneus que se tornaram parte de Israel continuaram sendo chamados de queneus e israelitas (I Cr. 2:55). Também é possível que o nome midianita se tomasse um termo genérico para os muitos beduínos com seus camelos ao leste de Arabá. Os nomes ismaelita e midianita são usados alternadamente em Gn. 37:27, 28, 36. Também somos informados sobre os midianitas a camelo que lutaram contra Gideão e há uma associação do nome Midiã com os edomitas (Gn. 25:4) e os moabitas (Gn. 36:35; Nm. 22:3, 7). **Sogro de Moisés.** Reuel, poderia ser o nome do avô desta família, ou poderia ser um outro nome para Jetro (cons. Êx. 2:18; 3:11. O termo *hoten*, "sogro", significa qualquer parente do sexo masculino devido ao casamento, de modo que as palavras em Jz. 4: 11 poderiam ser traduzidas para "Hobabe, o cunhado". **E te faremos bem; porque o Senhor prometeu boas coisas a Israel.** Quando o Senhor fala, Sua palavra é uma promessa.

30. Não irei. Hobabe tomara a decisão de retornar à sua terra natal; mas Jz. 1:16 informa que Moisés o persuadiu a ir, pois lemos ali que ele entrou em Canaã com Israel.

31. Tu sabes que devemos acampar-nos ... e nos servirás de guia. O Targum judeu e a LXX, interpolando aqui, apresentam Moisés rogando a Hobabe que sirva de guia a Israel, quando Deus já lhes dera uru meio de orientação sobrenatural. Nada há de incongruente no pedido de Moisés, pois dependência de Deus para orientação divina e até mesmo intervenção sobrenatural não relega o uso do conhecimento humano quando ele existe. Hobabe conhecia bem o deserto e poderia ajudar na viagem e nos acampamentos, mostrando os segredos do deserto.

33. Monte do Senhor. No Monte Sinai Deus revelou-se como Justo Soberano, expressando as exigências de Sua vontade divina, como também Sua ira contra todo pecado. Embora o Monte do Senhor estivesse agora por trás deles, sua mensagem (o testemunho) permanecia inscrito nas tábuas de pedra guardadas na arca. **A arca da aliança do Senhor.** A arca foi muitas vezes chamada de arca do testemunho; aqui ela é a arca da aliança. Em Êx. 34:28 a aliança está identificada com os Dez Mandamentos. A arca era o lugar de habitação do Senhor e das tábuas da Lei. Como tal era um símbolo da pureza divina. Quando o sumo sacerdote se aproximava da arca uma vez por ano, simbolizava então a aliança da misericórdia com uru povo corrompido, que por meio do sangue da expiação podia ser purificado e assim desfrutar dos benefícios do favor divino para com eles e seus filhos.

34. A nuvem do Senhor. Com a experiência do Monte do Senhor lá atrás e a arca na frente à procura de um lugar de pouso, os israelitas também tinham uma nuvem sagrada sobre eles como símbolo da presença divina. Não só os orientava, mas também lhes assegurava conforto e lhes dava confiança, e possivelmente os protegia dos elementos, especialmente do sol ardente, espalhando-se sobre todo o acampamento, conforme sugerido em SI. 105:39 (KDD, pág. 62).

35. Partindo a arca, Moisés dizia. Moisés pronunciou esta oração na primeira etapa da viagem do Sinai. Tornou-se uma oração clássica usada, ao que parece, sempre que a arca partia (cons. Sl. 68:1; 132; 8; II Cr. 6: 41, 42). Moisés também orava quando descansavam (Núm. 10:36). A oração fala eloqüentemente da eficiente operação do relacionamento entre Deus e a Igreja Militante. Ele vai diante dela, e as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Ele habita no meio dela e ela é fortificada e se torna uma grande hoste.

Números 11

B. Taberá e Quibrote-Hataavá. 11:1-35.

Recusando-se a aprender a lição por meio de uru castigo em Taberá, o povo de Israel permitiu que o populacho o matasse a desejar desesperadamente a carne e os suculentos frutos e vegetais do Egito. A ira do Senhor se acendeu contra eles novamente, e até Moisés entregou-se a um sentimento de responsabilidade solitária por esses delinqüentes espirituais. Moisés pediu ao Senhor que o matasse imediatamente e não o deixasse mais sozinho sob o peso da rebeldia de Israel. Então Deus escolheu setenta anciãos para ajudarem o profeta a levar o fardo e lhes concedeu o espírito de profecia. Quando dois anciãos, não dos setenta, foram encontrados exercendo o dom da profecia no acampamento, Josué pediu a Moisés que os impedisse. Isto provocou a magnânima resposta de Moisés: "Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito". O desejo irreprimível de carne que Israel sentia foi satisfeito quando Deus enviou bandos de codornizes. Aqueles que tinham com desejo, comeram até se satisfazerem e logo depois uma praga irrompeu entre eles.

1. Queixou-se o povo de sua sorte. Poderíamos traduzir assim: "E o povo se tomou murmurador contra a má sorte, aos ouvidos do Senhor". A idéia é que Israel realmente não desfrutava de má sorte para que tivesse do que se queixar, mas murmurou assim mesmo como aqueles

que são amaldiçoados com verdadeiros males. O fogo do Senhor ardeu entre eles. Ingratidão sem sentido diante de toda a bondade divina tornou necessário um castigo, ainda que não severo, nas extremidades do acampamento. Chamaram o lugar de Taberá, "fogueira", cujo fogo poderia ter sido um fenômeno natural, ainda que fosse "o fogo do Senhor". Enviado por Deus para o desempenho do Seu propósito.

2. O povo clamou a Moisés, e orando este . . . o fogo se apagou (*extinguiu-se*). Em forma comprimida temos aqui a história do povo de Deus através dos séculos vindouros (cons. Sl. 107). Israel deixou de aprender a lição da obediência disposta, e por isso passou por castigos mais severos conforme registrado neste e nos capítulos subsequentes.

4. O populacho. Uma rale não especificada seguia Israel desde o Egito (Êx. 12:38).

5. Que no Egito comíamos de graça. A inundações anual do Nilo tornava o Egito parecido a um jardim para os beduínos que habitavam o deserto estéril. As frutas e os vegetais mencionados continuam sendo conhecidos no Egito atual e ainda são chamados pelos nomes semitas usados no texto.

6. Seca-se a nossa alma. Novamente a palavra usada para alma, nepesh, é a sede dos apetites animais; não designa o espírito (veja coment. sobre 9:6) Foi traduzida para **apetite** em Ec. 6:7. O povo estivera por tanto tempo com uma dieta leve que começou a ansiar (desejar ardentemente) por um alimento que estimulasse suas glândulas salivares. **Nenhuma coisa vemos senão este maná.** Este é um exagero comum às pessoas que se deixam levar pela auto-piedade e pelos apetites animais.

7. E a sua aparência semelhante à de bdélio. Os versículos 7-9 são uma digressão sobre o próprio maná. Comparação cuidadosa desta descrição com a de Êx. 16:31-36 mostra que a única diferença entre as duas narrativas refere-se à cor e ao sabor. Estas diferenças, longe de apontarem para fontes diferentes, mostram a espontaneidade e liberdade do autor, a qual um redator ocultada. A vista e o paladar são tão

subjetivos que o maná podia ser chamado de branco e também de amarelado ou perolado (bdélio) e podia ter o sabor de mel para uns e de azeite fresco para outros.

12. Como a ama. O profeta usa uma figura aqui que não concorda bem com as idéias ocidentais sobre o papel de um grande líder nacional. Moisés não está sendo nem humorístico nem sarcástico com o Senhor, mas apenas O lembra de Sua soberania, pois Ele foi quem deu vida a essa nação e lhe prometeu uma terra. Portanto, só o Senhor podia amamentar essa criança e sustentá-la, como uma ama de leite carrega e alimenta uma criança que mama.

14. Eu sozinho não posso levar a todo este povo. A fragilidade humana de Moisés aparecem aqui e na linguagem do versículo 15. Suas palavras estão carregadas de intensa emoção, pois ele se encontra em situação angustiada, sentindo que seria um ato de misericórdia se Deus lhe tirasse a vida.

16. Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel. Estes homens se tornaram os organizadores e secretários de Moisés, conforme indica a palavra **superintendentes** (*shoter*; cons. *shataru* assírio, "escrever"). Por isso a LXX traduz aqui para o conhecido termo "escribas" (*grammateis*). Eles eram realmente "oficiais", mas podiam ter contribuído para a organização e preservação do registro sagrado. Devem ser distinguidos dos chefes dos milhares e centenas, etc., de Êx. 18:21-27; Nm. 10:4.

17. Tirarei do Espírito que está sobre ti. Por causa da depressão emocional de Moisés, Deus reservou algum dom de profecia para dar a estes anciãos.

18. Santificai-vos. Por quê? Porque Deus ia fazer uma obra milagrosa (cons. Js. 3:5). O correlativo no Novo Testamento é a certeza que Deus dá que Ele vai operar milagres nos corações. isto Ele faz, por exemplo, através da Sua palavra (e através de cada meio de graça). Mas corações que não estão preparados só podem zombar de tal promessa.

20. Porquanto rejeitastes ao Senhor, que está no meio de vós. Esta foi a razão básica para o castigo de Israel. O povo se arrependeu de ter deixado a escravidão pela liberdade com auto-renúncia. Isto mostra que rejeitava a promessa de Deus e portanto o próprio Deus.

22. Matar-se-ão para eles rebanhos de ovelha e de gado, que lhes bastem? "Por que um povo rico de gado deveria chorar por carne?" (ICC, pág. 103). O problema de Moisés não consistia em crítica que desse a entender que havia inconsistência na economia divina. Os rebanhos que Israel possuía logo ficariam depauperados se fossem usados como alimento diário. Sem dúvida havia certa consumição de carne (cons. porções dos sacerdotes), mas só em ocasiões especiais (festivais), como continua sendo entre os beduínos criadores de gado.

25. Profetizaram; mas depois nunca mais. Isto significa que eles profetizaram apenas nesta ocasião e nunca mais, ou que eles profetizaram nesta ocasião apenas uma vez e não prosseguiram? O primeiro ponto de vista não parece provável à luz de 12:6. O último providencia a Moisés um grupo de inspirados secretários que também o ajudaram a registrar e editar os escritos sagrados (Pentateuco). Êxodo 4:16 tomado com 7:1 indica que uma parte da idéia hebraica de profeta (*neibi*) era de "alguém que fala em nome de outro". Talvez os anciãos tivessem uma experiência extática; neste caso, só porque receberam a Palavra de Deus.

26. Repousou sobre eles o espírito, porquanto estavam entre os inscritos. Não eram dois membros desobedientes do grupo dos setenta que não acompanharam os demais, mas, antes, dois dos muitos inscritos príncipes de milhares. Esse dom que receberam foi inteiramente inesperado.

29. Tens tu ciúmes por mim? Moisés demonstrou o verdadeiro espírito da liderança orientada por Deus. Ele não era um demagogo, mantendo sua posição por meios indignos. Verdadeiramente desejoso que outros partilhassem desse dom maravilhoso, ele se preocupava mais com o bem comum de Israel do que com a sua própria posição

31. Soprou um vento. O ICC (págs. 117-119), tem um interessantíssimo comentário muito construtivo sobre os versículos 31-34. **Cerca de dois côvados sobre a terra.** A frase tem mais sentido quando aceitarmos o 'al ("sobre") como "acima" da superfície da terra, indicando que as codornizes estavam voando baixo.

32. E as estenderam para si ao redor do arraial. Uma maneira antiga de preservar a carne secando-a ao sol.

33. Estava ainda a carne entre os seus dentes. A palavra hebraica não significa "mastigar"; quer dizer "cortar" Traduz-se, *antes de terminar as provisões*. (O mesmo verbo foi traduzido para **pararam-se** em Js. 3:16 e em outras passagens.) Isto não significa que o castigo caiu sobre o povo antes que tivesse tempo de comer as codornizes, pois o Senhor predisse que comeriam carne durante um mês (Nm. 11, 19, 20). A idéia é que antes de terminarem de comer as codornizes, a praga irrompeu.

35. De Quibrote-Hataavá . . . para Hazerote. Estas paradas não podem ser identificadas. Tudo o que se pode dizer é que Israel prosseguia na direção norte partindo do Sinai.

Números 12

C. Rebelião de Miriã e Arão. 12:1-16.

Como sumo sacerdote, Arão era figura destacada em Israel; mas carecia de qualidades de liderança e, até onde sabemos, não recebeu o dom da profecia. Aproveitando-se do casamento de Moisés com uma etíope como pretexto para começar uma campanha de desmoralização contra seu irmão, Miriã e Arão desafiaram o direito que Moisés tinha de só ele falar ao povo em nome de Deus.

Deus tornou claro ao par de rebeldes que Moisés era um instrumento especial da revelação divina, muito mais achegado ao Todo Poderoso do que qualquer profeta comum. Miriã, como líder da rebelião (cons. a fraqueza de Arão na questão do bezerro de ouro; Êx. 32), foi atacada de lepra. Arrependimento humilde dos ofensores e graciosa

intercessão de Moisés trouxe a cura e a restauração, mas só depois dos sete dias regulamentares de exclusão para a purificação de um leproso.

1. Falaram Miriã e Arão contra Moisés. O texto hebraico torna claro no começo do capítulo que Miriã foi a instigadora desta rebelião; seu nome foi colocado antes do de Arão, e o verbo falar tem uma desinência feminina. Por causa da mulher cusita. A circunstância usada pelos dois como pretexto para criticar Moisés foi o seu segundo casamento. O restante do capítulo revela que a base da crítica foi a inveja. A mulher cusita (etíope) era provavelmente uma cusita asiática e não africana (cons. Gn. 2:13; 10:6-8; Hc. 3:7; Heródoto, VII. 70).

2. Porventura tem falado o Senhor somente por Moisés? A preposição *b* (**por**) pode significar "por meio de", "com" ou mesmo "de dentro de" Moisés (cons. Rm. 1: 17, *ek*, "de dentro de", citando Hc. 2:4b). Esta última tradução está mais de acordo com o tema desta passagem (Nm. 12:8), que mostra que Deus escolheu comunicar-se com Moisés diretamente, e não indiretamente, como fez com outros profetas.

3. Era . . . Moisés mui manso. Às vezes faz-se a pergunta, como Moisés poderia ter sido verdadeiramente manso se buscou reconhecimento para sua mansidão, elogiando-se a si mesmo? Hengstenberg sugere que o caráter de Moisés não deve ser medido pelo dos homens comuns. Este capítulo por si mesmo ensina que o profeta tinha um relacionamento tão íntimo com Deus que podia falar a verdade objetivamente, conforme ela lhe era revelada, mesmo quando se relacionava com a sua própria natureza. Mas a resposta também pode ser que esta obra seja a de um *shoter* divinamente inspirado (11:16), como a narrativa da morte e sepultamento de Moisés em outras notas editoriais.

6. Se entre vós há profeta. O hebraico diz, *se houver profeta do Senhor, eu me revelarei*. O hebraico é fora do comum mas possível. A gramática apresenta a sobrevivência de uma forma de linguagem muito antiga (*Ugaritic Manual*, C.H. Gordon, pág. 46).

7. Fiel em toda a minha casa. Deus se revelava aos profetas comuns através de meios secundários (visões e sonhos). Mas sendo

Moisés *o homem da fé* em toda a casa de Israel, tinha relacionamento especial com o Senhor.

8. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas. Não por visões (*mar'a*) mas claramente (*mar'eh*); o sentido foi determinado pela frase antitética "não por enigmas", pois Moisés viu a forma do Senhor. Arão sabia o que isto significava, pois ele mesmo tivera tal experiência com Moisés (Êx. 24:10).

10. E eis que Miriã achou-se leprosa. Só ela foi punida, pois foi a instigadora deste infeliz negócio.

12. Metade de sua carne já consumida. Arão arrependeu-se profundamente e rogou que Miriã fosse libertada do horror de ter a sua carne consumida pela lepra.

13. Rogo-te que a cures. A intercessão de Moisés é rápida (especialmente no hebraico) mas fervorosa. Duas vezes ele interpõe *nei*, uma partícula de súplica – "Ó Deus, rogo-te que a cures, rogo-te".

14. Se seu pai lhe cuspira no rosto. O Senhor perdoou a Miriã e a purificou de seu pecado lamentável. Cuspir na face era sinal de vergonha imposto aos que erravam, mas que não incorriam na disciplina extrema da excomunhão (Dt. 25:9).

D. A História dos Espiões. 13:1 – 14:45.

Os espiões avançaram com ordens de Moisés para observarem se a terra de Canaã era boa ou má, cheia de matas ou nua, se eram muitos ou poucos seus habitantes, se eram fortes ou fracos, se eram nômades que habitavam em tendas ou se já haviam se estabelecido há muito com fortalezas muradas. Depois de uma exploração de quarenta dias, do Neguebe até os limites de Hamate, os espias retornaram. Todos concordaram que a terra marrava "leite e mel", mas dez deles ficaram tão profundamente impressionados com as fortalezas e a estatura gigantesca dos habitantes que incitaram uma onda de opiniões contra qualquer tentativa de tomar a terra.

Só Calebe e Josué tinham confiança em que "Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará". A súbita aparição da glória do Senhor salvou os dois espias fiéis de serem apedrejados. O Senhor propôs a Moisés destruir o povo para formar do próprio profeta uma nação maior. Mas Moisés intercedeu eficazmente por Israel. Ele defendeu a necessidade de preservar a honra de Deus diante dos pagãos, que certamente diriam, "o Senhor não foi capaz". E ele também apelou para a paciência e misericórdia de Deus. O Senhor perdoou o povo mas também o castigou, declarando que aquela geração que tinha murmurado e se rebelado não veria a Terra Prometida. O povo de Israel, grato pelo perdão mas não compreendendo o significado pleno do castigo prometido, tomou a decisão de agora obedecer naquilo que antes tinha desobedecido. Apesar da advertência de Moisés, subiram para lutar contra os amalequitas e cananeus. Foram completamente derrotados e tiveram de retroceder para Hormate.

Números 13

2. Envia homens que espie a terra. De acordo com Dt. 1:22, Deus condescendeu a um pedido do povo para que a terra fosse investigada. O Senhor não opôs objeção quanto a tal inteligente aproximação. Contudo, a subsequente falta de fé de Israel, torna-se ainda mais vergonhosa à luz do unânime testemunho dos espias que disseram que a terra era frutífera, exatamente como Deus tinha prometido que seda.

4. São estes os seus nomes. A teoria de que os nomes singulares desta lista se encaixam em algum outro período melhor do que no de Moisés não pode ser comprovada. A própria singularidade dos nomes é evidência de que vieram do período heróico da história de Israel e que não são produto de autores posteriores.

16. E a Oséias . . . Moisés chamou Josué. Moisés acrescentou o nome do Deus da aliança (*yhwh*) ao nome de Oséias ("libertação"), Este

nome de Deus foi traduzido Jeová algumas vezes na E.R.C. e Senhor na E.R.A. De acordo com Êx. 3:14,15, o nome indica Deus como o grande "EU SOU", eterno e pessoal em Seu Ser. Também lembrava a Israel que Ele era o Autor da Aliança. Aquele que fez as promessas aos pais – Abraão, Isaque e Jacó. Colocar este nome da Divindade como um prefixo a um nome pessoal foi o começo de uma grande tradição que enfrentou o progressivo teste com as divindades cananitas, especialmente Baal.

17. Subi ao Neguebe. Eles se dirigiram para o norte, "através do Neguebe" ou "deserto". **Neguebe** foi traduzido "sul" (outras traduções) porque fica ao sul de Canaã.

18. Vede a terra. . . e o povo. Este reconhecimento teve a intenção de determinar se a terra era boa ou não, se o povo era forte ou fraco, se habitava em cidades muradas como seus donos permanentes ou em tendas como beduínos. Séculos mais tarde, quando os assírios inventaram a guerra por meio do cerco das cidades, usaram maquinaria pesada e grupos de engenharia para tomar as cidades muradas; e mesmo então levava anos. Do ponto de vista humano, Israel tinha de enfrentar um inimigo formidável.

21. O deserto de Zim até Reobe, à entrada de Hamate. Viajaram de um local que ficava bem ao norte de Cades até uma cidade chamada Reobe, que ficava perto ou "na direção" da entrada do antigo reino de Hamate, cuja antiguidade se reflete em Gn. 10:18.

22. Edificada sete anos antes de Zoã. Zoã era a grega Tanis, uma cidade à leste do delta do Nilo. Tal como a hebraica *Sor* tornou-se a grega *Tyr* (o), *So'an* tornou-se *Tan* (is). **Hebrom** desempenhou papel importante na vida dos patriarcas (Gn. 13:18; 23:19), o que faria este versículo se referir aos tempos pré-abraâmicos. A referência, contudo, pode ser à reconstrução dessas cidades no tempo dos hicsos. A ligação entre Zoã e Hebrom na tradução hebraica teria mais provavelmente ocorrido depois que o Egito esteve sob o governo semita (dos hicsos),

especialmente porque Zoã foi a capital do Egito hicsu e provavelmente a residência de Faraó no tempo de Moisés.

24. O vale de Escol. A palavra para vale é *nahal*, significando "um leito fluvial seco". Esses "wadis" geralmente guardavam água logo abaixo da superfície muito tempo depois das chuvas terem cessado e assim contribuía para a fecundidade da terra. Escol significa "agrupamento". Alguns ligam este nome ao de um governante que viveu nesta época em tempos anteriores (veja Gn. 14:13).

28. O povo . . . é poderoso, e as cidades mui . . . fortificadas. Os espiões trouxeram um relatório concreto sobre a terra. Com este relatório ou palavra (*deibeir*, v. 26) Josué e Calebe concordaram (vs. 26,29). Foi no relatório pernicioso (*dibbat*, "uma difamação", "um boato", v. 32) que eles objetaram.

30. Calebe ... disse: Eia! subamos, e possuamos. Calebe tinha confiança naquele que dera provas a respeito de si mesmo até então. Moisés expressou a característica atitude de Calebe quando disse: "O Senhor vosso Deus . . . pelejará por vós, segundo a tudo o que fez conosco... no Egito; como também no deserto" (Dt. 1:30, 31). Certamente prevaleceremos contra ela. Foi depois desta expressão triunfante de fé que os dez espiões começaram sua campanha difamatória (infamaram, v. 32). Isto foi o suficiente para torná-los objeto do desprezo divino.

32. Infamaram a terra. O hebraico diz: *Espalharam uma difamação da terra*, o que sugere que deram início a uma campanha de difamação contra os dois homens fiéis. É terra que devora os seus moradores. Isto não significa que a terra fosse pobre - eles mesmos provaram o contrário - mas que muita gente brigava por causa dela justamente por ser tão boa.

33. Gigantes (os filhos de Enaque. . .). Alguns sugerem que os espiões imaginassem que havia gigantes por ali, quando viram os grandes muros, alguns de até 15,24ms de altura, supondo que só gigantes poderiam tê-los construído. Mas as medidas do estrado da cama do Rei Ogue dados em Dt. 3:11, testificam da existência de uma raça de pessoas anormalmente grandes. Dt. 2:10, 20 e Gn. 14:5 indicam que no tempo

dos patriarcas existiam "gigantes" que recebiam diversas designações locais (**emins, zuzins e refains**). No hebraico de Dt. 2:11 os **enaquins** são chamados **refains** (traduzido para "gigantes"). Josué 11:22 conta-nos que os enaquins permaneceram em três das cidades filistéias - Gaza, Gade e Asdode (Jr. 27: 5, LXX). A família de Golias em Gade poderia descender dessa gente, pois em II Sm. 21:16.22 e em I Cr. 20:4-8 esses gigantes filisteus são chamados de filhos de *Reipei'*.

Os textos de Ugarit do século quinze mencionaram os refains (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*, págs. 101-103), que provavelmente não eram "sombras dos mortos" mas realmente essa mesma gente poderosa (cons. *ilnym* ugarítico e *'elim* hebraico; Jó 41:17, Bíblia Hebraica; 41:25, Inglesa) do norte, de onde veio a utilização do ferro (cons. o estrado da cama de Ogue).

Números 14

14:8. Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nessa terra, e no-la dará. A difamação perniciosa ("mau relatório") que os dez espiões espalharam entre o povo acusava o próprio Senhor de querer matá-los. Observe, em contraste, a confiança sincera no Senhor expressa aqui por Calebe. Foi só com oitenta e cinco anos de idade (Js. 14:11,12) que ele, com a mesma fé vibrante, desalojou os enaquins nas vizinhanças de Hebrom.

9. Como pão os podemos devorar. O verbo *'eikal*, "comer" também significa "devorar", "devastar" ou "destruir" (12:12). A mesma figura foi transmitida aqui sem o verbo. **Retirou-se deles o seu amparo** (*sombra*). Jonas 4:6 conta como uma sombra protegia o profeta do calor escaldante do sol do deserto. Quando a sombra foi retirada, Jonas ficou exposto e vulnerável (Jn. 4:8). Mas Ez. 31:3, 12 mostra-nos que as nações poderosas são como as árvores (Nm. 24:6) sob cuja sombra outras nações são forçadas a viver. Quando a Assíria caiu, a sua sombra, que representava sua força, foi dissipada; e outras nações viram-se livres

do seu poder. Assim o texto poderia significar, "Retirou-se deles o seu poder".

15,16. As gentes. . . dirão: Não podendo o Senhor. A beleza desta passagem jaz no fato de Moisés ter sido zeloso pela honra do Senhor e não pela sua própria honra. Embora o espírito de Moisés fosse maravilhoso, sua argumentação em si era apenas parcialmente válida. Se Deus agisse segundo o conselho de Moisés, jamais teria castigado o Seu povo, com medo de que os pagãos O interpretassem mal. A parte válida da argumentação centraliza-se à volta da confiança de Moisés na capacidade de Deus realizar Suas promessas.

18. O Senhor é longânimo, e grande em misericórdia. Esta parte do rogo de Moisés é em favor do povo. Agora a argumentação é completamente válida, porque declara os motivos divinos. Deus não é apenas grande em misericórdia mas é o Justo que não pode apenas livrar-se do culpado, isto é, deixando a iniquidade sem castigo. Esta verdade fundamental que ensina a expiação pelo sangue substitutivo permeia toda a Bíblia. Deus é misericordioso e perdoa, não ignorando a iniquidade mas providenciando um substituto para que Ele possa ser tanto o Justo como o Justificador daqueles que crêem (Rm. 3:21-26).

19. E como também tens perdoado. O significado da raiz da palavra *perdoar*, "suportai ou agüentar", sustenta este aspecto substitutivo do perdão. Pois, para que Deus perdoe é preciso que haja alguém que sofra o pecado.

21. Porém tão certo como eu vivo. Esta é a introdução de um juramento que continua através do versículo 23. Para esclarecer diversos pontos, oferecemos a seguinte tradução: "Tão certo como eu vivo e como a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que viram a minha glória e os sinais que realizei no Egito e no deserto, mas que agora me tentaram dez vezes e não deram ouvidos a minha voz, verá a terra que eu jurei dar a seus pais". A décupla tentação parece referir-se aos dez espiões ineptos.

23,24. Nenhum daqueles que me desprezaram, a verá. Porém (exceto) meu servo Calebe. Visto que. . . perseverou em seguir-me.

"Perseverar em seguir" deriva de uma raiz significando "preencher", e foi usado para expressar a consagração do sacerdote ("encher sua mão", 3:3). Significa também "transbordar" ou "fazer algo abundantemente sem se esquivar", quer para o mal quer para o bem (Jó. 16:10). Calebe entregou-se completamente a Deus que, por Seu lado, fez Calebe "abundar", "enchendo sua mão" a fim de que fizesse a vontade divina. Um exemplo perfeito de consagração! E a sua descendência a possuirá. Esta promessa foi fielmente cumprida. Veja Js. 14:6-15.

25. Mudai amanhã de rumo e caminhai para o deserto. A ordem era clara. Só tinham de obedecer. **Caminho do Mar Vermelho.** O hebraico *Yam Suph* ("mar dos juncos") quer dizer as águas dos dois golfos que rodeiam a península do Sinai. Este "caminho" distingue-se em Êx. 13:17,18 do "caminho da terra dos filisteus", que seguia pela costa do Mediterrâneo.

26. Disse o Senhor. Os versículos 26-35 dão uma declaração extensa das razões e detalhes deste castigo. Longe de representarem um documento de fonte diferente, como alguns defendem, seguem o bom estilo literário semita, repetindo e enfatizando uma frase dentro de um contexto mais longo (Gên. 1, 2).

28. Por minha vida. O juramento de 14:21-23 repete-se aqui em termos mais amplos, explicando detalhadamente como suas carcaças cairão no deserto e como Deus realizará Sua promessa através dos filhos deles. A ironia da situação foi que, em sua murmuração, acusaram o Senhor de fazer desses mesmos filhos uma presa do deserto (v. 31). Neste castigo Deus fê-los lembrar de suas palavras e prometeu que esses mesmos filhos herdariam a terra.

33. Levarão sobre si as vossas infidelidades. Esta é uma metáfora. Por meio da infidelidade, aqueles que estão casados com Deus (crentes) cometeram adultério espiritual, e como conseqüência desse pecado, seus filhos iriam sofrer até que passasse toda aquela geração.

34. E tereis experiência do meu desagrado. A frase, *rompimento de promessa* (outra tradução), que sugere que Deus poderia deixar de cumprir a Sua promessa, é uma tradução infeliz de um termo que significa "censura" ou "oposição". Em 30:5 um verbo desta raiz significa "desaprovar" e em 32:7 significa "desencorajar". "Se Deus é por nós, quem será contra nós" (Rm. 8:31). O inverso é a trágica lição deste versículo: Quando os homens persistem em pecar, Deus só pode se opor, desaprovar e desencorajar.

36. Fizeram murmurar toda a congregação . . . infamando. Este texto, que usa a mesma palavra *dibbei* que foi usado em Nm. 13, confirma nossa interpretação do "mau relatório" como difamação (13:28, 30, 32). Por meio de uma campanha difamatória esses homens pecadores colocaram toda a congregação contra o Senhor. Agora, "morreram de praga perante o Senhor" (v. 37).

41. Por que transgredis o mandado do Senhor? Deus tornou explícito que deviam agora retornar ao deserto (v. 35). Portanto, esta tentativa de exibir um zelo atrasado era irrefletido; pois fé é obediência, sem a qual não teriam a presença ou as bênçãos de Deus (v. 42).

44. Contudo . . . tentaram subir. Seu primeiro pecado foi incredulidade reticente, comprovada por sua cautela e medo extremos (II Tm. 1:7). Agora transferiram-se para o outro extremo da incredulidade presunçosa, demonstrada por sua super-confiança e falta de cuidado. A raiz hebraica de **tentaram** (atreveram-se a), *'eipal*, também foi usada em Hc. 2:4: "Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé". O apóstolo Paulo viu a verdade espiritual que se encontra latente aqui. O homem injusto confia em sua própria virtude. Mas a verdadeira justiça se origina na fidelidade de Deus e comunica-se ao homem através de uma vida obediente e dependente, de fé em fé (Rm. 1:17).

IV. A Segunda Lista Sacerdotal. 15:1 – 19:22.

O aspecto principal desta seção sobre os sacerdotes encontra-se nos capítulos 16 e 17, que narram a rebelião de Coré e a conseqüente tripla vindicação do sacerdócio araônico. Ao redor desta vindicação de Aião como sacerdote estão outros detalhes de interesse sacerdotal (veja esboço).

Números 15

A. Detalhes Cerimoniais. 15:1-41.

Instruções anteriores (Lv. 2:1-11) referentes às ofertas de manjares (cereais) não dão quantidades exatas. Temos agora uma passagem especificando proporções exatas (cons. Lv. 23:13). Antevendo o tempo quando o povo comeria do alimento de Canaã, o Senhor deu instruções para que se fizesse uma contribuição simbólica das primícias dos seus produtos (ofertas alçadas). Ele providenciou pelo perdão dos pecados de ignorância – casos em que tanto a congregação como um todo ou indivíduos pudessem ter transgredido inadvertidamente – com base nas ofertas queimadas acompanhadas com a expiação pelo sangue (vs. 22-31; cons. Lv. 4). Mas Ele também esclareceu que se um homem agisse com más intenções (**atrevidamente**), devia ser desligado do povo, levando a sua própria iniquidade.

Um homem foi apedrejado por desprezar o mandamento divino referente à guarda do sábado. Alguns têm tentado identificar este julgamento severo com as idéias farisaicas sobre o sábado, contra as quais Cristo se declarou. As duas situações não são as mesmas. Os fariseus acrescentaram à lei religiosa judaica regulamentos sobre o sábado que não se encontram no Velho Testamento, fornecendo escapes para si mesmos. O Senhor do Sábado ensina que a lei do sábado foi planejada para o prazer espiritual do homem e para satisfação de suas necessidades mais profundas. Em nenhum lugar a Bíblia assume uma posição leviana para com a transgressão deliberada de alguma das leis de Deus. O capítulo termina com uma declaração de valor psicológico (Nm. 15:37-41). Os israelitas deviam

prender borlas feitas de fio azul nas barras ou nos cantos de suas vestes, como lembretes de que deviam guardar todos estes mandamentos (Dt. 22:12). Era "o barbante amarrado no dedo" de Israel.

5. Para cada carneiro. Observe que as quantidades de mistura de azeite e farinha e de vinho para as libações aumentavam de acordo com o tamanho do animal oferecido: a quarta parte de um him de azeite e vinho para cada cordeiro, um terço de cada com o carneiro, mais meio him com cada novilho. Isto demonstra o princípio que sublinhava todas as ofertas – um homem devia dar de acordo com a sua capacidade (Lv. 5:7-13).

7. Em aroma agradável (aquietante, repousante). A frase foi usada em 15:3, 10, 13, 14. Em Gn. 8:20, 21 somos informados que o Senhor cheirou a agradável fragrância da oferta queimada de Noé, que exerceu efeito favorável n'Ele. Alguns não gostam do antropomorfismo extremo deste pensamento. Mas a Bíblia está cheia de tais descrições de Deus. A expressão não é mais literal que as palavras: "Cavalgava um querubim", ou "levado velozmente nas asas do vento" (Sl. 18:10). Baal, a divindade pagã, é chamada de "o cavaleiro das nuvens" (C.H. Gordon, *Ugaritic Literature*. pág. 30), como também o Senhor no Sl. 68:4.

O crítico que presume que este "antropomorfismo" é uma evidência de que a religião de Israel se encontrava em estágio primitivo, poderia também acusar um pastor moderno de idolatria, quando Ele ora pedindo que Deus "desnude o Seu braço em favor do Seu povo". Com termos conhecidos, o homem entende o desconhecido, neste caso os sentimentos de Deus para com ele. Por meio desta expressão prática, aroma agradável, o povo de Deus sabia que seus sacrifícios agradavam-no, mais do que um perfume era suavizante e agradável às próprias pessoas.

16 A mesma lei . . . para vós outros e para o estrangeiro que mora convosco. Os estrangeiros eram bem-vindos para "morarem" com Israel, mas eram obrigados a adorar da maneira estabelecida por Deus, não como quisessem. A decadência espiritual dos povos circunvizinhos era tal que a introdução de Suas práticas religiosas prejudicaria a nação.

20. Das primícias da vossa farinha . . . um bolo. A palavra *'arisa*, traduzida pala farinha, costuma ser aceita significando "cereal não refinado". Uma referência anterior à oferta das primícias (Lv. 23:14) menciona apenas a oferta movida de um feixe, acompanhada de uma oferta de manjares de solet, "flor de farinha". O fato desta oferta alçada de cereal não refinado ser chamada de *teruma*, "uma contribuição", indica que era para ser consumida pelos sacerdotes, enquanto a flor de farinha de Lv. 23:13 devia ser uma oferta queimada, de aroma agradável ao Senhor.

30. Fizer alguma coisa atrevidamente (*afoitamente*). O Israel obediente saiu do Egito "afoitamente" (Êx. 14: 8), com o punho erguido desafiando Faraó. Aqui, os pecados de um Israel arrogante atreviam-se a desafiar o Senhor (cons. Dt. 32: 27; Is. 10:32).

36. E o apedrejaram; e ele morreu, como o Senhor ordenara. Os lábios de Cristo descreveram um destino muito pior do que este daqueles cujos corações desprezaram a lei de Deus (cons. Mt. 18:9). Na verdade, este acontecimento do Velho Testamento foi uma lição misericordiosa. Embora tal julgamento não pudesse mudar o coração daquele que foi julgado, evitou que muitos israelitas obstinados desafiassem a Deus.

39. E não seguireis os desejos dos vossos corações, nem os dos vossos olhos. As borlas eram um lembrete para que não andassem segundo suas próprias más inclinações e desejos, mas a que seguissem os mandamentos bons e sadios do Senhor.

Números 16

B. A Rebelião de Coré, Datã e Abirão. 16:1-35.

Qualquer rebelião deste tamanho tem numerosas facetas e várias razões agravantes subjacentes. Críticos têm imaginado que as diferentes correntes de pensamento aqui têm origem nas fontes documentárias hipotéticas JE e P, e que a nossa história representa as narrativas combinadas de diversas rebeliões durante a história de Israel. Contudo,

do texto em si, deduzimos que houve o lado eclesiástico e o lado civil nesta rebelião. Coré persuadiu companheiros levitas e outros a se lhe juntarem na busca da função sacerdotal (vs. 9, 10). Ao mesmo tempo, os rubenitas, Datã e Abirão, voltaram-se contra Moisés por causa de seu aparente fracasso em lhes oferecer os campos e as vinhas da Terra Prometida (v. 14). O pensamento de terem de passar o resto de suas vidas no deserto devia lhes fazer parecer que a rebelião era um caminho de escape.

Datã e Abirão recusaram-se a irem ao Tabernáculo para enfrentarem Moisés, mas enviaram-lhe uma queixa amarga (vs, 12-14). Coré, por outro lado, e seus 250 "príncipes" (não todos, mas muitos levitas; vs. 7, 8; 27:3) apareceram com incensários nas mãos, para provarem que eram santos e podiam executar esta obrigação sacerdotal. Subitamente a glória do Senhor apareceu à porta do Tabernáculo; e o Senhor apoiou a autoridade de Moisés, abrindo a terra que engoliu os três líderes da rebelião, com suas famílias e propriedades (v. 32). A seguir, o grupo de carregadores de incenso foram devorados pelo fogo.

3. Basta-vos. Ou, "Estamos fartos de vocês". Moisés, um pouco mais tarde, devolveu-lhes estas mesmas palavras (v. 7). **Toda a congregação é santa.** Em Êx. 19:6 Deus prometeu fazer de Israel um reino de sacerdotes e uma nação santa. Mas esta promessa tinha uma condição, "se . . . ouvirdes a minha voz, e guardardes a rainha aliança". Pois a doação e a execução desta aliança designava divinamente os mediadores onde fossem necessários.

11. Pelo que tu e todo o teu grupo juntos estais contra o Senhor. Deus já tinha escolhido o Seu mediador (v. 5). Se Coré e sua congregação duvidasse, duvidaria de Deus. **E Arão, que é ele?** O direito que Arão tinha de ser sacerdote não se originara nele mesmo.

12. Datã e Abirão . . . disseram: Não subiremos. A cena passa para os rubenitas, cujos motivos de rebelião diferiam dos de Coré, mas cujos propósitos de derrubar Moisés e Arão eram os mesmos.

13. Também queres fazer-te príncipe sobre nós? Ou, *Você pretende continuar fazendo o papel de príncipe sobre nós?* Estes homens estavam agastados com a perspectiva de gastar toda sua vida no deserto. Acusavam Moisés da derrota em Hormá (14:45). Imaginavam que ele recusara levar a arca com eles naquela ocasião, com medo de perder o controle que tinha sobre eles quando entrassem na terra.

14. Pensas que lançará pó aos olhos destes homens? De acordo com Pv. 30:17, a alusão aqui é aos abutres que arrancariam os olhos dos mortos no deserto. Não dissera Moisés que toda esta geração teria de morrer no deserto?

19. Coré fez ajuntar contra eles todo o povo. O hebraico faz uma diferença entre *sua congregação*, "grupo", e a **congregação** (cons. v. 9). Core apresentava-se como o defensor de toda a congregação: "Toda a congregação é santa" (v. 3).

22. Ó Deus, Autor e Conservador de toda vida (O Deus dos espíritos e de toda carne.) O muito evidente dualismo do espírito e da carne revelado nesta frase fornece evidências de que este conceito fazia parte da ideologia religiosa dos hebreus desde os tempos de Moisés. Mestres "liberais", contudo, inclinam-se a atribuir este conceito à teologia de posteriores documentos "P".

24. Levantai-vos do redor da habitação (tabernáculo) **de Coré, Datã e Abirão.** Não parece provável que estes homens tivessem construído um outro tabernáculo. O termo *mishkan* pode se referir a qualquer tipo de habitação ou tenda (24:5). A simples adição da consoante hebraica "yodh" indicaria o plural, "tendas de". Os tradutores da LXX, ou viram a dificuldade e deixaram de fora os nomes de Datã e Abirão, ou trabalhavam em um manuscrito hebraico que só mencionava Coré. Nosso atual texto hebraico de 16:32 só menciona Coré, numa expressão abreviada de todos os três rebeldes.

27. Levantaram-se, pois, do redor da habitação (tenda) **de Coré.** Aqueles que creram em Moisés comprovaram-no agora pela atitude.

Datã e Abirão . . . se puseram à porta das suas tendas, como a desafiar Moisés.

28. Não procedem de mim mesmo. Vemos novamente que a briga não era com Moisés mas com Deus. O hebraico *leb*, “**coração**” (E.R.C.), foi corretamente traduzido para mente na AV; pois o coração geralmente indica a capacidade intelectual (cons. Os. 7:11, "entendimento"), enquanto que as entranhas, etc., ("rins" E.R.C. SI. 16:7, e em outras passagens) se referem à capacidade emocional.

30. Mas, se o Senhor criar alguma coisa inaudita. Tanto o verbo como o substantivo são de *beirei*, “criar”; portanto a coisa inaudita tinha de ser uma coisa sobrenatural, ou pelo menos fora do comum. **E vivos descerem ao abismo** (Sheol). No V.T. o termo Sheol raramente significa "o lugar dos mortos"; aqui indica "a sepultura".

32. E os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a todos os seus bens. *Beittehem* não se refere a suas **casas**, mas *famílias*. O restante do versículo diferencia entre propriedades humanas (servos) e não humanas (animais e bens). Era simplesmente a maneira hebraica de dizer "tudo". Contudo, Nm. 26:11 nos informa que os filhos de Coré não pereceram com ele. Provavelmente a "família" de Coré não incluía seus filhos adultos que tinham suas próprias famílias.

C. Incidentes da Vingança do Sacerdócio Araônico. 16:36 - 17:13.

A esta altura a Bíblia Hebraica começa um novo capítulo. Os escribas judeus consideraram o restante do capítulo 16 e todo o 17 como se fosse uma unidade, abrangendo o tema do direito único de Arão ao sacerdócio. Os incensários de bronze usados pelos rebeldes foram batidos em lâmina para cobertura do altar, como lembrete perpétuo do sacerdócio exclusivo da casa de Arão. As conseqüências da rebelião aparecem na murmuração que acusava Moisés pela morte dos rebeldes. A ira de Deus se aplacou somente quando Arão usou o seu incensário para fazer expiação pelo povo (v. 46). A vingança da casa de Arão não

culminou no teste das varas (cap. 17). Das doze varas escolhidas, uma para cada tribo, só a vara de Levi, com a inscrição do nome de Arão, floresceu sobrenaturalmente e produziu amêndoas diante do Senhor. Esta vara teve de ser guardada na arca como um testemunho contra toda e qualquer tentativa futura de rejeitar a escolha divina da família mediatorial.

37. Porque santos são. Por que os incensários desses homens ímpios foram considerados santos? Porque Deus tinha para eles sagrado propósito. "Porquanto os trouxeram perante o Senhor.. . serão por sinal. . . por memorial. . . para que nenhum estranho, que não for da descendência de Arão, se chegue para acender incenso perante o Senhor" (cons. vs. 37-40).

48. Pôs-se em pé entre os mortos e os vivos. Uma ilustração dramática do ofício mediador de Arão. Não pela virtude dele em si mesmo (16: 5) mas apenas porque Deus o escolhera, o incenso de Arão efetuou a expiação pelo povo e interrompeu a praga (cons. Hb. 5:4-6).

Números 17

17:4. Perante o testemunho. A referência é à arca do testemunho. **Onde eu vos encontrarei.** O verbo encontrar no hebraico significa "marcar uma hora ou lugar". A mesma raiz foi usada para tabernáculo da congregação, *'ohel mo'ed*, significando "a tenda da hora e do lugar marcados". A congregação algumas vezes é chamada de *'eda*, "o grupo reunido para o encontro".

6. Doze varas. Considerando que uma era de Levi (a de Arão) e que ambos, Efraim e Manassés, eram considerados como tribos, devia haver treze varas e não doze. Havia dois meios de se numerar as tribos para que sempre fossem doze. Em Nm. 1:5-15 os filhos de José são reconhecidos como uma só tribo. Em 13:4-15, contudo, tem-se em mente a terra e sua conseqüente divisão; por isso a tribo de José foi subdividida

para que houvesse doze divisões, uma vez que Levi não recebeu herança de terra.

8. No dia seguinte. Esta limitação de tempo ajuda a estabelecer o fato de que foi um verdadeiro milagre de Deus o que aconteceu.

10. A vara de Arão . . . para que se guarde por sinal. Um símbolo que ensinasse a futuras gerações. **Para os filhos rebeldes.** Os *filhos da disputa*, ou *filhos da rebelião*. Eram homens que tornaram suas vidas miseráveis e ofenderam a Deus gravemente, permitindo que a auto-piedade ou qualquer outra forma de profunda inquietação fervesse em seus corações (v. 12).

12. Eis que expiramos, perecemos, perecemos todos. Uma expressão final de auto-piedade partindo de uma geração contradizente encerra este capítulo e também a narrativa do procedimento divino com ela. As próximas palavras da narrativa (20:1) descrevem os últimos dias da peregrinação no deserto e o nascer de uma nova geração.

Números 18

D. Deveres e os Rendimentos dos Sacerdotes e Levitas. 18:1-32.

Arão e os levitas eram servos de Deus indicados para a realização do ministério sagrado do santuário, através do qual Israel aprendia Sobre a santidade de Deus (vs. 1-7). Nenhum membro da casa de Levi receberia herança de terra; Deus providenciou por eles através da porção perpétua, *haq'oleim* (v. 8). Esta era a parte dos sacerdotes nas ofertas de Israel. Mas considerando que nem toda a tribo de Levi podia ser sustentada pelas porções das ofertas, os levitas recebiam o dízimo de toda a herança de Israel. E cada levita dava um dízimo do seu dízimo ao sacerdote, exatamente como se ele mesmo o tivesse plantado nos campos.

1. Levareis sobre vós a iniquidade relativamente ao santuário e ao vosso sacerdócio. *Levar (perdoar)* a iniquidade significa purificar por meio de oferta substitutiva. Os sacerdotes tinham de fazer expiação

de seus próprios pecados (Lv. 16: 6). Também, considerando que havia a possibilidade do santuário ser profanado por alguém inadvertidamente, o Lugar Santo e o altar também tinham de ser purificados (Êx. 29:36, 37; Lv. 16:20).

6. São dados a vós outros para o Senhor. Eram concedidos aos sacerdotes como pessoas consagradas ("dadas") ao serviço do Senhor. Este versículo é uma chave para se compreender o uso que o apóstolo Paulo fez de Sl. 68:18 em Ef. 4:8.

7. Por ofício como dádiva. O sacerdócio era um serviço privilegiado, designado e equipado por Deus.

8. Minhas ofertas. Estas *terumot* eram as contribuições aos sacerdotes e levitas, e se distinguiam das ofertas queimadas, que eram expiatórias.

9. Que me apresentarem. O pensamento aqui é de devolver a Deus o que é dEle.

10. Todo homem o comerá. As ofertas do versículo 9 eram "santíssimas"; por isso só os homens podiam participar delas.

11. A teus filhos, e a tuas filhas.. . todo o que estiver limpo. . . as comerá. Não ofertas queimadas para expiação; por isso toda a família sacerdotal participava.

16. O resgate . . . (desde a idade de um mês os regatarás), será segundo a tua avaliação, por cinco siclos de dinheiro (de prata). Compare com Lv. 27:1-7 para as diferentes avaliações segundo a idade e sexo. **Por cinco siclos de dinheiro.** Não havia dinheiro (no sentido atual) no antigo Israel. O texto hebraico diz, *prata, cinco siclos, que é de vinte geras* (peso de cereais).

19. Aliança perpétua de sal. De acordo com Lv. 2:13, todo sacrifício era salgado. Cristo usou este pensamento para descrever a eterna verdade do inferno (Mc. 9:49). O sal significava uma aliança inviolável entre Deus e os sacerdotes.

20. Eu sou a tua porção e a tua herança. Suas vidas deviam ser gastas servindo a Deus no santuário. Por isso deviam ser fisicamente sustentados pelo povo, o qual era sustentado por Deus.

24. Os dízimos . . . que apresentam ao Senhor em oferta, dei-os por herança aos levitas. Os levitas e os sacerdotes dependiam da fidelidade do povo, o qual por sua vez desfrutava da boa vontade do seu Deus através da obediência cuidadosa a todas as leis do santuário.

29. Toda oferta (contribuição) do (devida ao) Senhor: do mentor delas. As ofertas devidas ao Senhor (v. 26) deviam vir do melhor dentre o melhor. O povo dava o que tinha de melhor aos levitas, os quais davam o melhor disto ao Senhor, representado pelos sacerdotes.

31. É a vossa recompensa pelo (como pagamento) vosso serviço. A palavra '*seikeir*, "salário" pode parecer mercenária; mas compare Gn. 15:1, onde Deus mesmo se intitula o '*seikeir* ("recompensa") de Abraão.

Números 19

E. A Água Purificadora para Aqueles que se Contaminassem com Mortos. 19:1-22.

Os versículos de 1 a 10 explicam como esta água devia ser preparada, e o restante do capítulo diz como devia ser usada. Eleazar, o filho de Arão, devia supervisionar o sacrifício de uma novilha vermelha perfeita fora do acampamento. Devia aspergir o seu sangue na frente do Tabernáculo sete vezes e depois queimá-la inteiramente, incluindo o sangue, junto com madeira de cedro, hissopo e fazenda vermelha. As cinzas resultantes deviam ser usadas para o preparo da "água purificadora"; isto é, água para remoção da impureza cerimonial.

Uma pessoa contaminada por um morto devia ser considerada imunda durante sete dias. Adquiria a pureza cerimonial sendo aspergida com esta água no terceiro e sétimo dias. No sétimo dia devia lavar suas roupas e o corpo e, ao pôr do sol, estaria "limpa". Aquele que deixasse de obedecer devia ser excluído da congregação como pessoa imunda.

2. Uma prescrição da lei. O que aqui foi chamado de *lei doutrinária*, mais tarde foi chamado de estatuto perpétuo, "eterno" (v.10). Portanto, o duplo propósito deste ritual era ensinar a Israel a pureza de Deus e preservar esta revelação às gerações futuras. Uma novilha vermelha, perfeita. Muitos têm tentado forçar interpretações alegóricas no uso desta novilha vermelha, nas quais cada detalhe, incluindo a cor do animal, recebe um significado espiritual. Seria melhor aceitarmos esta cerimônia como o faríamos com o quadro de um pintor, reconhecendo que, apesar de todo transmitir uma mensagem, os detalhes são insignificantes quando considerados independentemente. Hebreus 9:13, 14 aponta a mensagem desta lição objetiva – o povo de Deus precisa experimentar a purificação da impureza. Tal como as cinzas da novilha vermelha purificavam cerimonialmente o israelita contaminado, o sangue de Cristo satisfaz a justiça divina, purifica a consciência do pobre pecador e o restaura diante de Deus.

4. Espargirá para a frente da tenda da congregação. Este era o ato expiatório que expiava o pecado e aplacava a Deus (Lv. 16:14, 15). A vida de uma vítima pura e inocente substituía a vida da pessoa maculada, por causa disso esta oferta pelo pecado chamava-se *hattei't* (Nm. 19:9, 17).

9. Num lugar limpo, isto é, cerimonialmente limpo. Para a água purificadora. Mais corretamente *água da impureza*, aquela que remove a impureza. **É oferta pelo pecado.** O plano deste ritual era providenciar uma maneira simples de purificar os israelitas de uma contaminação muito comum. Eles sentiam em suas consciências o relacionamento que há entre o pecado e a morte e a necessidade da libertação da maldição que a morte representa, a maldição do pecado.

12. . . . se purificará. Como em 8:21, a expressão hebraica é *ele se des-pecará*. Embora signifique purificação, a ênfase está sobre a imundícia, não sobre a pureza, talvez porque ninguém pode ser realmente purificado se não compreender que o pecado é pecado.

13. Contamina o tabernáculo do Senhor. Um israelita contaminado pela morte poluiria tudo o que tocasse ou de que se aproximasse. Esta idéia do contágio da impureza cerimonial destaca-se nos versículos 14, 15 (cons. Ag. 2:13).

16. Em outro morto, ou nos ossos de algum homem, ou numa sepultura. Qualquer coisa relacionada com a morte contaminava. As pessoas não podiam evitar de se contaminarem ocasionalmente; por isso "a água purificadora" estava sempre à disposição. O sacerdote, contudo, estava proibido de se contaminar, exceto quando morriam seus parentes mais próximos (Lv. 21:1-3).

18. Um homem limpo tomará hissopo. Qualquer pessoa "limpa" podia realizar esta tarefa; não era necessário que fosse um sacerdote. O propósito desta provisão era tornar facilmente acessível a purificação do inevitável contato com a morte.

V. Do Deserto de Zim às Estepes de Moabe. 20:1 – 22:1.

De Nm. 33:36 podemos deduzir que no fim dos anos da peregrinação, Israel se encontrava em Ezion-Geber, no litoral norte do Golfo de Ácaba. Dali entraram no Deserto de Zim, no qual se localizava o oásis chamado Cades, um termo usado em 33-36 para designar uma área extensa. Pediram passagem pelo Edom através da antiga rota comercial, o caminho real, mas o pedido não foi aceito. Estes capítulos indicam que Edom, Moabe, os amorreus e os cananitas controlavam muitas fortalezas estabelecidas no Neguebe e Transjordânia. Estando acampados no Monte Hor, Israel lutou contra Arade, o cananeu, e o derrotou. A esta altura (21:4) seguiram para o sul pelo caminho de *Yam Suph* (aquí o Golfo de Ácaba) para evitar um conflito com os edomitas.

Finalmente viajaram para o norte, no Vale de Arabá, até que alcançaram o Wadi Zered, esquivando-se de Moabe pelo leste e Seguindo para o norte até Amom, depois para o oeste novamente pelo caminho real. O território ao norte do rio Amom, chamado de "as Estepes de Moabe", eles o capturaram derrotando Seom, o rei amorreu,

que o conquistara dos moabitas. Mais terras a leste do Jordão foram conquistadas, derrotando Ogue, rei de Basã. O restante de Números (depois da história de Balaão) foi dedicada ao preparo desta nova geração para maiores conquistas a oeste do Jordão.

Números 20

A. O Deserto de Zim. 20:1-21.

1) O Pecado de Moisés. 20: 1-13.

1. Chegando . . . Israel . . . ao deserto de Zim, no mês primeiro. **Zim** (*Sin*) fica entre o aclave do Acrabim, a sudoeste do Mar Morto, e Cades (20: 16; 34: 3). Embora o ano não fosse mencionado, deve ter Sido no fim do trigésimo nono ou o quadragésimo ano depois do Êxodo. Pois eles prosseguiram de Cades para o Monte Hor (20:22), onde Arão morreu; e 33:38 nos conta que ele morreu no quadragésimo ano.

5. Não é de cereais, nem de figos, nem de rides, nem de romãs, nem de água para beber. Quando Nelson Gluek descreve a importância da água no Neguebe (*Rivers in the Desert*, págs. 20-25) torna plausível a simpática atitude divina para com esta queixa (pág. 16).

8. Falai à rocha, e dará a sua água. Uma rocha dando água, indica que esta água da rocha era a coisa esperada. O milagre consistia em Moisés saber qual a rocha que estava pronta a dar água e no fato de que tinha apenas de lhe falar.

10. Ouvi, agora, rebeldes, porventura faremos sair água. Salmo 106:32, 33 dá o comentário divino sobre estas palavras. O povo estava zangado com Moisés, "tornando seu espírito amargo a ponto de proferir palavras ásperas". Não foi Deus, mas Moisés que ficou zangado com o povo. Por isso o pronome nós oculto, era uma forma de blasfêmia.

11. Feriu a rocha duas vezes. Se Moisés tivesse apenas falado à rocha, conforme orientação do Senhor, o milagre teria destacado o poder

de Deus. Conforme aconteceu, Moisés tomou o lugar de Deus, em palavras e atos.

12. Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel (conf. v. 24). O pecado de Moisés foi uma recusa obstinada de desviar a atenção de si mesmo para o poder de Deus, santificando assim o Senhor diante dos olhos do povo. Moisés e Arão partilharam do castigo deste pecado, pois Deus dissera; "Falai (plural) à rocha". Depois do ato ele disse : "Não fareis (plural) entrar este povo na terra que lhe dei".

13. São estas as águas de Meribá. O lugar não foi cognominado Meribá depois do incidente, como Refidim quarenta anos antes (Êx. 17:7); mas a água foi agora intitulada de "águas da contenda" (*meriba*) porque os filhos de Israel contenderam com o Senhor.

2) O Pedido para Atravessar Edom. 20:14-21.

14. Enviou Moisés. . . mensageiros . . . Assim diz teu irmão Israel. Os edomitas eram descendentes de Esaú (Dt. 23:7). Moisés declarou a verdade com diplomacia.

16. Em Cades, cidade nos confins do teu país. A fronteira de Edom tem sido considerada como o lado oeste do Vale de Arabá. Se a presente identificação de Cades no 'Ain Qadeis (ou 'Ain el-Quderat) for correta, então a fronteira de Edom devia se estender pelo Neguebe adentro. Isto dá uma idéia da extensão da influência de Edom, uma vez que as fronteiras reais só se estabeleciam pelo controle de certos postos chave.

17. Pela estrada real. Era uma antiga rota de caravanas. Muito antes de Moisés, já era usada como importante artéria pública. O versículo 19 chama-a de estrada pública (*mesilla*).

20. E saiu-lhe Edom ao encontro com muita gente, e com mão forte. Não houve luta, porque o propósito de Deus era não dissipar as forças de Israel aqui, mas reservá-las para a dura luta contra os amorreus, cuja terra era necessária por causa do acesso a Canã.

B. A Área do Monte Hor. 20:22 – 21:3.**1) A Morte de Arão. 20:22-29.**

22. Então partiram de Cades; e . . . foram ao monte de Hor. A localização do Monte Hor (*Hor heiheir*) é indefinida. Muitos pensam que seja Jebel el-Medra, que fica exatamente a leste do Vale de Arabá. Outros acham que o lugar é alguma montanha a noroeste de Cades. Esta última idéia se encaixaria na descrição que Moisés faz da esfera do poder de Edom, uma vez que o Monte Hor ficava na fronteira de Edom (v. 23). Moisés, em Dt. 1:44, supõe que Seir (uma designação para Edom) fica no Neguebe, o que se encaixaria na opinião de que a fronteira de Edom não confinava com o Wadi Arabá. A descrição da fronteira meridional de Israel em Nm. 34:1-5 e Js. 15:1-12 coloca ambas, as fronteiras de Israel e Edom, muito ao oeste de Arabá, perto de Cades-Barnéia, a caminho do rio do Egito (Wadi el 'Arish).

23. No monte de Hor, nos confins da terra de Edom. Isto não significa que a montanha ficasse justamente sobre a fronteira do Edom. Talvez fosse aperto uma mineira de diferenciá-la do outro Monte Hor de 34:8. Diversos lugares eram chamados Cades (*sagrado*) e tinham de ser diferenciados, como, por exemplo, Cades-Barnéia, Cades Naftali e Cades sobre o Orontes.

28. Moisés, pois, despiu a Arão de suas vestes, e vestiu com elas a Eleazar. Eram as vestes Sagradas de Êx. 39, símbolo do sumo sacerdócio. Elas distinguiam Arão – e agora, Eleazar – como mediador escolhido por Deus, cujo ministério ensinava ao povo que Deus era o seu Amigo Todo-poderoso e Sempre-santo.

Números 21**2) Arade, o Cananeu, Derrotado em Hormá. 21:1-3.**

1. O cananeu, rei de Arade, que habitava no Neguebe. O nome de **Arade** continua sendo usado em relação a um outeiro no Neguebe. Um homem que desse o seu nome a uma área por milhares de anos,

difícilmente seria apenas um chefe de tribo (Glueck, *Rivers in the Desert*, pág. 114). Os versículos 1,2 não descrevem dois acontecimentos separados por centenas de anos, conforme pensam alguns. **Pelo caminho de Atarim** (dos espias). “O caminho de ‘ateirim’ era possivelmente o nome de uma estrada trilhada por caravanas, uma vez que o equivalente árabe de ‘ateirim é “pegadas”.

3. Destruirei totalmente as suas cidades. Os homens de Israel foram forçados nesta batalha, pois não era seu plano entrar na terra pelo sul. O acontecimento transformou-se em um sinal de futuras conquistas. O resultado da última batalha que o povo de Deus enfrentou trinta e oito anos antes, foi uma triste derrota em um lugar chamado Hormá (14:45). Por isso, aqui neste versículo há um jogo de palavras, uma vez que Hormá tem a mesma raiz que o verbo "destruir totalmente". Esta não poderia ter sido a cidade de Hormá mencionada em 14:45 (Js. 15:30; Jz. 1:17). Talvez Moisés procurasse levantar a moral mencionando este lugar de vitória como recordação da humilhante derrota pelo mesmo inimigo.

C. A Viagem às Estepes de Moabe. 21:4 - 22:1.

1) Rebelião na Viagem à Volta do Edom. 21:4 -9.

4. Caminho do Mar Vermelho. Não o Mar Vermelho que nossos mapas indicam, mas o *Yam Suph*, que quer dizer "o mar onde crescem os juncos", neste caso o Golfo de Ácaba. Deuteronômio 2:8 chama este caminho de "o caminho de Arabá", referindo-se à planície que sobe gradualmente partindo das profundezas do Mar Salgado até o Golfo. Israel foi nesta direção, embora não necessariamente todo o caminho até o mar, para fugir ao contato com os edomitas.

8. Faze uma serpente abrasadora. No hebraico não há um adjetivo; o termo '*seireip* significa uma "cobra venenosa". **Todo mordido que a mirar, viverá.** Só aqueles que creram na promessa de Deus puderam agir de acordo com a orientação e viver. Nosso Senhor viu nisto

não apenas uma ilustração da eficácia da fé na palavra de Deus, mas também uma lição objetiva eficiente de Seu próprio e futuro sofrimento vicário, quando seria levantado entre os céus e a terra (Jo. 3:14).

2) Lugares Atravessados na Marcha desde o Arabá. 21:10-20.

10. Então partiram os filhos de Israel. Os versículos 10 a 20 dão os nomes dos lugares onde Israel acampou viajando para o norte no Arabá. Este itinerário está descrito mais amplamente em 33:41-49.

14. O livro das Guerras do Senhor. Aqui está uma das fontes autênticas das quais Moisés e os escribas posteriores de Israel obtiveram informações sobre acontecimentos anteriores. *O que ele fez no Mar Vermelho*. Estas palavras são uma tradução duvidosa do começo de um fragmento desta fonte antiga. Esta primeira linha é obscura porque foi extraída do seu contexto. A última parte do versículo 14 é mais importante porque dá o motivo da citação mostrar que o Vale de Amom era fronteira de Moabe. As duas palavras hebraicas abrangendo esta frase inicial da citação podem ser traduzidas de diversas maneiras. A E.R.A. segue o ICC na transliteração do hebraico quanto aos nomes dos lugares – **Vaebe em Sufá**. A AV toma as primeiras palavras como uma forma verbal aramaica (uma velha exegese judia, também seguida por Jerônimo na Vulgata), A tradução de *supa* da AV para *Mar Vermelho* não é aceitável, uma vez que a área em questão é adjacente a Moabe. A incompreensível referência a *sup* (**Sufe**) em Dt. 1:1, localiza este lugar, sob outros aspectos desconhecidos, na Transjordânia, onde Moisés pronunciou suas últimas palavras. O fragmento poderia ser traduzido assim:

Uma porção na direção de Sufe:

Até os wadis de Arnom,

Até os aclives dos wadis

Que se voltam para o interior de Ar.

Na verdade fica adjacente à fronteira de Moabe.

17. Cantou Israel este cântico. Aqui se reflete a tradição poética. Os poetas e os cantores de canções populares podem ter transmitido um pouco da história de Israel na poesia épica. É possível que o Livro das Guerras do Senhor fosse uma compilação de tais poemas. Que a poesia tradicional foi muito cedo incorporada aos registros, evidencia-se pela literatura ugarítica do século quinze. Este pequeno fragmento do versículo 17 tem sido chamado de "A Canção do Poço". A primeira linha é uma introdução ou tema.

18. Com o cetro, com os seus bordões provavelmente expressa a autoridade dos nobres, que teriam dirigido a escavação. Contudo, em um *nahal*, "wadi" ou "leito de rio seco", a água se encontrava muito perto da superfície, de modo que enfiando-se simplesmente o bordão no solo a água brotaria (cons. Gn. 26:19; II Reis 3:6-18).

"Brotá, ó poço! Entoai-lhe cânticos!
Um poço, que os príncipes cavaram,
Que até mesmo os nobres do povo abriram,
Com o cetro e com os bordões".

18. Do deserto partiram para Matana. A maior parte dos nomes de lugares dos versículos 18-20 não podem ser exatamente localizados. A direção geral da viagem foi do deserto a leste de Moabe, na área norte de Arnom, a oeste do pico chamado fisga, de onde se descortinavam as águas do Mar Salgado e as terras devastadas do Deserto de Jeshinom.

3) Derrota dos Amorreus. 21:21-32.

21. Israel mandou mensageiros a Seom. O propósito de Moisés era ter acesso às terras a oeste do Jordão. Pediu passagem pacífica (vv. 21,22), mas Seom recusou (v. 23); e por isso não houve meio de se evitar um conflito.

24. Amom, cuja fronteira era fortificada. A LXX tem um texto hebraico melhor, e traduz corretamente, *Jaezer era a fronteira dos amonitas* (Js. 13:25; Nm. 32:1). Nosso atual texto hebraico perdeu uma letra, um "r".

26. Que tinha pelejado contra o precedente rei dos moabitas, de cuja mão tomam toda a sua terra até Arnom. Este versículo, ao lado da vitória de Israel sobre Seom, explica o significado do poema apresentado em 21:27-30.

27. Pelo que dizem os poetas. Os *moshelim* eram poetas, possivelmente cantores de baladas. Oráculos de Baalim eram chamados *mashals*, como Provérbios e alguns salmos didáticos (veja títulos de Sl. 32, 42, 52, e outros). De acordo com Nm. 21:26, Seom, o amorreu, destruíra Moabe anteriormente (cons. as estrofes paralelas abaixo, segunda e terceira); mas os vs. 21.25 nos informam que Israel tinha destruído os amorreus (1ª e 4ª estrofes paralelas). O poema é uma ode satírica, a qual diz, em resumo: "Vocês (amorreus) os derrotaram (os moabitas), mas nós (os israelitas) derrotamos vocês". Observe o equilíbrio estrófico e o desenvolvimento na direção do clímax do poema. A segunda e terceira estrofes têm o mesmo padrão estrutural. A estrofe final responde por antítese à que a precede imediatamente, mas na verdade completa o significado da estrofe inicial.

"Venham! Hesbom será (re) construída,
Sim! Que se (re) estabeleça a cidade de Seom.
Porque fogo saiu de Hesbom,
Uma chama da cidade de Seom;
Consumiu Ar de Moabe,
Os Baals dos lugares altos de Amom.

Ai de ti, Moabe! Perdido está, povo de Camos!
(Porque) entregou seus frios como prisioneiros,
E suas (ilhas como escravas,
Até a Seom, o rei dos amorreus.
Mas nós os acertamos: Hesbom pereceu até Dibom.
Sim, nós (os) assolamos, até que o fogo se espalhou até Medeba".

31. Israel habitou na terra dos amorreus. Todo o território compreendido entre os rios Arnom e Jaboque fora conquistado e, em aditamento, a cidade amorita de Jaezer (v. 32) e o reino de Ogue (vs. 33-

35); de modo que Israel controlava as terras a leste do Jordão desde o Arnom até o Monte Hermom (Dt. 3:8). A maior parte das designações geográficas destes versículos são muito conhecidas até nos dias de hoje.

4) A Derrota de Ogue. 21:33-35.

33. Ogue, rei de Basã, saiu contra eles. Estes versículos são paralelos de Dt. 3:1-4 quase que palavra por palavra (exceto quanto ao pronome pessoal). O estrado de ferro da cama (ou sarcófago) de Ogue evidentemente despertou a curiosidade de Israel. A atenção especial que lhe foi dada aqui, sugere que o uso de ferro era coisa rara naquele tempo. (Com referência ao seu tamanho, via Dt. 3:11; cf. coment. sobre 13:33).

Números 22

5. Chegada às Planícies de Moabe. 22:1.

1. Acamparam-se nas campinas de Moabe. Acamparam em um lugar chamado Sitim (25:1), perto do qual o Jordão desemboca no Mar Salgado. Além do Jordão, na altura de Jericó. Veja coment. sobre 34:15.

Segunda Parte. Intriga Estrangeira Contra Israel. 22:2 – 23:30.

Os capítulos 22 a 25 formam uma divisão literária entre as duas metades lógicas do Livro de Números. Em nenhum lugar dos capítulos 22 a 24 temos a costumeira fórmula, "Deus disse a Moisés", que se encontra em qualquer outro capítulo. Esta seção, como o Livro de Jó, pode ter se originado fora de Israel. Embora sejamos informados (Dt. 23:5) que Moisés tinha consciência das maquinações de Balaão, é impossível determinar se este material de fonte "estrangeira" tornou-se parte do registro sagrado sob a supervisão de Moisés. Números 22:4b que diz, Balaque . . . naquele tempo, era rei dos moabitas, aponta para a obra de escribas pós-mosaicos. A história, então, poderia ter sido inserida aqui, onde se encaixa cronologicamente e ao mesmo tempo

fornece uma articulação literária para a passagem da velha geração para a nova, e um novo recenseamento e nova legislação apontavam para o estabelecimento na terra.

Alguns comentadores tentam reduzir o destaque de Balaão, o homem, nesta história (ICC, pág. 316; seguido por IB, Vol. 2 págs. 248-263), vendo nele apenas os conceitos religiosos-políticos mais importantes da cultura representada. Mas Balaão é um caráter tão integral e fortemente definido que ninguém poderia realmente apreciar a história sem procurar entendê-lo. Certamente o propósito da narrativa é mostrar como Deus protegeu Seu povo dos desígnios malignos de um monarca pagão, e a concupiscência oculta de um profeta errante. Mas os feitos sutis de Balaão e as suas poderosas palavras fazem da história uma obra prima dramática.

O medo foi instilado no coração de Balaque, rei de Moabe, por causa da vitória de Israel sobre os amorreus. Mandou buscar Balaão, um conhecido profeta ao norte da Mesopotâmia, prometendo-lhe fama e riquezas em troca da maldição de Israel. Balaão foi avisado pelo Senhor a que não fosse, e por isso ele recusou. Contudo, quando o Rei Balaque fez maiores promessas, o profeta tentou mudar a mente do Senhor. O Senhor, então, permitiu que Balaão partisse para Moabe. No caminho, Deus procurou, através de um anjo, comunicar ao profeta o seu aborrecimento. Mas só a jumenta de Balaão viu o anjo do Senhor. A jumenta finalmente falou e repreendeu Balaão por causa de sua cegueira espiritual. Então os olhos do profeta se abriram e ele viu o anjo. O Senhor permitiu que Balaão fosse a Moabe para que abertamente declarasse o propósito divino de realizar Sua antiga promessa feita a Israel. Balaque mostrou a Balaão o acampamento de Israel de três diferentes vantajosos pontos em sucessão, e em cada ponto o profeta pronunciou uma bênção sobre Israel. Balaque, aborrecido, mandou que Balaão nada mais dissesse. Mas o profeta continuou com outros oráculos ainda, nos quais predisse não só a futura prosperidade e poder de Israel

como nação, mas também a destruição de Moabe, Edom, Amaleque, os quenitas e Assur.

I. O Fracasso de Balaque de Afastar o Senhor de Israel. 22:2 – 24:25.

A. Balaão Convocado por Balaque. 22:2-40.

4. Balaque, filho de Zipor, naquele tempo, era rei dos moabitas.

Como referência pós-mosaica, ou esta sentença foi acrescentada, ou reflete o fato de que toda a narrativa foi inserida em época pós-mosaica (veja acima).

5. Petor, que está junto ao rio Eufrates, na terra dos filhos do seu povo. O ICC declara que algum editor confundiu dois lugares diferentes na compilação de diversas histórias. O rio é o Eufrates; a terra é chamada de '*Aram dos dois rios* em Dt. 23:4. Esta área era tanto a terra dos ancestrais de Moabe através de Ló (Gn. 19:37) como dos ancestrais de Israel através de Abraão. Harã, o pai de Ló, morreu na sua terra natal, em Ur dos caldeus (Gn. 11:28). Há evidências de que Ur era possivelmente uma cidade ao norte da Mesopotâmia e não a antiga cidade sumeriana ao sul da Mesopotâmia (JNES XVII, 1958, págs. 28-31, 252). A família de Ló continuou adorando o senhor, mas os descendentes de Ló, os moabitas e os amonitas, adotaram os deuses dos povos entre os quais se estabeleceram. O fato de haver um profeta do Senhor na área chamada '*Aram Naharayim* (Gn, 24: 10), encaixa-se em todo o quadro bíblico.

6. Sei que, a quem tu abençoares será abençoado. Balaão era, ao que parece, um profeta popular e também um profeta do Senhor (Jeová). Balaque, portanto, enviou "o preço dos encantamentos" (v. 7), na esperança de que tal combinação de talentos teria efeito contra Israel. Se Balaão era um verdadeiro profeta desviado ou um friso profeta que recebeu o poder de Deus, não podemos ter certeza. Os comentários sobre ele em outros lugares do V.T. e N.T., são consistentemente depreciativos

(Nm. 31: 8, 16; Dt. 23:5, 6; Js. 13:22; 24:9; Ne. 13:2; II Pe. 2:13-15; Jd. 11; Ap. 2:14). Embora alguns escritores tenham apresentado o fraco argumento de que, em Mq. 6:5, Deus fala bem de Balaão, na realidade ali o Senhor só fala bem de Sua própria bênção sobre Israel proferida através do profeta infiel, não fazendo comentários sobre o caráter de Balaão. Em Is. 13:22 Balaão é chamado de adivinho (*haqqosem*), e os adivinhos eram abominação para o Senhor (Dt. 18:10). Poderíamos comparar este profeta com Simão, o Mago (Atos 8:13-24, um crente confuso que procurou combinar seus poderes de adivinho com o poder do Espírito Santo.) Números 24:1 nos informa que Balaão fazia uso de augúrios (*neheishim*).

7. Levando consigo o preço dos encantamentos. A história mostra o notável contraste entre o conceito pagão de que o profeta fosse um manipulador dos deuses e a idéia hebraica de que Deus era o Determinador soberano de tudo o que acontece, "que abençoa a quem abençoa e amaldiçoa a quem amaldiçoa" (v. 6).

18. Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspassar o mandado do Senhor. Embora fossem grandes palavras, não correspondiam ao seu coração (cf. v. 18). Deus tinha falado, mas Balaão esperava que alguma mudança tornasse possível a sua ida. E Deus permitiu que fosse, para mostrar de maneira dramática Sua escolha soberana de abençoar Israel.

22. Acendeu-se a ira de Deus, porque ele se foi. O uso de um participio no hebraico sugere a tradução, "Acendeu-se a ira de Deus quando ele ia". Embora Deus acedesse ao desejo de Balaão, concedendo que fosse, Sua ira acendeu-se por causa do coração do profeta que era dominado pelo amor ao "salário da injustiça" (II Pe. 2:15).

25. E comprimiu contra este (muro) o pé de Balaão. O esmagamento do pé pode estar refletido na palavra *shepi* (23: 3), a qual, conforme tem-se dito, pode vir de uma raiz acadiana, *shepu*, que significa "com passo prejudicado". A E.R.A. traduz *shepi* para "morro desnudo" e a E.R.C. para "um alto" (23:3).

28. O Senhor fez falar a jumenta. Será que a jumenta enunciou sons audíveis, ou teria sido apenas uma experiência na mente de Balaão? A verdade provavelmente se encontra de ambos os lados. Embora a aparição do anjo e a voz da jumenta não fossem alucinações, parece que aquele foi visto e esta ouvida apenas por Balaão e não pelos outros que se encontravam presentes como foi o caso diversas vezes no Novo Testamento (Atos 9:7; 22:9; Jo. 12:28, 29). Na estrada de Damasco houve fenômenos físicos que só Paulo entendeu; assim Balaão, por causa da combinação de sua confusão mental e espiritual, não pôde ver o anjo até que Deus lhe abriu os olhos. Nem outros poderiam ter compreendido a jumenta se Deus não lhes desse a capacidade.

35. Vai-te com estes homens. Como em 22:20, Deus disse a Balaão que fosse, Ele não estava zangado, portanto, pelo fato do profeta ir, mas por causa das suas motivações. Os homens não podem facilmente determinar as motivações dos outros, mas Deus pode. Temos o comentário divino no restante das Escrituras para nos orientar, e Nm. 31:16 prova que Balaão foi reprovado. Além disso, a história não pode ser compreendida de outra maneira, a não ser que adotemos o dúbio expediente de que a narrativa seja a junção de diversas histórias diferentes (cons. ICC).

38. Acaso poderei eu agora falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei. Balaão não falou aos moabitas da intenção divina revelada de abençoar Israel. E por isso o melhor que se pode dizer desta resposta é que ela é ambígua, provavelmente porque Balaão esperava que Deus mudasse de opinião. Balaque entendeu, portanto, que a vinda de Balaão indicava sua disposição de amaldiçoar Israel.

B . Os Oráculos de Balaão. 22:41 - 24:25.

Notáveis lingüistas semitas vêem nesta poesia um reflexo da Era de Moisés. A forma da linguagem, o assunto, os termos técnicos e os nomes próprios, tudo tende a sustentar a opinião de que foram

pronunciamentos autênticos de um poeta dos meados do segundo milênio. Balaão chama cada poema de *meisheil*, traduzido para "palavra" em 23:7,18; 24: 3, 15. *Meisheil* não pode ser limitado a parábola ou provérbio; antes, tem um significado tão amplo que se aplica a toda a literatura da "Sabedoria". A poesia hebraica tem como aspecto principal o paralelismo de pensamentos, linhas e estrofes, em forma oposicional, oposicional ou progressiva. Os oráculos de Balaão exibem tudo isto e, ainda mais, têm um sabor arcaico e muitas vezes aramaico, que aponta para a antiguidade e origem (de Aram) do personagem que fala.

William F. Albright, que produziu uma obra definida e erudita sobre estes oráculos, diz: "Nada há no assunto dos poemas que indique uma data no século décimo ou mais tarde para a sua composição" (JBL, Setembro, 1944, pág. 227). Ele observa que o nome de Balaão é característico do segundo milênio A.C. (2000-1000), e que sobreviveu em diversos lugares, os quais todos retrocedem ao século quinze. Então ele declara que Balaão era realmente "um adivinho norte-siro do Vale do Eufrates", que "passou algum tempo na corte moabita . . . convertendo-se ao Jeovismo, abandonando Israel mais tarde para juntar-se aos midianitas na luta contra os jeovitas (Nm. 31:8,16)" (JBL, Setembro, 1944, págs. 232, 233). Um exame adequado dos poemas não seria possível aqui. Por isso oferecemos uma tradução particular, a qual, esperamos, vai esclarecer alguns pontos e ilustrar a estrutura poética.

Números 23

Primeiro Oráculo. 23:7-10.

O poema contém um padrão de 1-2-1-2-1 de pares de versos, paralelos, sendo a última, a conclusão que expressa o pensamento nostálgico de que Balaão gostaria de participar da bênção de Israel.

7. Balaque me trouxe de Aram,
O rei de Moabe das colinas do leste.

'Vá, amaldiçoe-me Jacó,
'Vá, condene Israel'.

8. Como amaldiçoarei se Deus não amaldiçoou?
Como condenarei se Deus não condenou?
9. Do alto das montanhas eu vejo.
Das colinas eu observo.
Eis que um povo vive sozinho,
Entre as nações não está reconhecido.
10. Quem pode contar a poeira de Jacó,
Ou enumerar a nuvem da 'poeira' de Israel?
Que eu morra a morte de um homem justo.
Que o meu fim seja como o seu!"

Segundo Oráculo: 23:18-24.

Balaão encara o Senhor aqui como Aquele que o força a abençoar Israel, porque Ele tem de cumprir a Sua palavra empenhada. O Senhor é a fonte da força do Seu povo; por isso nenhum encanto faria efeito contra ele. Balaão conclui comparando Israel a um leão que espreita, que apanha e devora a sua presa. Na frase, aclamações ao seu rei (v. 21), seguimos a LXX, o Targum de Onkelos e o Pentateuco Samaritano, e traduzimos para majestade real.

Introdução

18. "Levante-se, ó Balaque, e ouça:
Ouça o meu testemunho, ó Filho de Zipor.
- Estrofe 1
19. Deus não é um homem, para que possa mentir.
Nem um ser humano, para que se arrependa.
Aquilo que diz, não o faria?
Aquilo que decreta, não o realizada?
 20. Eis que eu aprendi a abençoar,
E abençoarei porque não posso fazer outra coisa.
 21. A iniquidade não se encontra em Jacó,
Nem a perversidade está evidente em Israel.

Estrofe 2

- O Senhor seu Deus está com ele,
E a majestade real o acompanha.
22. Quando Deus o retirava do Egito,
Ele tinha a força de um boi selvagem.
23. Pois não pode haver encantamento contra Jacó,
Nem agouro contra Israel.
Agora se dirá de Jacó,
E também a respeito de Israel:
'O que Deus fez!'

Conclusão

24. Eis um povo que se levanta como a leoa,
Que se exalta como um leão,
Que não se deita até que devore a presa,
E lamba o sangue dos mortos".

Números 24**Terceiro Oráculo. 24:2-9.**

As duas estrofes principais deste poema fazem um contraste de Israel na paz e na guerra. Entre os povos do Oriente Próximo da antiguidade, esta era a maneira favorita de descrever-se uma nação. Os padrões de guerra e paz das Tumbas Reais de Ur (J. Finegan, *Light From the Ancient Past*, figura 16) exemplificam eficazmente este costume. O poema também exhibe simetria nas parselhas de versos paralelos da abertura e da conclusão, que são as únicas linhas com o pronome "te" em relação a Israel. Embora a parselha que conclui a primeira estrofe seja declaradamente difícil, este escritor tem certeza de que se refere aos galhos das árvores mencionados nos versos precedentes. Ezequiel 31 usa a mesma figura ("os cedros" são a Assíria) e a mesma raiz *deila*, com referência aos galhos do cedro que crescem junto a muitas águas.

Em Ez. 19 Israel é "uma videira junto a muitas águas" e "um leão devorador". A primeira parselha da segunda estrofe deste oráculo não se

encontra em nosso texto hebraico, mas vem da LXX. Talvez represente uma família de manuscritos inferiores à LXX que preservaram este versículo, mas perderam a parêntese anterior. Esta parêntese dá uma transição entre as estrofes sobre a guerra e a paz.

Estrofe 1

5. Como são agradáveis as tuas tendas, ó Jacó,
Tuas habitações, ó Israel.
6. Como vales de rios que se estendem,
Como jardins junto a um rio,
Como árvores de sândalo que o Senhor plantou,
Como cedros junto às águas,
7. Com o orvalho pingando dos seus ramos,
Com suas sementes entre muitas águas.

Estrofe 2

8. Pois quando Deus o trazia do Egito,
Ele tinha a força de um boi selvagem.
As nações, suas adversárias, ele devorará,
Seus ossos quebrará em pedaços,
E com suas flechas as atravessará.
9. Ele rasteja, ele se deita,
Como um leão, como um leãozinho.
Quem pode levantá-lo?

Conclusão

Bendito quem te abençoar,
Maldito quem te amaldiçoar".

Quarto Oráculo. 24:15, 19.

Balaão se apresenta (estrofe 1) com as mesmas palavras que usou em 24: 3,4. A tradução das últimas palavras da estrofe introdutória, "que tem olhos verdadeiros", tem o apoio de um texto de magia fenícia que usa uma expressão idiomática semelhante (Albright, JBL, Setembro, 1944). Aqui se prediz o Rei Davi como a estrela de Jacó que viria a destruir ambos, Moabe e Edom. A tradução da última tinha, "o remanescente de Seir", envolve uma ligeira começa do texto, no que o contexto favorece.

Estrofe 1

15. "Oráculo de Balaão, filho de Beor,
Oráculo do homem que tem olhos verdadeiros.
16. Oráculo daquele que ouve as palavras de El,
Aquele que conhece a sabedoria de Eliom.
Aquele a quem foi revelado o que Shadai vê,
Aquele que está prostrado mas de olhos abertos.

Estrofe. 2

17. Eu vejo, mas não agora,
Eu contemplo, mas não de perto.
A estrela de Jacó governará,
O cetro de Israel se levantará,
E esmagará a fronte de Moabe,
E arrancará a cabeça dos frios de Sete.
18. E Edom será desapossado.
Até Seir está desapossado por seus inimigos.
19. Mas Israel fará maravilhas;
Jacó exercerá o domínio,
E o remanescente de Seir será destruído".

Quinto Oráculo. 24:20.

A destruição dos amalequitas foi um feito particularmente davídico.
Então ele viu Amaleque . . . e disse,
"A primeira das nações é Amaleque,
Mas seu destino final é a eterna destruição".

Sexto Oráculo. 24:21, 22.

Conforme Albright destaca (JBL, 1944, Vol. 63, n.º 3, pág. 227), a única ocasião em que os queneus (ferreiros) foram povo autônomo foi durante a Era Mosaica, de modo que o oráculo não pode ter vindo do século décimo, conforme muitos dão a entender. Assur (v. 22) era nome de uma tribo árabe que vivia no mesmo território dos queneus (cons. Gn. 25:3); mas também é o nome dado aos assírios. Estes últimos não tinham contato com os queneus como povo distinto. Trocando-se duas letras na palavra *queimado* (**consumido**), a sentença ficaria assim, "Os quenitas

pertencerão a 'eber ('o hebreu)'. Os quenitas foram realmente assimilados pelos israelitas e fizeram parte do Israel do norte (Jz. 4:17; 5:24) quando foram levados ao cativeiro pelos assírios em 722 A.C.. Contudo, W.F. Albright acha que "Assur" é um verbo, "eu olho atentamente"; mas isto faz pouco sentido até mesmo como uma emenda.

Então ele viu o quenita e... disse,
 "Duradoura é a sua habitação;
 Seu ninho está nas rochas.
 Não obstante o quenita será queimado,
 Até que Assur o leve prisioneiro".

Sétimo Oráculo. 24 : 23, 24.

Seguimos Albright parcialmente na tradução desta difícil passagem. Na primeira linha preferimos a palavra aramaica *haya*, "mostrar ou tornar conhecido", a uma raiz árabe semelhante significando "reunir". Albright diz que a passagem se refere à invasão dos povos mediterrâneos que levaram os filisteus das ilhas egéias para a terra de Canaã, em estágios, durante o segundo milênio.

Surge novamente a questão, Assur seria os assírios distantes, ou simplesmente uma tribo árabe relacionada com os midianitas através de Quetura, mulher de Abraão? Esta última situação se encaixaria no quadro se Balaão estivesse falando sobre os primitivos povos marítimos do mundo egeu. O primeiro ponto de vista costuma ser interpretado de várias maneiras: Assur (Síria) dos selêucidas; ou 2) Assur como Pérsia, e "navios de Quitim" como Alexandre, o Grande (cons. I Mac. 1:1).

23. Retomou a sua parábola e disse,
 "Ilhas que são conhecidas no lado do norte,
 24. Até os navios da costa de Quitim,
 Eles afligirão Assur,
 Afligirão até o seu quartel (ou, 'eber, 'o hebreu')
 E ele também perecerá".

Números 25

II. O Sucesso de Balaque em Afastar Israel do Senhor. 25:1-18.

Números 31:16 mostra que Balaão, que não conseguiu desviar Deus do Seu povo, teve sucesso em desviar alguns dentre o povo de Deus. O Novo Testamento fala de "o caminho de Balaão" (II Pe. 2:15), referindo-se ao seu amor ao "salário da injustiça" (cons. Nm. 22,24), e à "doutrina de Balaão" (Ap. 2:14), referindo-se a este incidente.

A. O Pecado de Baal-Peor. 25:1,5.

2. Convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses. O sujeito **estas** é feminino, referindo-se às filhas de Moabe, com as quais os homens de Israel fornicaram. Balaque, a conselho de Balaão (Ap. 2:14), usou este método para enfraquecer Israel.

3. Juntando-se Israel a Baal-Peor. Possivelmente Baal de Bete-Peor (Dt. 3:29 ; 4:46). No culto a Baal, havia os festivais da primavera que dramatizavam, ao vivo, a cópula de Baal com a deusa da fertilidade. A arqueologia descobriu que os devotos de Baal praticavam a prostituição como parte de sua adoração. Esta prática sórdida foi adotada pelos israelitas. Legislação contra a prostituição masculina e feminina foi dada em Dt. 23:17.

4. Toma todos os cabeças do povo. Convoque os anciãos para julgamento. E enforca-os. Isto é, os fornicadores. O verbo está um tanto obscuro. Poderia ser "mata-os".

B. O Zelo de Finéias. 25:6-18.

8. Foi após o homem . . . até ao interior da tenda. O termo *qubba*, fora do comum, significando "tenda abobadada", indica a alcova onde Finéias apanhou-os no ato (Delitzsch).

11. Estava animado com o meu zelo. Literalmente, *zeloso com o meu zelo*. Finéias defendera o ódio zeloso de Deus contra o pecado. Tal

ódio perfeito ao pecado está detrás de todas as "difíceis" pragas e imprecações da Bíblia.

13. Sacerdócio perpétuo. Por causa desta aliança de paz (v. 12), os descendentes de Finéias viriam a ser os sumo sacerdotes de Israel (cons. I Sm. 14:3; 22:11, 20). Continuaram assim através de toda a história do Tabernáculo e do Templo.

14. Casa paterna. A casa de um pai, conforme usado em 1:2 e outras passagens, significa uma subdivisão de tribo.

15. Cosbi, filha de Zur. Este homem foi alistado como um dos cinco reis de Midiã. Aqui ele é chamado de "cabeça de um clã".

17. Afligireis os midianitas. Matar a filha de um rei só podia significar guerra. Deus fez Israel se lembrar de que tinha uma justa razão para estar em pé de guerra com Midiã. Os midianitas e os moabitas eram confederados na oposição ao povo escolhido de Deus, ambos estavam implicados na contratação de Balaão (22:4) e neste caso de Peor (v. 18).

Terceira Parte. Preparativos para Entrada na Terra. 26:1 – 36:13.

Deste ponto até o fim de Números 36, o assunto principal está diretamente ligado à entrada de Israel na terra prometida, uma nova convocação de guerreiros (cap. 26), problemas de herança de filhas e a consagração de um sucessor de Moisés (cap. 27), a divisão da terra e orientação para o estabelecimento da terra (caps. 32; 34) e o estabelecimento das cidades levíticas (cap. 35).

Números 26

I. Segundo Recenseamento nas Planícies de Moabe. 26:1-65.

5. Rúben, o primogênito de Israel. Este recenseamento, em contraste ao do Sinai, faz uma lista das famílias das diferentes tribos, tendo em vista a herança delas (cons. Gn. 46).

11. Mas os filhos de Coré não morreram. Nem toda a família de Coré foi destruída. Provavelmente Coré tinha filhos adultos com suas próprias casas, que não tiveram de participar do julgamento do pai (cons. coment. sobre cap. 16). Alguns dos filhos de Coré ficaram famosos em Israel. O profeta Samuel e o cantor Hemã (I Cr. 6:33-37; cons. Sl. 88, o título).

51. Seiscentos e um mil setecentos e trinta. Israel multiplicou-se fenomenalmente no Egito (Êx. 1:20). Por que, então, depois de trinta e oito anos de peregrinação no deserto, a nação permaneceu aproximadamente dentro do mesmo número do Sinai? A resposta jaz nos versículos 64, 65, os quais mostram que apenas três dos 603.550 (Nm. 2:32) ficaram vivos. Além disso, Israel passou por diversas pragas sérias durante este período, a última das quais levou 29.000 vidas.

53. A estes se repartirá a terra. Além de informações adicionais para propósitos militares, este recenseamento teve também a intenção de fornecer uma base para a divisão da terra. As tribos maiores herdariam mais terra e as menores, menos, com a distribuição das tribos a ser decidida por meio de sortes (26:54-56; 33:54).

59. A mulher de Anrão chamava-se Joquebede, filha de Levi . . . teve ela de Anrão a Arão e a Moisés, e a Miriã. Alguns acham que Anrão e Joquebede eram antepassados, mas não o pai e a mãe de Moisés. Eles dizem que a genealogia de Coate, Anrão e Moisés é curta demais para que houvesse 8.600 coatitas de um mês para cima (3:27, 28) no tempo de Moisés. Contudo, se o pai de Moisés tivesse filhos com outras esposas e seus tios cada um tivesse filhos com diversas esposas, cada um dando início a uma nova geração (tendo Moisés oitenta anos antes de sair do Egito), então 8.600 primos com a idade de Moisés, além de primos segundos e terceiros até aqueles com um mês de idade, não seria um número exorbitante de se aceitar.

Números 27

II. A Lei da Herança. 27:1-11.

4. Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai. O manassita Zelofeade teve cinco tribos e nenhum filho. Essas filhas fizeram ver que se, como filhas, não podiam herdar a terra, então a herança de seu pai desapareceria. Deus confirmou a Moisés a muito conhecida provisão pela qual as filhas poderiam herdar a terra (Js. 17:3,6). Mas o próximo na linha da herança terá de ser os irmãos paternos do falecido, os tios paternos e, então, o parente mais próximo, Contudo, as filhas tinham liberdade de se casar, e seus filhos continuariam a genealogia de seu pai e herdariam suas terras. Assim Jair foi o herdeiro de Manassés em 32:41 e Dt. 3:14 (cons. também I Cr. 2:34, 35). Semelhante a esta era a lei do casamento em levirato, pelo qual uma viúva sem filhos casava-se com o parente mais próximo de seu marido, para que o seu nome e sua herança não desaparecessem. Ambas estas leis se baseavam no princípio de que a terra que o Senhor dava a uma família, não deveria nunca ser vendida ou passada a outra família (Lv. 25:23).

O costume da propriedade inalienável, sabe-se agora, era praticado há muito tempo antes de Moisés, do que testificam as falsas adoções em Nuzu (C.H. Gordon, *Old Testament Times*, pág. 101). Os hebreus geralmente seguiam a tradição de seus antepassados, através da qual uma herança passava de pai para os filhos (Dt. 25:5-10). Mas no Egito, onde passaram muitos anos, a herança passava através das mães. Sob uma circunstância atenuante, é o que está sendo permitido no texto.

III. Escolha do Sucessor de Moisés. 27:12-23.

12. Sobe este monte Abarim. Abarim era o nome da serra que confina com o corte geológico que forma o Vale do Jordão e o Mar Salgado (Nm. 33:47,48). Uma parte desta serra, chamada Monte Pisga, tinha um pico chamado Nebo, onde Moisés veio a morrer (Dt. 34:1). Provavelmente a cidade chamada Nebo (Nm. 32:38) deu o seu nome a

esta elevação. Está evidente que em 32:1 a cidade de Jazer deu o seu nome ao território ao seu redor, e pela mesma razão o povo de Tiro era às vezes chamado de sidônio.

16. Autor e conservador de toda vida. Veja observação sobre 16:22.

17. Que saia adiante deles, e que entre adiante deles. O hebraico costuma usar antônimos para expressar totalidade. Josué seria o homem que estaria com eles em qualquer situação. **Para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor.** Moisés acabara de ser lembrado que não entraria na terra por causa do Seu pecado junto às "águas de Meribá", em Cades. Mas o espírito de Moisés era como o de Cristo que, sem auto-piedade, embora rejeitado e enfrentando o Calvário, foi tomado de compaixão pela multidão que viu como ovelhas sem pastor (Mt. 9:36).

18. Toma a Josué. . . homem em quem há o Espírito. A palavra Espírito não tem artigo no hebraico. Embora a referência primária aqui seja à capacidade de Josué, ele recebeu também capacitação divina. A Bíblia diz que ele "estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés havia posto sobre ele as suas mãos" (Dt. 34:9). **E impõe-lhe a mão.** A imposição de mãos como um símbolo de concessão de autoridade ou transmissão de responsabilidade é antiga prática bíblica. Jacó seguiu este costume quando transmitiu bênçãos aos filhos de José (Gn. 48:14). O povo de Israel transferiu sua responsabilidade impondo as mãos Sobre os levitas (Nm. 8:10), e os levitas transferiram sua própria culpa para os novilhos da expiação impondo-lhes as mãos (8:12). A prática continuou nas sinagogas e foi adotada pelos apóstolos (Atos 6:6; I Tm. 4:14).

19. Dá-lhe, à vista deles, as tuas ordens. O hebraico diz *ordena-lhe*. A ordem era para todo o povo, além de Josué (veja Dt. 31).

20. Põe sobre ele da tua autoridade, para que lhe obedeça toda a congregação. Esta autoridade Josué precisava a fim de ser respeitado pelo povo como líder.

21. Apresentar-se-á perante Eleazar. . . o qual por ele constituirá, segundo o juízo do Urim. A autoridade de Josué não seria igual à de Moisés, cuja comunhão com o Senhor era direta (Núm. 7:89; 12:7, 8). Josué dependeria do uso do Urim e Tumim (Êx. 28:30) por Eleazar, o Sacerdote. Não sabemos, hoje, como o Sacerdote usava este meio de determinar a vontade de Deus.

IV. Terceira Lista Sacerdotal. 28:1 – 29:40.

Os dois capítulos de Nm. 28 e 29, como Lv. 23, dão o esboço de todo o ritual anual. Mas aqui se trata das quantidades das ofertas, tendo em vista o estabelecimento de Israel na terra. Os meses são numerados, e o ano ainda é dividido pela comemoração de um festival no começo do sétimo mês (Nm. 29:1). O primitivo calendário religioso hebreu era controlado pelas estações da agricultura, o que se constata do nome Abibe "a primeira cevada amadurecida" (Êx. 13:4) e do Calendário de Gezer, em uma placa israelita do século dez (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 180,181). Tal dependência das estações solares (Dt. 16:9) evitou que o calendário dos israelitas se afastasse das estações do ano, como o calendário religioso árabe hoje em dia, pois os hebreus inseriam um mês extra quando fosse necessário. Nestes capítulos, os meses (as luas novas) eram indicadas pelo tocar das trombetas de prata, fornecendo um meio prático de cumprir o ano ritual aqui prescrito.

Em sua rústica simplicidade os hebreus evitavam os complicados problemas do calendário egípcio de 365 dias, baseado na observação das estrelas, o qual, embora sofisticado, perdia um quarto de dia e, no devido tempo, alterava completamente o calendário em relação às estações. Por outro lado, os hebreus, ao que parece, tomaram emprestado o sistema egípcio de numerar os meses, enquanto a maior parte dos semitas davam-lhes nomes. Contudo, Israel não o fazia oficialmente, até depois do Exílio, quando adotaram as designações babilônicas.

Números 28

A. Introdução. 28:1, 2.

2. Minha oferta, do meu manjar para as minhas ofertas queimadas.

O manjar de Deus aqui mencionado não era aquele que os sacerdotes recebiam como sua parte, mas antes o alimento que subia na fumaça das ofertas queimadas. O pensamento é que Deus come e bebe com seus adoradores, o qual, longe de ser uma noção primitiva, foi transportado para o N.T. na ordenança paralela da mesa do Senhor, a Comunhão.

B. Ofertas Diárias. 28:3-8.

5. **Um efa de flor de farinha . . . um him de azeite batido.** A farinha era o *solet*, farinha fina, e o azeite era de azei, tonas batidas ou esmagadas, muito caro, embora prescritos no Sinai e repetidos aqui, destinavam-se especificamente para aqueles que iam se estabelecer na terra.

C. Ofertas Sabáticas. 28:9, 10.

10. **Além do holocausto contínuo.** As ofertas eram comutativas, a oferta sabática sendo acrescentada à oferta diária, e assim por diante no demais destes dois capítulos.

D. Ofertas Mensais. 28:11-15.

11. **Nos princípios dos vossos meses** (luas novas). Uma vez que o ponto destacado são as quantidades das ofertas, a orientação para o tocar das trombetas de prata (cons. 10:10) foi omitida, embora destacada como parte do festival religioso no começo do sétimo mês (29:1). De acordo com 10:10, as trombetas eram regularmente tocadas nas luas novas. O costume foi possivelmente designado com significado civil e também religioso para o povo.

15. **Um bode como oferta pelo pecado.** Uma oferta pelo pecado era acrescentada para resolver os pecados que não fossem expiados durante aquele mês.

E. Ofertas Anuais. 28:16 – 29:40.**1) Festa dos Pães Asmos. 28:16-25.**

16. No primeiro mês, aos catorze dias do mês, é a páscoa. Nenhuma oferta foi especificada para a Páscoa, porque estas instruções foram dadas para as ofertas pelos sacerdotes. A cerimônia do cordeiro pascal era um negócio familiar (Êx. 12:3-14, 21,22).

17. Aos quinze dias ... haverá festa. A Festa dos Pães Asmos (*massot*) devia Ser comemorada desde o dia quinze até o dia vinte e um do primeiro mês (Êx. 12:15-17). Os dias primeiro e sétimo deviam ser sábados, quando não se fazia nenhum trabalho "servil" (Nm. 28:18, 25).

24. O manjar da oferta queimada . . . além do holocausto contínuo se oferecerá isto. Além das ofertas diárias, estas outras festas especiais deviam ser oferecidas diariamente durante a festa.

2) A Festa das Semanas. 28:26-31.

26. Quando trouxerdes oferta nova de manjares (cereais) ao Senhor, segundo a vossa festa de semanas. Levítico 23:16 fornece a chave para se compreender estas palavras. No dia seguinte aos sete sábados depois da Festa dos Pães Asmos (*Pentecostes*, Gr., "qüinquagésimo dia"), o povo devia oferecer uma oferta de cereais das primícias. Os sacrifícios da festa a serem oferecidos nessa ocasião eram iguais aos oferecidos por ocasião dos pães asmos.

29. Uma décima, para cada um dos sete cordeiros. O décimo de uma efa devia ser oferecido junto com cada cordeiro. (Veja a mesma expressão nos vs. 13, 21).

Números 29**3) A Festa das Trombetas. 29:1-6.**

1. No primeiro dia do sétimo mês, tereis santa convocação. A lua nova do sétimo mês era um dia de sacrifícios acumulados, incluindo os sacrifícios diários, os sacrifícios regulares das luas novas, mais aqueles que marcavam o início da segunda metade do ano (cons. Lv. 23:24).

4) Dia da Expição. 29:7-11.**7. No dia dez deste sétimo mês . . . afligireis as vossas almas.**

Menção especial se faz do arrependimento e auto-exame neste importante dia quando o sacerdote entrava por trás do véu para fazer expiação por si mesmo e por todo o povo (Lv. 16:29, 34; 23:26-32).

5) A Festa dos Tabernáculos. 29:12-40.

12. Aos quinze dias do sétimo mês . . . celebrareis festa. Esta festa era o clímax do ano religioso. A atenção dada à oferta dos novilhos em cada dia indica a importância da festa. Setenta novilhos ao todo eram oferecidos, começando com treze no primeiro dia, doze no segundo, e assim por diante, até os sete novilhos do sétimo dia. Seguiu-se, então, um oitavo dia Sabatino de ofertas. Tudo isto era feito além das ofertas regulares diárias. Como no caso do tocar de trombetas mensal (10:10), presume-se aqui que tais detalhes como o habitar em cabanas já eram conhecidos (Lv. 23:40-44). Os sacrifícios animais eram multiplicados nesta época porque era uma "festa" (*hag*); não um "jejum". Com exceção da Páscoa e do Dia da Expição, quando havia aflição de almas, o povo festejava em seus dias especiais. Embora algumas ofertas pelos pecados Sempre fossem prescritas, a maior parte destas ofertas eram ofertas de consagração e ação de graças

39. Além dos vossos votos, e das vossas ofertas voluntárias.

Além da apresentação das ofertas prescritas, o povo sentia-se sempre encorajado a tomar votos de consagração (Nm. 6) e a fazer ofertas voluntárias em gratidão a Deus por causa de Sua provisão generosa.

Números 30**V. A Validade dos Votos das Mulheres. 30:1-16.**

Cada civilização arquiteta maneiras de tornar constrangentes os propósitos humanos. Nas questões civis, o mundo bíblico usou tanto o documento assinado como o juramento oral. Nas questões religiosas o

povo fazia votos. A intenção não enunciada, tomava-se constrangente se enunciada em palavras. As leis que regulam os votos estão expostas em Dt. 23; Lv. 27 e Nm. 6; mas aqui se dá ênfase especial sobre a validade do voto de uma mulher. O Senhor orientava que o pai ou o marido de uma mulher podia invalidar seus votos, se sentisse que ela não podia arcar com aquela responsabilidade. Ele podia sustentar o voto dela com o silêncio ou torná-lo inválido através do seu veto. O pai tinha autoridade absoluta sobre uma iria solteira em tais assuntos, e um marido sobre a esposa. As mulheres em geral não eram instruídas quanto aos detalhes das cerimônias religiosas e portanto podiam fazer votos precipitados (veja obs. sobre 6) ou votos que prejudicassem a sua família. Uma esposa desleal podia fazer de propósito um voto ou juramento que prejudicasse o seu marido. Por isso a capacidade legal dele invalidar o voto da esposa, protegia suas propriedades, uma vez que o voto podia incluir o pagamento de uma grande soma em dinheiro. Se o voto fosse do tipo que impusesse uma aflição ou proibição à esposa, o marido tinha a liberdade de validar o voto e partilhar do fardo, ou de vetá-lo.

5. Mas se o pai ... o desaprovar. Um dos verbos usados para expressar a invalidação do voto da mulher é *heni'*, "impedir, restringir, ou frustrar". A raiz, embora rara, foi grandemente usada em Números e aparece em 14:34 (veja observação), onde somos informados que, durante quarenta anos, Deus frustrou, ou impediu que Israel entrasse na terra prometida. A mesma raiz também foi usada para descrever o que os espiões fizeram, isto é, "desencorajaram o coração dos filhos de Israel" (32:7, 9). Aqui em Números 30, faz-se provisão para que uma filha seja perdoada, se for impedida pelo pai de cumprir o seu voto; e para o marido de "frustrar" a intenção de sua esposa para o bem de sua casa.

6. Dito irrefletido dos seus lábios. A força desta cláusula está no "dito irrefletido dos seus lábios". Foi assim irrefletidamente que Moisés falou junto às águas de Meribá (Sl. 106:32, 33).

15. Porém se lhos anular. . . responderá pela obrigação dela. Deixar de cumprir um voto era pecado. Se um marido invalidava o voto

de sua esposa, tinha de responder pela iniquidade dela. Isto é, devia cumprir todo o cerimonial e exigências legais como se o pecado fosse dele próprio.

Números 31

VI. Guerra contra Midiã. 31:1-54.

O Senhor ordenou a destruição dos midianitas porque constituíam o povo desprezível e responsável pela orgia de Baal-Peor (cap. 25). (Para tomar conhecimento da degradação dos cultos cananitas, veja G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 111-119.) Quando os guerreiros hebreus retornaram da batalha, com as mulheres e crianças midianitas cativas, Moisés fê-los lembrar que essas mulheres eram as mesmas de Baal-Peor, que eram moralmente baixas e que por isso deviam morrer. Pode parecer um julgamento cruel, mas era dos males o menor. A alternativa era deixar que as midianitas vivessem e corrompessem Israel, o que seria transigir com o sofrimento humano e desonrar a Deus. As crianças midianitas do sexo masculino também foram mortas, pois se fossem criadas entre os filhos de Israel, teriam destruído a herança deles. As únicas que ficaram com vida foram as moças virgens, as quais poderiam ser assimiladas por Israel. Tempos depois o mesmo princípio foi aplicado naqueles casos em que mulheres não israelitas (mas nunca homens) tornavam-se parte da linhagem messiânica (Raabe e Rute por exemplo).

Nada se diz da luta com Madiã, o que indica que o propósito central deste longo capítulo foi estabelecer a lei relativa aos despojos e prisioneiros de guerra. Caso contrário a derrota de Midiã poderia ter sido mencionada em alguns poucos versículos (cons. o tratamento dado às vitórias sobre Arade, Siom e Ogue; Nm. 21). Esta lei especificava que todo o despojo tinha de ser purificado, ou pelo fogo ou com "a água da purificação" (31:23; 19:9). Metade dos despojos (de cativos e animais) era dos homens de guerra, e a outra metade para aqueles que ficavam no

acampamento. Então, da metade que pertencia aos soldados, uma parte em quinhentos devia ser dado aos Sacerdotes como oferta ao Senhor. Da metade que pertencia ao restante da congregação, uma parte em cinquenta devia ser dado aos levitas. Depois da derrota de Midiã, os soldados fizeram oferta especial do ouro e das jóias que tomaram. Isto eles entregaram ao santuário "para fazer expiação" pelas suas "almas",

A. Destruição de Midiã. 31:1-18.

3. A vingança do Senhor contra eles. *Vingar* é "punir justa ou merecidamente aquele que errou" (Webster). O Senhor convocou Israel para proporcionar tal castigo a Midiã. Este mandamento, contudo, não é justificativa para qualquer uma das guerras santas da era cristã, pelo simples motivo de que nesta era não houve um Moisés que recebesse por meio de revelação a informação de quando e onde o Deus soberano queria se fazer vingado.

6. Finéias . . . o qual levava consigo os utensílios sagrados. . . as trombetas. Este uso do Urim e das trombetas pelos sacerdotes na batalha (27:21; 1 Sm. 28: 6), os nomes singulares dos cinco reis de Midiã (Nm. 31:8; Jz. 21:12), e a aceitação das virgens midianitas por esposas, todos são detalhes que se opõem à opinião defendida por alguns de que o capítulo é um Midrash posterior e portanto de pouco valor histórico (ICC, pág. 418).

17. Matai de entre as crianças todas do sexo masculino. O Senhor, e não Moisés, foi o responsável por esta matança. Deus não disse que era Aquele que visita "a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem"? (Êx. 20:5). Se nos recusamos a reconhecer a prerrogativa de um Soberano justo de julgar o pecado, nós o reduzimos a algo menor que um homem pecador.

B. Purificação dos Guerreiros. 31:19-24.

23. Tudo o que pode suportar o fogo. Nesta provisão o Senhor diferenciou entre aquelas coisas que podiam Ser purificadas pelo fogo

(metais) e aquelas que não podiam (gente e artigos de madeira). Tudo aquilo que não podia, inclusive os guerreiros e seus prisioneiros, tinham de ser purificados com "a água da purificação" feita com as cinzas de uma novilha vermelha de acordo com a lei do capítulo 19.

C. Dividindo os Despojos da Guerra. 31:25-54.

30. De cada cinqüenta um . . . e os darás aos levitas. Da metade que pertencia aos guerreiros, uma parte em quinhentos, devia ser dado aos Sacerdotes como oferta ao Senhor (v. 28). Aqui, uma parte de cada cinqüenta da porção do povo foi destinado aos levitas. Múltiplos de cinco, ao que parece, prevaleciam para prosélitos do fisco no mundo semita. José criou uma lei no Egito que estipulava um imposto de um quinto dos seus produtos (Gn. 47 : 26).

32. Seiscentas e setenta e cinco mil ovelhas. Diz-se que estes números são elevados demais para serem autênticos. O recenseamento no capítulo 1 e aquele do 26 apresentou um resultado de mais de 600.000 homens de guerra no exército de Israel. Compare com o recenseamento de Davi com 800.000 homens de guerra em Israel e 500.000 em Judá (II Sm. 24:9). Não é lógico que os críticos aceitem o recenseamento de Davi, mas duvidem das cifras de Moisés. A civilização egípcia por trás de Moisés era muito mais sofisticada que aquela que sustentava Davi. Não há maneira de se provar que as cifras de Moisés não são corretas.

Números 32

VII. Estabelecimento de Duas Tribos e Meia na Transjordânia. (32:1-42)

Rúben e Gade, que tinham muito gado, vendo que as terras de Jazer e Gileade eram boas para pastagens, pediram a Moisés para ficar morando ali. Moisés temia que o estabelecimento das duas tribos a leste do Jordão pudesse abalar a moral do povo, como os "maus relatórios"

dos espíões há trinta e sete anos antes. Ele os lembrou dos trágicos resultados da incredulidade de seus pais em Cades. Se agora eles por sua vez, disse Moisés, fugissem de enfrentar o inimigo, poderiam desencadear resultados semelhantes e a nação seria destruída. Rúben e Gade aceitaram o conselho e de boa vontade ofereceram-se para lutar com seus irmãos até que todos estivessem em suas herdades, retomando depois para seus lares. Moisés concordou com isto, com uma advertência final de que fazer menos que isso seria pecado. E acrescentou: "Sabei que o vosso pecado vos há de achar" (v. 23). As duas tribos prometeram fazer conforme Moisés ordenara (v. 25). E assim Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés receberam inúmeras cidades na Transjordânia. Reconstruíram as cidades, deram-lhes novos nomes e providenciaram abrigos para o seu gado.

A. A Resposta de Moisés ao Pedido de Gade e Rúben. 32:1, 33.

1. Gado em muitíssima quantidade. Grande parte deste gado foi adquirido por meio das conquistas (cap. 31) Contudo, Israel já tinha algum gado no deserto, que não era de todo estéril (cons. 20:19). **A terra de Jazer, e a terra de Gileade.** Jazer estava na fronteira do território amonita (veja v. 32; cons. LXX, Nm. 21 : 24). A Transjordânia foi dividida em duas partes, norte e sul do rio Jaboque (JS. 12: 2).

4. A terra que o Senhor feriu. A terra foi descrita não pelas fronteiras incertas, mas pelas cidades fortificadas (v.3) que controlavam certas áreas. A figura do Senhor ferindo a terra faz-nos lembrar que figuras semelhantes no Livro das Guerras do Senhor (21:14), as quais, como os grandes poemas épicos, Êx. 15, Sl. 68 e Hc. 3, que descrevem o Senhor na pessoa de um guerreiro heróico que funda ou salva uma nação. A mesma figura domina a literatura apocalíptica da Bíblia, a qual descreve o Senhor levando a nação ao seu destino final (cons. Is. 9:6 – ‘*El gibbor*, "o poderoso herói ").

7. Por que, pois, desanimais o coração dos filhos de Israel. Moisés temia que a sua proposta pudesse dar início a uma onda de

complacência entre as outras tribos, que já tinham enfrentado os perigos de um inimigo desconhecido. Se alguns poucos descansassem sobre os lauréis de vitórias passadas, todos os demais não desejariam o mesmo? Como um líder enfrentando um problema de moral, Moisés estava justificado no severo tratamento que dispensou às duas tribos. A escolha que Moisés fez do verbo, lembrou-os da repreensão de Deus em 14:34 (cons. comentário); e suas palavras destacaram aquele incidente para que não tornassem a fracassar totalmente diante do Senhor (32:11.13). A separação geográfica dessas tribos além do Jordão, veio a produzir nelas uma indiferença para com o bem-estar da nação, a ponto de Débora, em seu cântico, chegar a desprezá-los (Jz. 5:16, 17). O tempo comprovou que os temores de Moisés tinham fundamentos.

27. Cada um ornado para guerra. A raiz *heilas*, "cingir-se para a batalha", foi usado em 32:17, 20, 21, 27, 30, e em 31:3. O cinturão do herói, *heilisa*, com o qual ele se cingia, era equipamento padrão para cada guerreiro. Veja II Sm. 2:21 (armadura) e Jz. 14:19 (despojou-os), que indica que arrancar este cinturão de um inimigo simbolizava vitória sobre ele. Os cinturões dos soldados eram peças do seu equipamento tão comumente aceitas na antiga arte semita, egípcia e grega, que não só os heróis humanos, mas também os divinos são retratados com eles. De acordo com esse costume, o MesSias usa "o cinto da justiça" e "o cinto da fidelidade" (Is. 11:5). (Veja C.H. Gordon, "Belt Wrestling in the Bible Word", *Hebrew Union College Annual*, Vol. XXIII, pág. 131).

30. Porém se não passarem, armados, convosco, terão possessões entre vós na terra de Canaã. A fim de assegurar suas possessões na Transjordânia, tinham de ser armados para a guerra na presença de Deus quando Israel atravessasse o Jordão, comprovando assim que criam na promessa de Deus referente à terra e que estavam prontos a confiar nele pela vitória final, as tribos que escolheram viver ao leste do Jordão ajudaram na conquista de Canaã, retornando depois às suas herdades.

B. Cidades Reconstruídas por Rúben e Gade. 32:34-38.

34-36. Os filhos de Gade edificaram . . . cidades fortificadas; e currais de ovelhas. Isto é, reconstruíram em cima das ruínas ou simplesmente ampliaram as cidades capturadas. Muitas dessas cidades foram citadas na famosa inscrição do Rei Meshá de Moabe, que data de 835 A.C., onde o rei de Moabe diz que "os homens de Gade habitaram na terra de Atarote", etc. Os currais eram grosseiros e cercados de pedra, iguais aos que continuam sendo usados até o dia de hoje naquela região (cons. 10:1-18).

38. Nebo, e Baal-Meom, mudando-lhes o nome. Nebo pode ter recebido o seu nome de alguma divindade babilônica, enquanto Baal era um deus popular do panteão cananita. Os israelitas reagiram contra a concessão de reconhecimento aos deuses pagãos em seus lugares de habitação. Escribas de épocas posteriores costumavam mudar as denominações que continham o nome de alguma divindade pagã (por exemplo, em I Cr. 8:33,34, dois dos filhos de Saul são chamados de Esbaal e Meribe-Baal; em II Sm. 4:4, 8 eles são Isbosete e Mefibosete).

C. Gileade tomada pelos manassitas. 32:39-42.

41. E tomou as suas aldeias; e chamou-lhes Havote-Jair. O termo *havvot*, traduzido para aldeias, significa "aldeias de tendas"; mas isto apenas comprova que eram isso mesmo, pois Jz. 10:4 diz que eram trinta e as chama de "cidades". Embora não fossem mais "cidades de tendas", também não eram fortalezas, como Quenate, mencionada no versículo seguinte, onde o texto fala de Quenate com as suas aldeias. O povo que trabalhava nos campos, embora morasse em cabanas, podia encontrar refúgio por trás dos muros da cidade-mãe, quando houvesse alguma invasão.

Números 33**VIII. A Rota do Egito até o Jordão. 33:1-49.**

Números 33 dá o itinerário das viagens de Israel desde o dia em que saiu do Egito até a sua chegada às margens do Jordão, quarenta anos depois. No versículo 2 o escritor afirma que Moisés escreveu estes fatos de acordo com a ordem do Senhor. Aqueles que declaram que o capítulo é um composto de diversos documentos carecem de provas, pois não há evidências de que uma autoria fraudulenta tenha desempenhado algum papel nos escritos hebraicos pré-helenistas.

Nada se sabe da parte da viagem descrita nos versículos 18-30. Esta passagem descreve a rota durante os silenciosos trinta e sete anos após a derrota em Hormá (14:15). O capítulo não menciona Cades quando os espias foram despachados (v. 18). O motivo pode ser o fato de Cades designar uma área como também uma cidade no Deserto de Parã-Sim e de Ritmá ter sido um oásis menor na região de Cades. O acampamento cobria uma região extensa que poderia ter incluído ambas as cidades (cons. v. 49). Wadi Abu Retemat (cons. Ritmá) fica perto de 'Ain Qadeis, a qual os modernos arqueólogos estão convencidos de que ficava perto de Cades-Barnéia (KD, Vol. III, pág. 243).

8. Deserto de Etã. Chamada Sur em Êx. 15:22, Era uma rota antiga usada pelos patriarcas (Gn. 16:7; 20:1; 24:62; 25:18 ; 26:22).

13. Dofca . . . Alus. Atualmente Dofca foi identificada como Serabit el-Kadim, um centro mineiro egípcio (G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, pág, 64). Todos os lugares mencionados nos versículos 5.12 se encontram na narrativa do Êxodo, exceto Dofca e Nus.

15. Refidim. Identificada pelos arqueólogos como Wadi Refaid, perto do Monte Sinai.

31. Moserote. Este é o lugar onde Arão morreu, de acordo com Dt. 10:6, 7. Ficava perto ou sobre o Monte Hor. Em Dt. 10:6, 7 estas cidades estão em ordem diferente, o que dá a idéia deste versículo (31) estar falando de viagens anteriores nesta região, enquanto que os versículos 37-39 coincidem com Dt. 10:6, 7; Nm. 20:22-29.

36. Ezium-Geber (Elate). Este é Tel el-Keleifé no litoral norte do Golfo de Ácaba, onde se descobriram as refinarias de cobre de Salomão.

42. Punom. Finam, ao norte de Edom, mencionada em fontes bizantinas, também era um centro mineiro de cobre (veja G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, Figura 35).

43. Obote. Identificada como 'Ain-el-Weiba, a oeste de Arabá, cerca de 48 kms ao sul do Mar Salgado.

46. Dibom-Gade. Dibam, alguns quilômetros ao norte de Amom. A tribo de Gade herdou-as dos amorreus, que a tomaram dos moabitas (21:27-30). Mais tarde veio a ser a capital de Moabe, de acordo com a inscrição de Mesha (835 A-C.).

49. Desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim. A extensão do acampamento de Israel, conforme se deduz do versículo, encaixa-se bem dentro dos grandes números apresentados pelas listas do recenseamento.

IX. Orientação para o Estabelecimento em Canaã. 33:50 – 35:34.

A. Expulsão dos Habitantes, Estabelecimento das Fronteiras, Divisão da Terra. 33:50 - 34:29.

A seção abre com uma fórmula introdutória (33:50), que se repete em 35:1: "Disse mais o Senhor a Moisés nas campina de Moabe, junto ao Jordão na altura de Jericó". Moisés instruiu Israel a que se destruísse todos os ídolos de pedra, imagens fundidas e os lugares altos do culto pagão encontrados em Canaã. Deviam expulsar os habitantes pagãos, pois se o deixassem de fazer, essa gente se transformaria em espinhos na carne e acabaria destruindo o próprio Israel.

O capítulo 34 é uma descrição das fronteiras ideais da futuro terra natal. Israel não alcançou essas fronteiras até os reinados de Davi e Salomão. Mesmo então obtiveram parte delas por meio de traição e não pela conquista. Finalmente ia-se dividir a terra segundo a herança, disse Deus, sob a supervisão de Josué e Eleazar, o sacerdote, coma ajuda de um príncipe de cada tribo.

33:52. Desapossareis de diante de vós todos os moradores. Destruireis todas as suas pedras com figura. (Veja W.F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, Figura, 27, sobre as placas de Astarte nos fins da Idade do Bronze).

54. Herdareis a terra por sortes, segundo as vossas famílias. O tamanho da herança era determinada pelo tamanho da tribo, mas a posição era determinada pela sorte.

Números 34

34:3. A banda do sul vos será desde o deserto de Zim até aos limites de Edom. Esta descrição geral, especificada nos dois versículos seguintes, é prova de que o domínio de Edom incluía território considerável a oeste de Arabá.

4. A subida de Acrabim (Desfiladeiro do Escorpião). Entre esta íngreme subida partindo do Arabá até Cades-Barnéia fica o irregular território montanhoso chamado Deserto de Zim. Por ele passava a fronteira do sul e então se desviava para o noroeste perto de Cades ('Ain Qadeis) seguindo o Wadi al'arish, ribeiro do Egito (v. 5), até o Mediterrâneo.

7. Este vos será o limite do norte: desde o Mar Grande marcareis ao monte Hor. Com exceção de lugares tão importantes como Hamate, o mar de Quinerete (Galiléia), e o Jordão, a maior parte dos pontos nas fronteiras do norte e leste não podem ser identificados com certeza (cons. comentário sobre 20:23).

15. Deste lado do Jordão, na altura de Jericó, da banda do oriente. Comentários de críticos destrutivos sobre estas palavras fornecem exemplo excelente de como a interpretação de Números tem sido obscurecida por causa de um método negativo. O ICC declara que "na altura de Jericó" é uma expressão inadequada para descrever a linha da fronteira das duas e meia tribos e que a frase foi escrita mecanicamente. De acordo com este ponto de vista, o IB declara que Jericó aqui está descrita como se ficasse ao leste, e portanto a sentença foi escrita em

Canaã, e que a menção de Jericó não é exatamente uma descrição completa do território pedido por essas tribos. Em um certo número de passagens (22:1; 26:3, 63; 34:15; 36:13) a frase usada foi *Yarden Yereho*, "O Jordão de Jericó". Números 34:15 e Is. 20:8 dizem: "a leste do Jordão de Jericó", e então se file refere como o todo da Transjordânia. O fato é que a palavra "Jordão" vem da palavra leste-mediterrânea introduzida por Caftorim e outro povo egeu (Dt. 2:23), e significa "o Rio" em sua terra natal, a Creta (C.H. Gordon, *Old Testament Times*, pág. 109, coment.). Portanto, todas estas passagens se referem ao "Rio (Jordão) de Jericó" e a toda a terra que lhe fica ao leste. O artigo definido foi usado quando a palavra Jordão está sozinha, mostrando que era um substantivo comum, não próprio. Ele é "O rio" daquela terra, e Jericó era a fortaleza mais impressionante daquele vale, portanto, "O Rio de Jericó".

17. São estes os nomes dos homens que vos repartirão a terra. Estes príncipes foram mencionados aproximadamente na ordem da colocação das tribos na terra, começando com Judá no sul até Naftali ao norte. Isto parece indicar que as sortes para a posição (33: 54) já foram lançadas e que estes versículos não fizeram parte do texto até que se desenrolassem os acontecimentos de Js. 14:1-5 (o lançar das sortes).

Números 35

B. Cidades dos Levitas e Cidades de Refúgio. 35:1-34.

Deus orientou o povo a dar aos levitas, da parte de Sua possessão, cidades para habitarem e as pastagens à volta delas. Seis dessas cidades seriam "cidades de refúgio" para os homicidas involuntários (não culposos). Quarenta e duas outras cidades dos levitas com pastagens deviam ser providenciadas para que os levitas as habitassem. O homicida involuntário (Dt. 19) foi definido como aquele que mata por acidente e deve ser protegido do *go'el*, "o parente remidor", o qual, entre outras coisas, era o vingador do sangue do irmão assassinado. A proteção do homicida involuntário era um princípio moral sublime que assegurava a

administração da justiça. O homicida devia fugir para uma destas cidades e ficar lá até que pudesse comparecer diante da congregação para julgamento. O Senhor aqui declarou que o homem que mata outro deve morrer, e, de acordo com o costume prevalecente, o vingador do sangue (parente do morto) devia matar o assassino. Este princípio da vingança, que continua sendo praticado pelos beduínos no Oriente Próximo, está apoiado neste capítulo. Age como um impedimento nas comunidades onde não há nenhuma ou pouca autoridade central estabelecida. Tal seria o caso em Israel durante muitos anos, até que se levantasse a Monarquia Unida. Mesmo se um homem fosse declarado judicialmente homicida involuntário, disse o Senhor, devia morar na cidade de refúgio até a morte do sumo sacerdote, depois do que podia retornar à sua própria cidade. O Senhor teve o cuidado de destacar que o homicida premeditado é culpado de **ódio e mau intento** (v. 20). Proteção subsequente para assegurar a justiça exigia que um homem não fosse condenado à morte só pelo testemunho de uma única pessoa (v. 30).

5. Medireis. Alguns acham que as medidas dados neste versículo transformam a cidade em um simples ponto (IB, Vol. 2, pág. 303). Atenção acurada ao texto hebraico mostra o seguinte. O versículo 4 diz, "desde o muro da cidade e para fora, serão de mil côvados". Uma tradução mais literal do versículo 5 seria, "Medireis do lado de fora com referência à cidade, do lado leste dois mil côvados" "Com referência à cidade" pode muito bem significar que estas medidas perimetrais eram adicionais às medidas da cidade, e qualquer cidade que fosse medida.

31. Não aceitareis resgate pela vida do homicida. Isto é, nenhum preço de resgate podia ser tomado para salvar a sua vida, nem podia o homicida casual pagar resgate para sair da cidade de refúgio. Considerando que o derramamento de sangue humano poluía cerimonialmente a terra na qual o Senhor habitava, nenhuma oferta de sacrifício animal ou pagamento em espécie podia purificar a terra, mas apenas o sangue daquele que derramara o sangue. Isto explica o conceito

do V.T. dos crimes de sangue (SI. 51:4,14) como um abuso à pureza de Deus.

Números 36

X. Casamento das Herdeiras. 36:1-13.

Anciãos da tribo de Manassés queixaram-se de que a legislação dada em relação às filhas de Zelofeade (cap. 27) resultaria na perda da porção herdada por Zelofeade, se as suas filhas se casassem fora de sua tribo. Moisés, sob autorização divina, concordou com isto e exigiu que as filhas de Zelofeade se casassem dentro de sua tribo, a de Manassés. A propriedade era inalienável e não podia ser transferida nem mesmo de tribo para tribo (v. 7).

O princípio da propriedade inalienável Israel já defendia, tal como outros povos do Oriente Próximo, antes de emergir como nação. Os contratos imobiliários de Nuzu, uma cidade do século quinze, ao norte da Mesopotâmia, centralizam-se neste princípio (cons. coment. sobre 27:4). Ele continuou controlando o pensamento dos israelitas fiéis até os dias de Acabe e Nabote (I Reis 21:3). Assim estas mulheres tiveram de se casar com primos paternos (Nm. 36:11), que poderiam ter sido seus segundos ou terceiros primos.

13. São estes os mandamentos. . . nas campinas de Moabe. Este versículo forma um epílogo adequado à Terceira Parte (caps. 26-36), a legislação que chamava a atenção exclusivamente para a entrada de Israel na Terra Prometida.